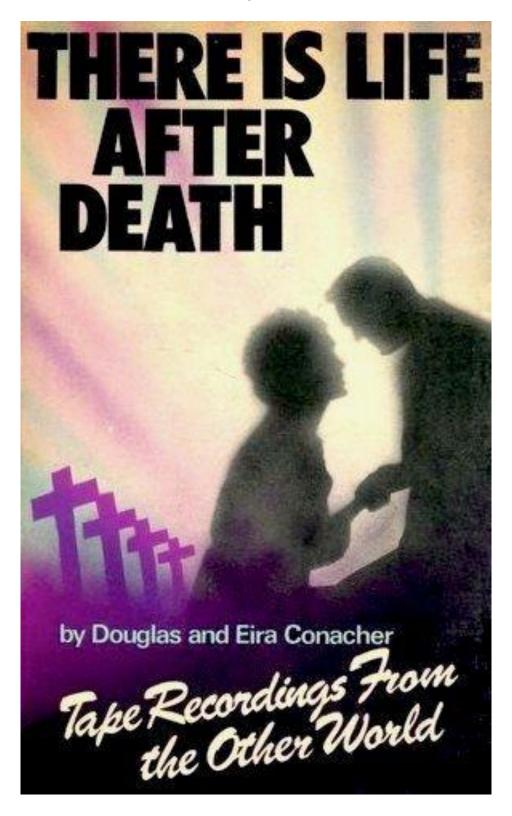
HÁ VIDA DEPOIS DA MORTE

Eira e Dougas Conacher

Tradução: Amadeu António Tavares Duarte

EXISTE VIDA APÓS A MORTE

Este livro, publicado em 1978 é o segundo de dois livros de transcrições compilados a partir de gravações de sessões de voz directa com o médium Leslie Flint, em que a viúva de Douglas Conacher a Sra. Eira Conacher veio a obter conhecimento sobre a vida nos reinos da ascensão da existência humana da parte do marido falecido Douglas. Eira escreveu na Introdução:

"Numa das primeiras sessões de voz directa que tive com o meu marido, ele disse-me que gostaria de se concentrar nesta forma de comunicação, com a ideia de prestar um serviço e de tentar acertar as ideias e a sua mensagem e conhecimento para os dedicar ao maior número possível, por meio do que espero um dia se torne num livro."

A primeira gravação foi feita pela Sra. Eira em 16 de outubro de 1959, um ano após a morte física do seu marido.

Douglas, através da voz directa:

"Ao produzir este livro, procuro colocar nas mãos de inúmeros leitores um guia para a verdade, como agora sei que representa; que a vida é verdadeiramente eterna e que a morte não passa da porta de entrada para a vida; que só se começa a viver quando se morre; que a morte é o começo de uma realização maior e de uma sabedoria maior.

"Ao mesmo tempo devemos perceber que a existência terrena é essencial. Na verdade, pode-se compará-la a uma sala de aulas na qual devemos aprender lições que são necessárias antes de entrarmos no maior mundo exterior do espírito. Em alguns casos, pode ser necessário retornar à sala de aulas por um breve espaço de tempo para aprender algumas lições que possamos ter falhado anteriormente.

"Talvez a alguns de nós, quando na terra, nos tenham ensinado coisas com toda a sinceridade pelos nossos professores que, no entanto, provaram estar erradas. Eu sinto que poderei ser colocado nessa categoria. Eu tive lições não necessariamente ensinadas por maus professores, mas devo dizer por professores mal informados e, embora não seja uma pessoa preconceituosa, eu cegamente aceitei certas coisas que agora sei que são falsas.

"No entanto, eu percebo muito bem as dificuldades dos que se encontram em lugares cimeiros, particularmente daqueles a quem talvez tenham dado um trabalho a fazer e procurem fazê-lo da melhor maneira possível, e que perpetuam muitas suposições que agora sei que carecem de verdade. Mas isto não é de modo

algum uma crítica, pois tudo o que eu digo e tudo o que me esforço por fazer, é feito com amor; o meu único objetivo, o meu único desejo, é servir.

"Voz (profunda, vibrante e com um sotaque francês): Estou tão contente de vir e falar consigo, Sra. Maconacher.

Eu: Quem é que fala, por favor?

Voz: "Maria. Maria. Você sabe, há muita gente que vem até vós deste lado; Além do seu marido, há muitas outras pessoas que estão interessadas em prestar serviço. Eu acho que você vai escrever muito por estar a receber uma grande dose de inspiração do nosso lado. Oui. Você vai fazer mais do que você imagina. O seu marido era um homem muito talentoso, mas ele não teve oportunidade de desenvolver certos aspectos da sua habilidade.

Douglas: "Sabes, desta vez este negócio deixa-me intrigado. Não tenho a menor ideia do tempo. Desde que eu aqui estive, eu achei muito difícil ter certeza sobre o tempo enquanto que tal. Na verdade, tenho uma maior consciência do tempo pela tua mente.

"Oh, eu acho maravilhoso poder vir falar contigo assim! Claro que não sei o aspecto que a minha voz tem. Tudo o que sei é que estou aqui e falar contigo através desta "caixa," que de uma forma notável transmite os meus pensamentos através do som. É bastante estranho; concentramos os nossos pensamentos, e a caixa de voz responde automaticamente. Suponho, que de certa forma, seja um pouco como na Terra; pensamos no que desejamos dizer e os nossos órgãos vocais respondem automaticamente, e fazem vibrar a atmosfera criando sons, e as pessoas ouvem os nossos pensamentos sob a forma de som.

"Isso é exatamente o que estou a fazer. Mas num certo sentido este mecanismo é artificial, o que possivelmente irá alterar a voz. Gostaria de me familiarizar mais com esta forma de comunicação para que eu possa fazer melhor. Eu quero ajudá-los.

Eu: Já viste o Rev. W. Stainton Moses ultimamente? (ele tinha sido visto e descrito por médiuns muitas vezes como tendo estado como o meu marido)

Douglas: "Tenho sim, e devo dizer que ele é uma pessoa maravilhosa, e que tem sido uma grande bênção e ajuda para mim. Nós entendemo-nos muito bem os dois. Achas o livro dele interessante?

Eu: "Acho. Ainda estou a lê-lo. O Rev. Maurice Elliot encontra-se agora do teu lado.

Douglas: "Sim, ele está connosco. Tive o prazer de me encontrar aqui com muitas pessoas que eu nunca conheci na Terra - o Rev. Drayton Tomas, por exemplo; E conheci Inge. Lembras-ta do Deão Inge?

Eu: "Eu lembro-me de quanto apreciaste os livros dele.
"Quando venho falar contigo, eu não sou exactamente sólido relativamente ao vosso mundo. É como um meio-termo. Tenho mais consciência dos teus pensamentos do que tenho do teu ser físico. Estou consciente do compartimento em que te sentas, por me ter sintonizado em certa medida com a atmosfera e a condição do lugar. Mas é realmente o aspecto mental que estás a receber, o pensamento que te está a ser transmitido artificialmente, conforme precisa ser; mas claro que tem as suas complicações. Eu vou melhorar assim que obter uma maior confiança e chegar a saber um pouco mais como é conseguido. Hoje sinto-me mais em sintonia, por assim dizer, do que provavelmente já estive antes.

"Eu não gostaria que as pessoas pensassem, como muitos fazem do vosso lado, que depois da morte vocês se tornam de repente muito angelicais; ou, caso vocês não tenham sido assim muito bons na Terra, vocês estejam condenados aos reinos inferiores.

Aqui as pessoas são como são, boas e más e indiferentes. Mas uma vez que a maioria das pessoas é uma combinação de tantas coisas, no início vocês entram numa condição de vida que é generalizada para a média das pessoas.

"Gradualmente, vocês evoluem, assimilam novos conhecimentos, conhecem nova gente que é muitas vezes mais avançada e que os pode ajudar e mostrar-lhes diversos estágios da vida. Vocês entram num novo espírito, por assim dizer.

"A morte é uma aventura tremenda! Significa começar num novo mundo, encontrar velhos amigos, travar novas amizades, obter novas vistas, experiências novas, livrar-se de todas as enfermidades e males do corpo; Poder pela primeira vez ter uma sensação de leveza sem ter de carregar um corpo que muitas vezes se tornara enfermo, doente e difícil.

Eu: "Eu gostei da comparação anterior que fizeste da morte como uma viagem que encetamos.

Douglas: "Sim, num certo sentido é uma viagem - uma viagem de descoberta. Mas muitas pessoas não se preparam para ela pelos pensamentos e ações - fazendo o que sabem no seu íntimo ser certo. O bem que carregam dentro de vós é, num certo sentido, a única bagagem que podem trazer convosco. As coisas que são Deus, as que há de mais elevado no homem - isso é o que o homem deve cultivar. É muita a bagagem que as pessoas precisam descartar e esquecer. O homem carrega muito

peso. Ele sobrecarrega-se com todo o tipo de pensamentos e de ideias e de responsabilidades que constituem uma desvantagem e um obstáculo. O homem deve aprender os verdadeiros valores e então só carregará o que é bom.

"A morte é algo a aguardar, se perceberem que é uma libertação de todos os males do mundo material. É como a crisálida e a borboleta. O homem é como a crisálida não totalmente consciente e perceptiva, ainda não libertada da prisão dos seus pensamentos. Quando ele for capaz de se afastar dos pensamentos e ideias materiais - então ele se tornará numa bela criatura espiritual e encontrará felicidade num reino espiritual.

Eu: "Mickey, nós sempre lhe chamamos de controlador do Sr. Flint. Poderia explicar o que isso significa, por favor?

Mickey: "Bom, eu suponho que um controlador seja alguém que se encarrega das diferentes condições que prevalecem na comunicação. É meu trabalho estar por perto do médium, e ajudar alguns dos recém-chegados. Aqueles que tiveram pouca ou nenhuma experiência de comunicação precisam de aconselhamento, e eu actuo no controlo das condições que prevalecem no momento da comunicação.

"No início, as pessoas do vosso lado e do nosso que não se acham familiarizadas com esta forma de comunicação ficam muito apreensivas, e eu tenho que me mostrar alegre e divertido para aliviar a tensão. Muitas vezes gera-se uma tensão formidável no ambiente de sessões como essas - as pessoas ficam muito ansiosas ou um pouco emocionadas, e precisam de calma e de diversão para fazê-las esquecer. Não é um trabalho fácil, mas eu adoro, e conheço todo tipo de pessoas.

Eu: "Você tem um trabalho muito importante, Mickey.

Mickey: "Sim, e é um trabalho para o qual nos precisamos treinar. Eu estive com este médium vários anos antes de me ser mesmo permitido comunicar e muito menos agir como controlador.

"As pessoas dizem: "Por que deverão enviar alguém como Mickey que por todas as evidências externas não parece muito avançado?" Mas o que eles não percebem é que, para podermos comunicar, não importa quem somos ou de que esfera vimos, precisamos baixar as nossas vibrações, a fim de nos harmonizarmos convosco e o vosso mundo, e isso em si não é uma tarefa fácil de fazer.

"Portanto, alguém como eu que durante um longo período treinou para fazer isto, pode ser de grande ajuda. Muitas vezes consigo transmitir mensagens quando os amigos espirituais acham difícil baixar as suas vibrações o suficiente para se comunicarem com o vosso lado.

Eu: "Eu acho que tu és avançado, mas assumes esse ar inocente!

Mickey: "Bem, eu faço o melhor que posso, tia. Eu vivo mais em dois mundos do que o comunicador médio. Para trabalhar com o médium, harmonizei-me com as vibrações dele, mas também tenho a minha própria existência separada, numa esfera inteiramente diferente. Num certo sentido, preciso viver em dois mundos ao mesmo tempo.

Douglas: "Tudo o que tem vida no vosso lado tem vida aqui. Mas as formas mais baixas de vida, tais como os répteis e os insectos e assim por diante, que são comuns no vosso mundo, não existem na mesma forma nos planos mais elevados. Todos eles passam por fases de evolução; Eles encontram-se todos num processo de mudança.

"Aqui não nos casamos - não existe o dar e receber no casamento, nem posse. Aqui não se deseja possuir outra pessoa em nenhum sentido. Achamo-nos em completa harmonia com a outra alma, tremendamente sintonizados, e temos pensamentos semelhantes, os mesmos pontos de vista, a mesma mentalidade. Não existe nascimento no sentido que vocês conhecem.

"Claro que tudo isso é lei natural também, mas não pode ser regulado por cerimônias materiais. Duas pessoas só permanecerão juntas quando forem absolutamente adequadas umas às outras, quando estiverem tão em sintonia, quando esse amor for tão avassalador, tão abrangente, que natural e instintivamente desejem ser como uma e ajudar-se mutuamente a expandir-se e crescer em estatura mental e espiritual.

"Aqui nada é encoberto. Tudo é gradualmente mostrado, na sua evolução. Se quisermos entrar em sintonia com alguém por quem sintamos admiração, podemos ver essa pessoa e pelo mero processo do pensamento, entrar numa condição da sua vida e da sua personalidade. Vemos eventos como eles realmente aconteceram na forma de picturização no éter, quase como se estivéssemos a assistir a uma tela de cinema - a uma tela de cinema.

"Na terra vivem num mundo que é realmente o produto de vidas passadas, de mentes passadas, e em certa medida vocês estão a sofrer da forma de pensar e de agir erradas de pessoas que aí estiveram antes de vós. O mundo está sempre a criar. Ao homem é dado livre-arbítrio e a oportunidade de fazer grandes coisas, e muitas vezes ele faz em certos sentidos. Mas, infelizmente, o homem também constrói e cria por meio da sua mente coisas menos afortunadas. As pessoas muitas vezes dizem: "Oh, por que permitirá Deus isto, e permitirá Deus permite aquilo?" mas Deus não interfere com o livre-arbítrio.

"Existem muitas, muitas esferas - ou seja, existem muitas condições de vida e muitas formas de desenvolvimento. Existem esferas aqui que são muito parecidas com as condições materiais e naturais da terra e, em certa medida, com o modo de vida terrestre. Não é senão até que se afastem do aspecto material da vida que vocês realmente começam a perder esse sentimento de que certas coisas sejam necessárias e que eles tenham que ser produzidas de certa maneira. É tudo uma questão de desenvolvimento e de evolução.

"Aqui vocês aprendem que basicamente todas as coisas são mente ou o poder do pensamento. O poder criativo vem de dentro. É a melhor parte do homem - a parte divina do homem - que produz essa beleza.

Eu: "Ontem, estive a tentar ajudar um jovem que ficou muito perturbado com a morte da sua mãe, a entender algo desta verdade, mas o comentário que fez foi: "Tudo parece óptimo, mas não pode ser provado."

Douglas: "Quando uma pessoa diz que é tudo muito interessante, mas que não pode ser provado, eu acho que ela está a ser tola. Pela simples razão de que, se ela não fazer um esforço, não pode esperar que esse conhecimento lhe venha a cair no colo. Se uma pessoa se esforçar sinceramente por descobrir a verdade, tudo está aí para ser descoberto, e ela será ajudada e orientada e não terá necessidade de temer.

Eu: "Podes-me falar sobre o governo do mundo em que te encontras?

Douglas: "Poder-se-ia dizer que estamos conscientes de um governo do ponto de vista de tudo se achar em ordem, de tudo estar a ser conduzido de forma ordenada. Vemos os resultados do governo, embora não tenhamos plena consciência daqueles que nos governem. Não existe coisa tal como um governo conforme vocês entendem o termo, e ainda assim há quem seja possua um desenvolvimento muito mais elevado e desenvolvido, que tem uma grande parte a desempenhar na vida de milhares e de milhões de almas e de organizações em cada estágio particular do ser.

Eu: "Que corpo estás a usar actualmente?

Douglas: "O corpo etérico.

Eu: "O corpo espiritual situa-se dentro do etérico?

Douglas: "O corpo espiritual, como tal, não é, num certo sentido, um corpo. Se pudermos perceber que, à medida que passamos por diferentes graus da experiência, ou talvez devamos dizer, estágios da evolução, nos deparamos com a

ocorrência de mudanças subtis e quase imperceptíveis. Embora não se sinta nada, temos consciência interior de certos aspectos da mudança.

“Eu não quero que penses que nos tornamos incorpóreos, apenas espírito e mente, por assim dizer, e numa força animadora. É verdade que esta força vivificante - este poder, esta parte do indestrutível que chamamos de Deus, este sopro de vida, seja qual for a maneira em que prefiram colocá-lo - é a realidade: Mas ainda somos indivíduos e reconhecíveis como tal. Aqui os animais têm liberdade para vaguear e para desfrutar da sua existência; Não existe medo na sua composição. Eles não se temem mutuamente nem au homem.

Eu: “Terá acontecido alguma coisa de particularmente excitante no estrato das esferas espirituais em que te encontras?

Douglas: “A resposta a isso seria que nunca é outra coisa senão excitante. Quando consideramos que milhões e milhões de pessoas para aqui vieram por gerações e gerações de tempo - em todos os diferentes graus de evolução, diferentes tipos de indivíduos, analfabetos, sem instrução, de todas as diferentes nacionalidades, de diferentes pontos de vista, com diferentes abordagens da vida - Toda essa imensidão é tal que até mesmo descrever a parte mais mínima parte disso exige descrição. Esta suposição de que a Terra seja o único mundo a considerar é errada por existirem vidas, pessoas, mundos que têm existido por séculos a séculos, há milhões e milhões de anos. Nesses outros mundos, a consciência das pessoas acha-se muito mais espiritualmente e psiquicamente avançada do que na Terra; o conhecimento que possuem é tremendo! Existem graus de inteligência muito mais avançados do que qualquer coisa conhecida na Terra. Na verdade, os povos de certos planetas estão muito preocupados com a terra, e na verdade têm vindo a tentar estabelecer contacto.

A grande maioria das pessoas desses outros planetas são em relação a toda a aparência exterior semelhante a nós mesmos, e muitos deles mentalmente também são muito semelhantes aos seres terrestres materiais; mas existem outras condições de vida em que os contornos e a forma diferem; Eu não poderia nem tentar descrever isso. O importante é que o poder do Espírito Santo se manifesta em muitas formas e de muitas maneiras.

Cristo não pode ser delimitado no sentido de que Ele muitas vezes o é. E, depois, uma vez mais, não devemos nos referir a ele como pessoa. Deus e Cristo são um - mas num sentido espiritual. As pessoas ficam confusas com tudo isso por lhe atribuírem um perfil e uma forma, por lhe atribuírem um nome e um título.

"É o poder do Espírito Santo a manifestar-se de muitas maneiras diferentes que é a própria vida. É o poder que gera em nós e através de nós e ao nosso redor. É isso

que nos torna parte dos seres espirituais divinos. Por possuirmos contornos e uma forma exteriores pensamos em nós próprios como povos. Mas não devemos pensar apenas na figura, na forma, no tamanho e na aparência dos nomes e dos títulos - devemos pensar no Espírito Santo, na força eterna que é a própria vida e que é gerada em todas as coisas. Existe vida eterna não só no ser humano, mas também no reino animal. As pessoas parecem pensar que os animais não têm vida além da matéria. Não é assim. Existe uma centelha de vida em todas as coisas que têm ser - um espírito eterno que a todo o tempo motiva uma vida nova.

Douglas: "O livro [Capítulos de Experiência] vai contribuir enormemente para despertar um enorme interesse. Agora, só terás que lhe dar andamento. Isso vai levar algum tempo, mas tê-lo-ás cumprido na perfeição.

Eu: "Só redigi a partir do gravador o que me disseste, querido.

Eu: "Que trabalho tens agora, querido?

Douglas: "Eu faço várias coisas. Eu sou um professor e visito vários planos, ou esferas onde milhares de almas se congregam e habitam diferentes níveis de consciência. Tento transmitir a essas pessoas algo que tenha vivido da vida que experimentei que está para além do seu conhecimento normal. Por outras palavras, tento erguer levantar o seu de conhecimento e de experiência. Mas não por meio do discurso como vocês o entendem. Podemos transmiti-lo pelas nossas forças de pensamento e reunindo as nossas experiências. Somos capazes de fazer vibrar a atmosfera. Somos capazes de transmitir em certos comprimentos de onda não apenas o que estamos a pensar, o que estamos a sentir, e o que estamos a expressar - mas podemos também imaginá-lo. Podemos transmitir imagens de pensamento. à medida que elas ouvem os nossos pensamentos como ondas sonoras, eles também veem na forma de imagem na atmosfera o que temos na ideia. É quase como um aparelho de televisão. Somos, num certo sentido, o que vocês chamariam transmissores. Você poderia dizer que não só estamos recebendo grupos, mas também somos capazes de emitir; nós somos capazes de emitir.

Eu: "Pareces trabalhar muito, querido.

Douglas: "Quando trabalhamos, sentimo-nos felizes. A percepção de que estamos a servir, a elevar, a orientar e em certos sentidos, a inspirar os outros, espero eu, e a procurar e a descobrir - esse é o tipo de trabalho que traz-nos alegria ao coração. A questão principal é que todos nós, mais ou menos de acordo com a experiência que temos, estamos a trabalhar para o melhoramento da raça humana, para a melhoria da humanidade. Cada um está contribuindo com a sua parte de acordo com a sua luz. Até mesmo aqueles que se encontram nos planos inferiores procuram - talvez nem sempre estejam cientes ou tenham consciência disso - no entanto, há a

consciência interior de algo que está em falta, eles precisam e eles precisam apenas de uma pequena orientação, de pouca ajuda, da pouca inspiração que podemos dar, para os colocar no caminho da progressão.

Somos todos instrumentos, minha querida. Tu és tanto um instrumento quanto o médium e o Mickey, e todos os outros que trabalham neste padrão que estamos a criar. Vemo-los a vós e aos outros como vocês como elos vitais numa cadeia que estamos a construir ao longo de um período de tempo terrestre. Quando ela estiver fortalecida, essa corrente terá tal poder que as pessoas no vosso mundo poderão entender um pouco mais, e a força disso as puxará para a percepção do espírito, para ser elevada por ela.

Eu: "Podes-me falar sobre as novas vibrações, o teu novo habitat conforme o designas?

Douglas: "Sim. É preciso perceber que não existe uma linha de demarcação entre um estado de ser e o seguinte; Há uma espécie de entrelaçado. No início, pode não ser consciente ou ter percepção de um novo estado do ser. Na maioria dos casos, isso virá gradualmente. Aconteceu isso comigo. Só posso dizer que era como se estivesse num estado de sono - a dormir, se quisermos - e então, em vez de despertar para a condição de vida à qual me acostumei, estava ciente de mudanças. O ambiente era diferente, toda a atmosfera se encontrava mais rarefeita, havia uma maior luminosidade. Inconscientemente, talvez, aceitamos tudo ao nosso redor e sobre nós como sendo natural e como o desejamos. Nós nos aclimatizamos e nos contentamos e aceitamos isso como uma coisa natural quer no vosso mundo ou nesta vida.

TRECHOS DE SESSÕES

Quando duas pessoas que na terra forem perfeitamente adequadas em todos os sentidos vêm para aqui, elas irão ficar juntas. Mas isso não significa que venham a emergir, e a tornar-se um no sentido que algumas pessoas presumem. Elas ainda permanecem espíritos individuais; elas ainda mantêm a sua própria perspectiva, pensamento e ideias. Embora possam apresentar uma enorme semelhança uma com a outra, ainda assim não perdem a identidade; poderão ser, de certa forma, como duas metades unidas a formar um todo perfeito, mas num sentido mais amplo, e não no sentido de perderem a individualidade e a personalidade ou a forma espiritual.

Seria correcto dizer que quando vivemos no nosso próprio ambiente aqui, somos felizes. Mas quando somos conscientes, como precisamos ser, se quisermos progredir em absoluto, acima das enormes necessidades da humanidade - não

necessariamente apenas no vosso mundo, mas também nas esferas inferiores da vida do nosso lado, onde as pessoas se encontram certamente muito pouco desenvolvidas, para dizer o mínimo, então, é claro, não podemos ser totalmente felizes na nossa própria felicidade. O maior obstáculo ao verdadeiro progresso é ter uma mente fechada ou ter uma visão estreita, seja no sentido religioso ou noutro sentido qualquer.

Eu: "Que concepção fazes de Deus?

Douglas: "Deus é uma força, uma força viva vital que é dinâmica, e presente dentro de toda a alma humana.

Eu: "Vais-me contar sobre mais alguma encarnação?

Douglas: Sim, espero ser capaz de o fazer. Isto é onde chegamos, de novo, ao processo do controlo do pensamento. É onde ficamos num determinado comprimento de onda, ou vibração, que pode estar associada a essa encarnação particular, e recebemos de volta, por assim dizer, a memória do passado por meio da qual poderemos tornar possível traçar-vos exemplos e experiências dela.

"Quando obtemos essa compreensão das almas-grupo, quando entendemos o que significam, voltamos à reencarnação de novo, por um grande número de pessoas que viveram em épocas anteriores fazerem parte dessas mesmas almas-grupo, e passarem por certas experiências essenciais para elas - não só individualmente, mas também enquanto grupo. Fazem parte deste todo extraordinário. Não há nenhuma razão pela qual todo o mundo da Terra não pudesse ser alterado de tal forma que pudesse realmente tornar-se num paraíso na Terra. Há muito que o homem poderia realizar, tanto que ele poderia descobrir, tantas bênçãos que ele poderia trazer à humanidade com a sua pesquisa e abordagem científica. Ao homem é dada inteligência e a oportunidade de se desenvolver. Mas tanto do que é descoberto não é usado como deveria ser - e é levado a um nível material baixa e usado, o muitas vezes, (lamento dizê-lo) em detrimento do homem. (. . .)

"Sentimos que a inspiração e a mensagem espiritual que trazemos poderia mudar o mundo inteiro; poderíamos trazer a evolução de um elevado grau ao homem, de modo que o mundo da terra realmente representaria um trampolim no melhor dos sentidos. Jamais haveria, pois, qualquer necessidade, por as encarnações, e, eventualmente, o vosso mundo se tornaria uma parte do nosso mundo; ao passo que conforme se encontra agora, constitui uma existência separada que nunca esteve destinado a ser.

* * *

Eu: “E o Leslie, também, é claro.

Douglas : Sim, o médium, abençoa-o, estamos muito gratos a ele por todo o seu esforço, pelo trabalho que fez, e pelas muitas oportunidades que ele nos deu. Espero que a sua saúde venha a continuar por muitos anos, de modo que nós possamos fazer este trabalho e ajudar muitas almas no vosso mundo.

“Estou a expressar, mestre, o quão feliz me sinto com o que sou. E quando não sou a identidade que de mim vês aqui, eu sou o que é: a plataforma a partir da qual todas as coisas saem, por o sétimo nível ser a totalidade do pensamento, que é o grande Vazio que mantém os vossos planetas em órbita, as vossas células juntos, e que abrange todas as coisas nos perímetros de todo o sempre. E quando vocês forem uma entidade do sétimo nível, não existirá mais coisa alguma tal como níveis. Só existirá o É. Nisso, transformamo-nos em todo o sentimento de todas as coisas, toda a sabedoria, todo o pensamento."

FALA SOBRE O CRISTO

(8/06/1965)

Douglas Conacher: O tempo na verdade não é nada mais do que uma ilusão. . .

Eira Conacher: (Comentário da esposa relacionado com o sétimo aniversário da passagem do marido para o mundo espiritual)

Douglas: Pois, a minha dita "passagem. . .” Muito pouca gente chega a perceber que a morte em si mesma representa um termo impróprio por não existir tal coisa. A morte representa uma passagem para a vida, mas poucos o percebem. É altamente extraordinário que as pessoas. . . quando pensam na morte de uma pessoa. . . para elas as recordações continuam e muitas vezes os seus pensamentos permanecem com essa pessoa mas elas consideram que isso represente uma separação, caso a pessoa falecida chegue a existir de todo, num tipo completamente estranho de mundo em que um dia possivelmente entrarão. . . mas que receiam sequer pensar seriamente e muito menos tentar estabelecer contacto. A vasta maioria das pessoas acha que seja uma coisa pavorosa. O que para mim é uma coisa extraordinária.

Afinal de contas, se pensarem em viajar para o estrangeiro, para outro pais em que nunca tenham estado, procurarão encontrar tudo quanto lhes possa dar a conhecer, comprarão livros se tal tiver cabimento no vosso orçamento, ou irão a uma biblioteca e trarão livros emprestados para descobrir tudo o que conseguirem, ou contactarão alguém que lá tenha estado a fim de descobrirem. . . É uma coisa estranha que achem pensem que seja errado estabelecer comunicação

com os chamados "mortos. . ." como se uma pessoa que esteja morta de repente seja algo que deva ser posto de lado. Isso a mim soa tão estranho!
Eu por vezes penso em mim próprio como se só existisse para falar contigo na forma natural a que estávamos acostumados na Terra, eu sinto que, embora num sentido seja natural, do vosso ponto de vista não acho que seja compreensível ou valorizável, não acho que alguém do vosso lado se importe por perceber as muitas dificuldades de modo que não nos sintamos atados com aquilo que te quero dizer e daquilo em relação ao que preciso decidir-me quanto a dizer-te isto ou aquilo, de modo que, assim que a oportunidade surgir decerto possa dar o melhor de que for capaz. Mas nunca chego a sentir que tenha dito mais do que um por cento do que esperava ou tinha intenção de te dizer (. . .)

Este é um processo de palavras, de transmissão do pensamento por meio do som, tentar descobrir maneiras de explicar algo que em certos aspectos é tão diferente e tão contrário ao mundo material em que vocês ainda existem. É verdade que o nosso mundo em determinados sentidos não difere muito da Terra; de facto há muitos aspectos da vida aqui que são tão parecidos. . . de facto acho que seja necessário e essencial que assim seja, em particular relativamente às pessoas que para aqui vêm por uma primeira vez, caso contrário acharão tudo tão estranho que se sentirão perdidos. . .

A realidade da vida é tão tremenda e sentimo-nos de tal modo vivos, como que pela primeira vez. . . tudo é novo e viçoso que nos sentimos cheios de vitalidade e de vida e de energia. Se pudessem perceber que tal sensação existe aqui, mas tanto mais que é como se sentíssemos como se tivéssemos sido iluminados. . . é algo que não consigo nem explicar, ao passo que quando somos jovens na Terra cansamo-nos e perdemos energia e precisamos de. . . aqui sentimos o tempo todo como se estivéssemos revitalizados, e tudo é de tal modo notável que temos vontade de experimentar tanto e tão rápido quanto pudermos, mas é claro que até aqui precisamos aprender a ser pacientes por não podermos assimilar demasiado em tão pouco tempo, caso contrário contrai-se um tipo de indigestão mental ou espiritual.

Mas penso que a maioria sente fortemente, em grande parte, quando aqui chega é uma tremenda vitalidade, esta sensação de benevolência, esta sensação de leveza, esta sensação de liberdade, esta sensação de ausência de preocupação ou de aflição indevida, tempo ilimitado para fazer ou experimentar tudo, tudo ao nosso redor é feito de beleza, cor na vida e na atmosfera uma tal sensação de estarmos vivos. . . É por isso que quando se fala das pessoas estarem mortas, é tão estúpido e tão contrário à realidade, por nunca nos termos sentido tão vivos como quando aqui nos encontramos. É fantástico, sabes. Quando examino a minha própria vida e penso nos múltiplos aspectos da minha vida, em particular da minha vida de negócios, na minha atitude mental, em particular a religião e o tipo de gente com

quem me associava, os meus amigos, e as conversas que tínhamos sobre religião... para mim tudo isso parece de tal modo afastado da realidade conforme agora a conheço...

É por isso que estou perfeitamente certo de que, se certas pessoas me ouvissem agora ou lessem o livro que vais publicar, achariam muito difícil acreditar que sou eu, por todo o meu ser estar completamente diferente. Achar-me-iam a mesma pessoa, com respeito ao carácter e à personalidade, no entanto há tantos aspectos do meu ser que estão diferentes; certamente que o meu aspecto mental está diferente, do ponto de vista do que se designa geralmente por religião, por aqui se viver a religião e se respirar religião no mais elevado dos sentidos - é a vida! As pessoas geralmente associam a religião à vida quando de facto pensam que seja uma coisa aparte, algo a que se presta um serviço - receio até dizer figura de retórica ao invés de uma coisa prática.

Mas a questão está em que se trata de uma religião viva, algo para que se deveria estar alerta caso se vivesse pela religião e se associassem às coisas que são de importância vital, por a maioria das pessoas andar ao redor das coisas triviais, algumas das quais sabem no seu íntimo serem destituídas de valor, mas atêm-se a valores errados e a velhos credos e dogmas e não percebem as verdades fundamentais das únicas coisas que importam, das únicas coisas que efectivamente perduram. Muitas das coisas que se associam à vida na Terra são as que, em si mesmas, são as que têm menos valor.

Para nós é apavorante, sabes, nós vemos o mundo do vosso lado a uma luz diferente, vemos as pessoas de uma maneira diferente e vemos a forma como levam vidas embotadas, vidas vãs, vidas depressivas; na verdade toda a sombra que envolve a Terra é uma coisa real para nós, como se por vezes se movessem numa espécie de nevoeiro, e esse nevoeiro é algo que o género humano criou pelo processo mental do pensamento, e consequentemente por o viverem, evidentemente, o que criou uma barreira É dessa barreira que o próprio homem é feito, o que torna difícil nós estabelecermos contacto.

As pessoas não parecem perceber que todo o tempo, por meio de tais acções... elas estabelecem uma espécie de véu entre o nosso mundo e o vosso, que se torna difícil de penetrar essa barreira.

(Fala de Jesus)... a sua própria vida foi uma vida de completa simplicidade. Um homem de origem humilde e de uma natureza humilde que não tinha qualquer desejo de posição nem de autoengrandecimento, na realidade ele permitiu-se livremente ser sacrificado, como de facto todos os verdadeiros cristãos, e há verdadeiros cristãos que seguiram o Cristo... devem ser o contrário do que são pela sua própria natureza se revelam por esta posição e grandeza. Por outras

palavras, o Cristo era um homem de origens humildes, que nasceu em humildes circunstâncias;. . . apreciar o facto de ter nascido no sentido normal e de forma normal e em condições normais, e que foi verdadeiramente um homem a esse respeito, porque quando perceberem que foi verdadeiramente um homem então vocês tornam-se numa realidade, e poderão dizer a vós próprios: "Eis aqui um homem que realmente se realizou, que na realidade se tornou num verdadeiro filho de Deus, O Filho de Deus, e eu posso segui-lo. E por causa disso Eu Sou. Eu posso por conseguinte ser luz e um homem, conforme ele disse que se podia tornar."

Foi por causa disso, é claro, que se gerou desmembramento por entre os seus discípulos, enquanto em si mesmos eram homens rudes nos objectivos e propósitos, mas seja como for, que olhavam para Jesus como um indivíduo que detinha poder que eles não compreendiam por completo e que pensavam podia ser usado de uma forma material a fim de produzir - conforme a ideia que tinham - a salvação do povo Judeu, ou seja, olhavam-no tanto no sentido político quanto no sentido espiritual, tentaram usá-lo em benefício material, e embora fossem homens de boa índole, conforme alguns que depois de Jesus procederam conforme ele tinha dito para procederem, mesmo assim, pela sua própria natureza, vacilavam muito; e em determinadas alturas causaram sem dúvida a Jesus uma enorme aflição e angústia, por ele lhes tentar transmitir o seu espírito e a sua maneira de pensar e a sua maneira de viver, mas a despeito da adoração do Cristo, eles ainda estavam muitos homens, ainda estavam muito mutilados, sem rutilo.

Creio que, se a Igreja pudesse rever a sua maneira de pensar acerca de Jesus e dos seus discípulos e do ministério e vida de Jesus, se conseguissem abordar isso de um aspecto diferente. Ela criou em torno da figura de Jesus algo com que ele próprio não se interessava, criaram um religião em torno dele, e Jesus não tinha literalmente tempo nenhum para a religião e na verdade combatia a religião como poderão ver pelo caso do templo e dos cambistas, conforme sabem que ele era muito, em diversos os mais díspares, contra o pensamento ortodoxo e contra os que ocupavam os lugares cimeiros, os sacerdotes por exemplo. Ele não tinha tempo para o poder nem para a posição.

Em certo sentido respeitava aqueles a quem enquanto autoridades tinha que obedecer, mas ao mesmo tempo era um homem de uma imensa sabedoria e de uma grande perspicácia. Ele percebia que certos aspectos do viver material precisavam ser considerados e seguidos e aceites, mas ao mesmo tempo percebia as coisas fundamentais que realmente importam, as coisas da mente e do espírito, as coisas que não podiam sofrer decadência, conforme habitualmente dizia: "Na casa de meu pai há muitas mansões."

Por outras palavras, que existem muitas classes de existência nas esferas do chamado "céu." Ou seja, existem muitos planos para que o homem pode avançar de acordo com o seu desenvolvimento ou evolução. Cristo não pretendia ser Deus, Cristo não pretendia tornar-se num líder no sentido que o homem criou tal liderança pela sua imaginação. Vocês aprendem a adorar a Jesus quando Jesus era a última pessoa a desejar tal adoração. Jesus não esperava nem desejava que o colocassem num pedestal; de facto era exactamente aquilo que ele mais abominava; ele não desejava qualquer posição, mas desejava apenas que as pessoas vissem a simplicidade da maneira de viver que lhes traria libertação das dores e do sofrimento que os assediava, ao mesmo tempo que sabia que examinando a via da correcção e da verdade no mundo material, pelo menos por um tempo, criaria alguns estragos que não se podia evitar, por a questão toda assentar no facto de Cristo saber que, até certo ponto se superarem terão que sofrer, mas é quando se percebe a imensidão da vida eterna que se torna insignificante o que o homem tem que sofrer na curta duração do tempo da existência terrena.

Cristo não entendia, como muitas pessoas parecem pensar que tenha entendido, da forma estreita ou confinada, como a sua doutrina foi desenvolvida, ou deverei dizer, veio a ser posta em conformidade. A Igreja sempre restringiu a verdade, sempre se opôs à verdade, sempre se esforçou por sufocar aqueles que pensavam pela própria cabeça ou que iniciavam um novo caminho ou uma nova linha de pensamento. Cristo sabia que aquilo que ensinava era o começo e chegou a dizer: "Isto e coisas mais grandiosas fareis vocês, porquanto eu vou para o meu Pai," querendo dizer que o homem possuía dentro de si o poder e a capacidade de realizar e de fazer o que ele realizou e fez. Toda a questão assenta no facto de que durante séculos se esforçou por confundir Cristo na sua estreita concepção; não só ele e a sua riqueza como também tentaram fazer de Cristo algo que se acha de longe afastado da realidade. Cristo foi uma expressão da vontade e do propósito de Deus mas não passou do começo do que poderia ter representado uma tremenda busca externa da verdade e da iluminação.

O homem presume que Cristo seja, não só Deus na Terra, mas que seja o poder omnipotente que torna todas as coisas possíveis; por outras palavras aqueles dotados de uma atitude mental confinada precisem ser adaptados com respeito a Cristo. Cristo não foi o princípio do fim, Cristo foi um seguidor de outros grandes profetas e videntes. Cristo pavimentou o caminho no seu próprio tempo, mas eventualmente sabemos que os seus ensinamentos tiveram efeito noutros lados, de facto tiveram um grandioso efeito até mesmo hoje no vosso mundo. Mas a tragédia está em que ao longo dos anos e das eras foram de tal modo restringidos, quando deviam ser amplos e libérrimos e abertos e votados à expansão. O poder do pensamento de Cristo emanaria por toda a parte se as pessoas os percebessem e os aceitassem e lhes abrissem as suas mentes. Não são um livro fechado que a Igreja

prega os ensinamentos de Cristo em nome do Cristianismo num sentido fechado, de modo a poderem dizer que o capítulo começa aqui e o livro acaba ali, e isso é tudo quanto compreende, e nada mais além disso, o que evidentemente é estúpido. Cristo foi uma grande mestre, um grande profeta, um grande homem, um grande realizador da verdade da vida eterna, verdade essa que transmitiu aos discípulos, que eles interpretaram a seu modo e no seu próprio tempo a fim de seguir o seu exemplo e sofreram em consequência.

Mas a questão está em que a Igreja permanece estacionária, estagnou, e parece não compreender que Cristo era a favor do progresso. E em vez da Igreja ter progredido conforme deveria ter feito e devia ter a mente em sintonia e em contacto como uma só mente com Cristo e aqueles seres angélicos que sempre referem o Cristo; não só de expulsar o mal mas gerar muito do domínio do espírito. Ele estava em constante comunicação com os chamados "mortos." Na realidade todo o trabalho e doutrina do Cristo prova ou devia provar àqueles que deviam assinalar e estudar e buscar e descobrir que Cristo foi um grande instrumento, um grande médium que esteve permanentemente em comunicação. E quando ele realizava um milagre ou tornava possível a realização do que parecia a ocorrência de um milagre, ele usava as forças psíquicas e espirituais que emanavam dos domínios do espírito. Ele encontrava-se em constante comunicação com diversas entidades e almas.

De facto é provável que Cristo tenha sido o maior dos instrumentos ou médiuns. Ele usou da mediunidade por muitas e muitas maneiras, que a Igreja negou e que a Igreja passou a recear. Na verdade a Igreja, segundo me parece, tem pavor de fazer as coisas que Cristo disse que deviam fazer a fim de aceder às autoestradas e aos atalhos para curar os doentes e os sofredores, e o próprio Cristo muitas vezes preferia fazer as coisas que o homem devia fazer: o dom de falar por línguas, Cristo conhecia todas essas coisas; na verdade aquelas coisas que nós referimos em linguagem moderna como "psíquico," Cristo tinha conhecimento dos planos elevados que evidentemente eles experimentaram. Cristo veio para mostrar o caminho, caminho esse que infelizmente foi quebrado em diferentes estados, diferentes credos e organizações, todas quantas se encontram perdidas; de facto, olha para a Igreja Cristã cujas suas diferentes denominações refiro como um enorme labirinto, elas entram nelas mas muito poucas sabem como encontrar o caminho de saída.

Eira: (Ri) O teu senso de humor está na mesma, querido.

Douglas: É verdade! Eles fabricaram a verdade do Cristo, a verdade cristã, a doutrina do Cristo. Eles criaram um edifício que num certo sentido serve como um enorme labirinto em que uns veem aos outros em busca de uma saída e sem que ninguém encontre o caminho de saída para campo aberto e claro onde possam

encontrar uma experiência fresca. Andam todos ao redor do labirinto que eles próprios criaram na sua ignorância ao longo dos séculos. E não precisamos que nos recordam das coisas terríveis que sucederam em nome do Cristianismo, em que sucederam acontecimentos terríveis (. . .)

Minha querida, não estou a sugerir nem por um instante que não sejam pessoas sinceras que se esforçam por fazer aquilo que em certos casos fazem extremamente bem, e que em si mesmas são sinceras, mas o que penso ser assustador é a forma como limitam o Cristo, o limitam a tal ponto que se torna inacessível e incomparável; colocam-no num pedestal e pintam um retracto que com toda a franqueza constitui um conto de fadas que leva as pessoas a sentir que não podem chegar a ter qualquer ligação alguma, que possivelmente não podem ter qualquer comunicação com ele. . .

Eira: Posso só perguntar se Jesus terá parecido um Judeu na aparência?

Douglas: Essa é uma outra falácia. Vocês têm esta figura de um cavalheiro dotado de uma cabeça bem proporcionada e de um rosto comprido, que anda de vestes brancas e que supostamente seja Jesus. Claro que essa é a interpretação que o homem branco faz, e não vejo razão para que o homem de pele escura ou o negro não deva ter adoptado o retracto de um cavalheiro de cor. Mas a coisa é toda de tal modo estúpida. . . É claro que Jesus nasceu no seio do povo Judeu, e em certa medida obviamente tinha um aspecto Judeu, mas a questão está em que, aqui, embora até certo ponto retenhamos a aparência externa conforme a que conhecemos na terra durante incontáveis séculos de evolução no tempo, nós passamos por uma transição e mudamos, mas claro que tudo quanto de íntimo temos de bom sobressai e fisicamente tem a capacidade de nos transformar a aparência.

Por exemplo, uma pessoa que na Terra tenha tido uma certa aparência que tenha levado uma vida muito material, que se evidenciasse muito no rosto e nas características, não se transformará de repente em algo de aspecto muito belo, mas a questão está em que o Cristo teve aquela esplêndida realização da verdade quando esteve na Terra; ele quase lutava pela verdade e por expressar a verdade e por expressar vontade e propósito entre os homens; ele era realmente um ser espiritual e em consequência foi um homem de respeito e de estima, belo de contemplar, mas suponho que quanto às características, nesse sentido, tinha a aparência Judia.

Eira: Pois, mas é estupendo querido, e um dia destes posso acabar por fazer parte da associação dos estudos psíquicos ou espirituais e eles vão gostar de saber disso, não?

Douglas: Gostaria de pensar que lhes agradaria pensar que sim. (Falam ambos ao mesmo tempo) Mas quão preparados estarão eles para o aceitar? Entende, a questão que coloco é a seguinte - e talvez esteja a ser descortês, mas não posso evitar dizer o que sinto e penso. A maioria das pessoas aceitará, quer dizer, se sentir interesse por estas coisas, aceitará o que é referido pelo espírito caso esteja de acordo com o predeterminado e esteja em conformidade com as ideias desejadas.

Eira: Estou a entender. Da próxima vez gostava de saber se poderás contar-me sobre as encarnações, por eu acreditar que tenha sido irmã (. . .) de alguém em espírito, antes. . .

Douglas: Bom, isso é uma coisa que frequentemente gostaria de discutir. Espero que numa data posterior possamos discutir em profundidade as encarnações. Penso que é muito importante compreender que não há dúvida de que o próprio Cristo esteve encarnado e que reencarnou em diversas ocasiões. Entende, em todas as eras. . . e o homem (e utilizo o termo "homem" do ponto de vista da aparência física, mas alguém assim dotado de inclinação espiritual e assim espiritualmente inspirado que carrega aos seus ombros o resto das pessoas. Por outras palavras, cada era produz grandiosos profetas e mestres na linha do Cristo ou na tradição e na forma de pensar do Cristo. Essa é a tragédia que sinto tão fortemente, entendes, que os cristãos presumam que Cristo tenha sido o grande e único mestre. Quer dizer, eles têm a ideia de que Cristo veio pela religião e de que a religião deles é a única religião que importa.

A sua é a Religião e de que as dos outros é insignificante em comparação, o que é um erro crasso, por não ter nada que ver com a raça, nada que ver com nações ou classes. Mas o que tem importância é que o poder do espírito santo se manifestou através da humanidade por múltiplas formas e por múltiplas maneiras. Assim que se perde a ideia da concepção estreita de Deus; por outras palavras, de que Deus tenha criado o seu único filho e o tenha enviado para o mundo a fim de pregar o evangelho aos povos. . . Essa é a grande falácia. Cristo não pode ser diminuído no sentido em que habitualmente é diminuído. Mas uma vez mais não devemos referir-nos a ele como uma pessoa.

Deus e Cristo para o efeito perfazem um, mas no sentido espiritual. A coisa toda resume-se no facto das pessoas se confundirem devido ao facto de lhe atribuírem forma e feitio, nome, por lhe atribuírem tanto da natureza e concepção material que toda a abordagem acaba errada. Precisam largar essa atitude e pensar num sentido mais amplo no poder do espírito que se manifesta a si mesmo por múltiplos e diferentes valores. E é esse poder do espírito santo que é a própria vida, é esse poder que gera em nós, por nós e ao nosso redor. É isso que faz de nós parte de um plano divino; é isso que nos dá vida eterna; nós realmente somos

seres espirituais, mas por termos formas e contornos externos pensamos em nós como pessoas, o que num certo sentido é exacto, só que não devemos pensar somente na figura e na forma e no tamanho e aparência e nomes e títulos, devemos pensar no espírito santo, aquela parte eterna que se traduz pela própria vida e que produz todas as coisas. Existe vida e existe a vida eterna; não só nos humanos mas em todos os diversos reinos.

O reino animal, por exemplo, as pessoas pensam que os animais não possuem vida para além da material. Não é assim; existe uma centelha vital de vida em todas as coisas que possuem ser e que respiram e que são dotadas da própria vida. Isso é o espírito eterno que a toda a hora motiva nova vida. Desejaria encontrar maneira e palavras de. . . Não te peço que aceites o que te digo; devemos tentar sempre ter uma mente completamente livre, completamente desembaraçada, completamente aberta. Não devemos ser dogmáticos e dizer: "Eu acredito nisto e isso para mim é sagrado, e não aceitarei mais nada," conforme tanta gente faz na Terra com a religião que segue, quer seja cristã ou maometana. As pessoas parecem presumir que a sua religião seja a única coisa que importa, e que tudo o mais seja falso.

Existe verdade em todas as coisas; se ao menos procurassem aquele pequeno grão e o plantassem, ele cresceria e desabrocharia, e vocês veriam que existem muitas nuanças e muitas classes e graus, que existe beleza, verdade e vida em todas as coisas. Mas nunca devemos presumir que conhecemos todas as respostas; nunca devemos presumir que a nossa religião seja a única religião, ou que o nosso Deus seja o único Deus. Não devemos pensar de forma tão estreita. Nisso reside a tragédia que o homem criou destruição e infelicidade durante um incontável número de anos por causa da sua mentalidade estreita, por ele achar que aquilo em que acredita seja a única verdade. A verdade precisa ser livre, precisa ser abrangente, precisa estar permanentemente aberta à mudança, sempre aberta a novas ideias, a novos pensamentos, a novas verdades. Por outras palavras, a verdade é de tal modo vasta que se pode obter uma enorme sabedoria a partir da verdade.

Quando estamos na Terra em particular, que só precisamos que se nos apresente um pequeno grão dela. Mas devemos naturalmente cuidar dela e desenvolvê-la para que ela se espalhe a si mesma e cresça. Mas por termos uma flor bela num pote não devemos presumir que ela seja tudo quanto existe, quando por todo o lado ao nosso redor existe um incontável número de flores, grandes jardins floridos, tudo florações da verdade. Podemos entrar nesse jardim e sentir-nos livres e partilhar da sua beleza e desfrutá-lo e valorizá-lo e começar a compreendê-lo e começar a tornar-se parte dele, porque então poderemos ver as vastas vistas que se nos apresentam pela frente. Mas um homem enfia uma planta num pote, e depois rega-a ocasionalmente para que não morra, e essa passa a ser a única

verdade, a única planta, a única verdadeira religião. Essa é a insensatez do homem. Seja como for, devemos falar de outras coisas, encarnações, mais sobre o Cristo.

FALA SOBRE A MORTE E OS PLANOS DE EXISTÊNCIA

(16/06/1965)

Eira: Estávamos a falar do teu sorriso, querido.

Douglas: Ah! És clarividente?

Eira. Não, (ri) não. Mas o guia costuma chamar-te o homem do grandioso sorriso.

Douglas: Pois bem, eu aprendi a sorrir há pouco. Sinto-me extremamente feliz, tanto que por vezes penso que te deverá parecer o velho ditado: "quão felizes estamos." É claro que nos sentimos extremamente felizes mas de um modo que não chega verdadeiramente a explicar plenamente; tanto mais que não conseguimos explicar relativamente à vida que aqui levamos, que induz em nós tanta alegria e felicidade.

Quer dizer, eu sinto-me simplesmente muito contente; é evidente que a maioria diz que se sente feliz, mas a questão está em que nunca parecemos ser capazes... Decididamente eu sinto ser capaz... eu sou capaz de dizer exactamente porque me sinto tão contente. Há tantas razões para nos sentirmos tão contentes! Se ao menos encontrássemos maneira de o descrever de modo a conseguirem compreender completamente como a vida aqui é... por ser tão vasta na concepção e tão formidável na oportunidade que estende, e por haver tanto que nos apela ao interesse que jamais nos sentimos em baixo... por não existir aqui qualquer razão para nos sentirmos em baixo, ou deprimidos ou infelizes ou o que quer que seja, que não seja agradável por ter lugar em nós próprios. Muita gente encontra uma enorme dificuldade em se ajustar e em mudar o seu pensar e as perspectivas que tem.

Uma pessoa não é mais nem menos aquilo que é em função do seu pensar, e infelizmente há quem ainda pense de modo material, e por vezes, é claro, como muito bem sabem disso, encontram-se muito perto, encontram-se muito apegadas à Terra e fazem toda a sorte de coisas materiais, porquanto muito embora tenham deixado o corpo ainda se apegam às coisas que recordam, às coisas que ainda consideram importantes. E por ainda pensarem dentro dessa linha, apegam-se às ideias que têm e em consequência não são felizes, por se encontrarem como que entre dois mundos, e nem estarem num nem no outro. Encontram-se numa espécie de estado mental que francamente constitui um estado bastante infeliz, por não se conseguirem libertar das velhas ideias, dos velhos pensamentos que tinham. E é por isso que sempre repetem uma e outra vez a percepção que têm dos ensinamentos da Igreja, que são contrários à realidade efectiva. Algumas pessoas ainda se agarram às velhas ideias e dogmas e assim; por uma ou outra razão ainda

acham que seja o melhor por possuírem mais conhecimento ou percepção, mas não se sentem felizes com tal conhecimento ou com a chamada percepção que têm relativamente àquilo que consideram ser as realidades.

De facto elas próprias tornam-se extremamente infelizes, e insatisfeitas, vivem em comunidades onde vivem exactamente na mesma, conforme faziam na Terra, com os seus serviços religiosos e hinos e orações e mais não sei o que mais, e muitas delas creem sinceramente que voltarão à Terra para aí viver; que renascerão. Não direi que no caso da maioria das pessoas isso perdure por muito tempo, por muita gente breve perceber a futilidade disso, e por começarem a pesquisar e a buscar; só que essa busca e pesquisa deveria ter início do vosso lado. Esta é a maior reivindicação que oponho à Igreja, por manter as pessoas na ignorância relativamente a essas ideias e credos superficiais que impedem as pessoas de pensar adequadamente e com clareza com respeito a essas coisas.

Quando vocês cegamente aceitam uma coisa dizendo: "Ah, pois, eu aceito que assim seja," e o aceitam sem qualquer reflexão mais acentuada, e se sobrecarregam e ficam atados a essas ideias, e há milhares e milhares de pessoas que ainda se agarram a essa ideia de estarem de retorno à Terra em corpos materiais no grandioso dia da ressurreição; elas acreditam sinceramente na ressurreição do corpo físico. A simples doutrina disso implanta nas pessoas a ideia de que o corpo físico e de que o mundo físico sejam aquilo que possui importância. Em vez de ensinarem com respeito ao corpo espiritual e ao mundo espiritual, e com respeito a deixar para trás as coisas terrenas e as ideias terrenas, e a livrar-se dessa ideia de reis e de pessoas de posição e em lugares cimeiros.

Por outras palavras, a vasta maioria da mentalidade dos cristãos, do chamado pensamento e acção cristã, essa ideia de um Deus externo situado num trono imaculado à espera de julgar os actos dos mortos, etc., embora não (...) inferno enquanto que tal, ou no sentido de um céu absoluto, mas a questão está em que essas ideias como as do acto da prestação de contas ainda se mantêm – o que obviamente, e num certo sentido é verídico, por prestarmos essas contas no nosso próprio íntimo – mas existe um "Livro da Vida," embora não seja nenhum livro da vida que seja lido por o tal homem de branco sentado no trono, mas é algo que contemos em nós próprios; nós carregamos esse registo connosco, e é quando percebemos que somos conforme somos, que somos conhecidos como somos por todos - por esse registo se achar aberto para todos quantos o queiram ver e ser algo que comportamos de forma tangível connosco.

Ou seja, assim que percebemos a realidade de tudo isso e começamos a pensar de modo diferente – razão porque continuamente repito a importância de mudarem a vossa forma de pensar e consequentemente de mudarem a vossa acção, que é o que tem importância, na Terra, desse vosso lado - mas se derem uma enorme importância a isso conseguirão, isso é que importa, afastar-se dessas ideias externas, livrar-se desses pensamentos estúpidos e dogmáticos, e tentar perceber

que são um ser espiritual enquanto se encontram na Terra, que possuem faculdades espirituais e poderes espirituais que podem desenvolver e manifestar, e que podem em grande medida trazer à existência, e num certo sentido pelo menos utilizar esses poderes para o bem não só de vós próprios mas dos outros.

Por outras palavras, há tanto que foi tão mal-interpretado e incompreendido que as pessoas parecem não perceber o poder que contêm nelas próprias, que deviam manifestar-se enquanto estão na terra, e não esperar até aqui chegarem.

Eira: Querido, tenho estado ultimamente a revisar o teu livro e acho que o início não é tão bom quanto o resto. Gostaria de saber se poderás dizer algumas palavras para um preâmbulo sobre como realmente é a morte e como as pessoas dão por si e quais as reacções iniciais que têm para com o mundo espiritual. Será pedir demais? (Douglas: Não, não é.) É porque é algo que me apoquenta em relação ao livro; o começo não é suficientemente pessoal.

Douglas: Nesse caso preciso pensar. Eu tinha composto na minha mente, nas minhas ideias, para ser capaz de. . .

Eira: Na semana passada disseste-me o que a morte realmente representa, mas não gostava de o aceitar fora de contexto; poderias de novo dizer-mo, de modo a poder ser explicado a todos nós?

Douglas: Bom, penso que todo o conceito que o homem faz da morte, no geral, se acha obviamente completamente errado, e é óbvio que é o medo que predomina na mente do homem com respeito à morte. O homem teme a morte, ela é algo que normalmente nem sequer deseja discutir ou mencionar, é algo de que ele sente pavor ao envelhecer e ao perceber que se está a aproximar dela. E consequentemente, por vezes é evidente que ele começa a pensar de uma forma mais séria e aprofundada sobre a religião, mas claro que, conforme bem sabem, é sobre a religião ortodoxa que começam a pensar.

Invariavelmente, caso se atrevam a ir além na busca ou consideração que fazem, aceitam a bem ou a mal sem reflectir em profundidade no que realmente se acha por detrás do dogma da Igreja. E infelizmente, conforme vocês bem sabem, a Igreja em si mesma não ensina - não no verdadeiro sentido conforme me é dado entendê-lo – sobre a realidade do pós-morte. Ela pouca fala acerca da vida posterior à morte e refere mais ou menos que se aceitarem ou acreditarem na doutrina do Cristo, se acreditarem que Cristo tenha sido o Filho de Deus, se aceitarem plenamente o Cristo então estarão automaticamente salvos, o que realmente não. . . não digo que não faça sentido, ou que não contenha um certo sentido, só que da forma que é pregado constitui mais uma barreira do que uma ajuda para o indivíduo que aqui chega por uma primeira vez.

Eu acho que é essencial que aqueles que buscam a verdade devam ter uma mente absoluta e completamente aberta, e que percebam que durante gerações muitos

aspectos da verdade foram filtrados deste para o vosso mundo e que todos esses aspectos da verdade têm relação com o facto. Mas embora Cristo tenha sido um grande mestre, um grande profeta, um grande vidente, o homem que trouxe a verdade ao mundo, precisamos lembrar e perceber que Cristo demonstrou plenamente por mais do que um modo a realidade da vida pós-morte ao aparecer aos seus discípulos e a outros, ao aparecer no cenáculo quando eles duvidaram e ao se materializar o suficiente para que pudesse ser visto e sentido. . . Por outras palavras, Cristo demonstrou por todas as formas possíveis ao seu alcance a realidade da vida eterna, só que a Igreja parece aceitar a ideia de que com Cristo tenha sido diferente, e de que nem antes nem depois tal coisa terá sucedido, o que possivelmente é a pior coisa que poderia ter acontecido (enfaticamente).

Por Cristo ter dito que se quisermos seguir o testamento, grandes coisas chegaremos a fazer. Por outras palavras, sugeriu de uma forma distinta que o que conseguiu e fez é literalmente o que pode ser conseguido e feito, e de facto não resta dúvida de que as coisas que Cristo demonstrou ainda ocorrem, e essas ocorrências prestam-se a comprovar à humanidade a realidade da vida do espírito, a comprovar que a morte não é o fim mas apenas o começo, num certo sentido de uma realização mais grandiosa e de uma maior sabedoria.

O homem não deveria temer a morte mas acolhê-la; ele devia perceber que a morte é a porta por que todos devemos passar para uma vida maior e mais completa. Não é algo que se deva por de parte, afastar de si, e recusar pensar e discutir, ou desinteressar-se até que o tempo chegue. Tanta gente já se afirmou: “Ah, quando o tempo vier será suficientemente.” Não é; sempre se deveriam interessar pela morte, percebendo que a morte é vida, vida eterna, vida plena, uma vida maravilhosa e detentora de uma maior realização e oportunidade, de uma maior possibilidades e de uma maior alegria e felicidade em que renovamos os conhecimentos e onde revemos os entes queridos que tenham partido antes de vós.

Por outras palavras, é um tempo de reunião e de regozijo, um tempo de alegria e de libertação da dor e do sofrimento, da depressão e da infelicidade; um tempo de entrada num mundo da realidade afastado de um mundo que em grande medida, para muitos, tem sido um mundo de irrealidade. Por a pessoa dotada de sensibilidade, a pessoa que esteja em harmonia com as coisas da mente e do espírito dever perceber que de todas as coisas relativas a nós e de que nos cercamos, muitas das coisas que parecem ser importantes são, em si mesmas, as que menos importância têm. As coisas importantes são as coisas da mente e do espírito; essas são as coisas que perduram e que são eternas, as coisas que são divinas, as coisas por que vivemos, e em função do que continuaremos a viver.

E o pior de nós mesmos, são os aspectos da vida material que causam o maior índice de estresse e que muitas vezes levam algumas pessoas a gerar o estado mais infeliz do ser. Essas são as coisas que gradualmente devíamos largar à medida que

elevamos as ideias para as esferas superiores e percebemos a imensidão e as tremendas possibilidades que se nos estendem por altura da morte. Assim, devíamos regozijar-nos e não nos deixar abater pela tristeza nem pela depressão; devemos ansiar por ela. Não devemos, conforme frequentemente fazemos na Terra, duvidar dela. . .

Eira: Certa vez afirmaste que se assemelha a uma viagem que empreendemos.

Douglas: Pois, num certo sentido representa uma viagem, uma viagem de descoberta, uma viagem para a qual há muito nos preparamos, embora a questão efectivamente esteja no facto de que muitos não se preparam, tanto nos seus pensamentos como nas acções. Mas isso são as coisas que importam, os pensamentos e as acções que têm do vosso lado - desenvolver-se e evoluir, e fazer aquilo que em vós próprios sabem ser bom. Isso contribui para uma boa jornada pelos domínios do espírito. Num certo sentido isso constitui a única bagagem que vocês trazem convosco, aquilo de bom com que tenham feito "as malas" em vós próprios - isso é o que tem importância, essas coisas são as verdadeiras coisas de Deus, do mais elevado no homem. São as coisas que o homem devia cultivar por ser a única bagagem que pode trazer consigo. Essa é a única parte dele que sobrevive e que possui algum sentido real.

É tanta a bagagem a descartar que as pessoas trazem consigo que precisa ser esquecida. Por outras palavras, o homem carrega uma carga tão grande; ele sobrecarrega-se de todo o tipo de pensamentos e ideias e responsabilidades que em si mesmas constituem um inconveniente, um obstáculo. O homem precisa aprender os verdadeiros valores e se só carregar consigo aquilo que for bom e que permanece descobrirá aquela paz que há tanto tempo deseja. O homem não deveria duvidar nem temer a morte, por ser algo para que devíamos romper e ansiar com antecipação, percebendo que é o alívio de todos os males do mundo material, que nós como que resguardamos, muito à semelhança da crisálida e da borboleta.

O homem assemelha-se à crisálida, não plenamente consciente nem liberto ainda da prisão do seu pensar. Quando o homem se libertar das algemas que o prendem, quando se libertar e num certo sentido se tornar numa criatura embelezada, quando se tornar efectivamente na realização da vontade e propósito de Deus; quando ele tirar proveito disso, e o conhecer e compreender e se desenvolver em conformidade. . . quando, por outras palavras ele for capaz de se afastar da ideia e do pensamento material e se voltar para o espiritual então tornar-se-á verdadeiramente, ou virá a tornar, num ser espiritual e encontrará felicidade nos domínios espirituais, que são muito mais reais do que alguma coisa que consigam visualizar do vosso lado. Não há necessidade de temerem a morte; a morte é algo de que devem regozijar-se e porque devem ansiar.

Eira: Pois, foi adorável querido. Poderias dizer-me qual o ponto de vista da passagem que têm do vosso lado? Como o espírito tanta vez vê a passagem que as pessoas fazem?

Douglas: Bom, quanto à passagem, em particular as passagens motivadas por causas materiais, invariavelmente são pacíficas e tranquilas e a pessoa em questão gradualmente deixa para trás o corpo e rompe o elo existente entre o eu real e o físico. Claro que se faz presente uma certa dose de angústia e de tristeza, e suponho mesmo que isso seja de esperar porque, ao voltar a despertar para a percepção desta vida, conquanto encerre muita causa de rejubilo, devemos em certa medida sentir que se deixa para trás entes amados que não sabem nem compreendem. . . Creio que a grande causa de tristeza para qualquer alma que passe pelo estágio da morte seja a percepção que tem de que as pessoas amadas que tenha tido junto a si na Terra não compreendam que se encontra bem e feliz.

Creio que seja olhar para o vosso mundo e ver a tristeza e o sofrimento, o sentimento de separação e tantas mentes a recear que seja o fim quando evidentemente não é, e num certo sentido representa mesmo um começo. Se ao menos as pessoas no vosso mundo conseguissem compreender isso, então a morte poderia ser muito mais afortunada para ambos os lados, dependendo do indivíduo que esteja de passagem e daqueles que são deixados para trás a prantear. Esse luto seria mudado e feito de forma apropriada, e descobririam uma felicidade. . . É claro que sentirão a falta da presença física da pessoa mas perceberão a mente e o espírito do indivíduo próximo a elas e a percepção da comunicação por um processo mental. Porque assim que as pessoas perceberem a possibilidade de comunicação num plano elevado do pensar então perceberão existir apenas uma separação física, o que afinal de contas não passa de coisa temporária.

É esta maravilhosa verdade, esta percepção da vida eterna e da comunicação entre os chamados "vivos" e os "mortos," é tudo isso que conta; o resto é material.

SOBRE AS ACTIVIDADES, INTERESSES
E CARACTERÍSTICAS DA VIDA NO SEU PLANO

(10/7/1972)

Bom, bom até que enfim. Deus meu, há quanto tempo. . . Tenho tanto que te contar, e fiquei tão desapontado no outro dia (dia em que supostamente não se verificou qualquer sessão, por falta das condições requeridas) em que o nosso amigo claramente não ficou muito satisfeito, mas acabou por preferir nós os dois. Consegues ouvir-me?

Eira: Consigo, com clareza.

Douglas: Não me cabe a mim avaliar se me conseguem ouvir ou não correctamente. Por vezes queremos saber com certeza de que modo o mundo se está a restabelecer, sabes. Pois bem, estou tão entusiasmado e feliz com o livro. Até que enfim! Talvez devessem publicar o primeiro. . .

Eira: Pois é, talvez devessem. Se este se sair bem, sem dúvida faremos um segundo. Estou extremamente feliz, evidentemente. E muito, muito ocupado. Por acaso tenho estado (4:30) embora eu não pense bem assim, discussões com outros, a ajudar aqueles que aqui chegam. Nesse sentido temos aulas, conforme suponho que vocês lhes chamam, com grupos de almas noutras esferas onde elas necessitam de ajuda e de esclarecimento. Juntamos um grupo de almas cuja tarefa é ir até outras condições de vida menos avançadas onde realmente estão a começar como que a abrir-se a algo que lhes conseguimos proporcionar, alguns dos quais ainda se sentem felizes. . .

Sabes que há muita gente que num certo sentido ainda se encontra mentalmente mais associada com a Terra do que com o ambiente exterior de uma certa evolução, e que ainda se agarra a todo o género de velhas ideias e de velhas recordações, e muita dessa gente à sua maneira não se sente satisfeita, mas certamente está a começar a pesquisar, está a começar a pensar, está a começar a ponderar nas coisas, e essa é a maneira com que nós "entramos," por assim dizer, e somos capazes de conversar com elas e de as aconselhar, e em certos casos somos capazes de lhes mudar a atitude do pensar.

A questão toda resume-se ao facto de que a pessoa neste mundo, e num certo sentido é o mesmo no vosso mundo, não é mais do que possa pensar ser, pois conforme pensam assim são. E por aqui esta gente agarra-se a velhas ideias e pensamentos, teorias e sei lá que mais, que não passam de abstracções, quando a primeira coisa que têm que aprender praticamente quando aqui chegam é descartar velhas ideias, teorias, credos e dogmas e coisas que num certo sentido separam os seres humanos e compõem os maus relacionamentos e causam problemas, senão mais que os problemas do vosso mundo, devidos àqueles cuja atitude mental é tão estreita e restrita. E tanta gente possui tão fortes convicções dessas, muitas vezes com relação a coisas sem qualquer ônus ou relevância e validade, e essas coisas separam e levam a que vivam num estado estressante devido ao estado em que o vosso mundo se encontra. E nós de tempos a tempos vamos a vários lugares tentar prestar assistência e auxílio.

Por exemplo, recentemente estive um bocado na Irlanda do Norte, que se encontra num péssimo estado de coisas que se revelam bastante à parte dos aspectos políticos; mais profundamente enraizados no aspecto religioso. Mas não devo começar a falar disso por saber que ficas muito preocupada com isso, quando o

faço. Só que não consigo jamais afastar-me disso, no sentido de eu ter visto claramente, no passado, o modo como a religião separou os seres humanos e contribuiu para o mau relacionamento, e instaurou certas cenas que, com toda a franqueza nos estressam.

Porque, até que o homem perceba a fraternidade universal que precisa instaurar-se e que precisa brotar da percepção de que tudo faz parte do mesmo espírito, em que somos todos animados pela mesma força dada por Deus, que constitui dádiva de vida para todos os seres humanos e na verdade para todas as formas de vida. O homem sempre se divorcia, em certa medida e de certo modo, do reino animal. Mas é toda a mesma força a que anima toda a vida, quer seja humana ou animal; é tudo a mesma força revitalizadora que é criada.

Nada se perde, sabes, as pessoas não percebem isso, mas aqui possuímos o reino animal, temos a natureza, temos pássaros, árvores, lagos. Todas essas coisas que possam pensar existem; tudo que num certo sentido existe no vosso mundo também existem fundamentalmente espiritualmente na medida em que é a força espiritual que está por detrás de toda a vida. Tudo isso existe aqui numa maior abundância e numa expressão mais plena. Todos os encantos do vosso mundo existem aqui, sem toda a matéria ou aspectos depressivos que o homem trouxe à existência ao longo de séculos de pensar errado e acção errada.

O homem criou no vosso mundo uma tal devastação; porém aqui, devido a que o homem esteja a começar a abrir-se e a compreender e a expressar-se, e a entender plenamente o poder e o potencial do espírito, está a alterar todo o aspectos e atitude que tem para com a vida, por aqui dispormos de todos os encantos, conforme se poderá dizer e todas as realidades do mundo natural, sem muitas das coisas que no vosso mundo se evidenciam como estressantes e causa de infelicidade. Todos os aspectos agravantes do homem são gradualmente atenuados.

O homem desprende o seu ser, por assim dizer, dos grilhões a que se prendeu; é por isso que não gostas que eu fale muito com base em temas religiosos. Mas é muito importante que compreendam que até que o homem se liberte dos grilhões que o prendem, ele não poderá esperar ser livre e começar a compreender tudo em profundidade e compreender estas coisas de que falo. Isto não é ser contra a religião, poder-se-ia num certo sentido dizer, por o verdadeiro fundamento da religião de toda a vida ser algo que evidentemente se aplica a todos nós. Mas o homem ergue barreiras e cria dogmas e credos que separam o homem do seu semelhante. É isso que provoca toda a devastação e infelicidade lá na Irlanda do Norte.

Eira: Suponho que em alguma altura devas repousar de todo esse trabalho…

Douglas: Ora bem, tu falas de repouso, de precisarmos de repouso, mas a questão está em que não nos cansamos, conforme vocês entendem o sentido do termo. Quer dizer não sofremos de cansaço no sentido físico. Poder-se-á dizer, num tipo de maneira estranha, que sim, sofremos um cansaço mental. Talvez o devesse dizer de forma mais clara, dizendo que emergimos naquilo em que tivermos estado interessados, a seguir ao que temos um tipo de reacção mental em que sentimos a necessidade de nos retirar; acho que se poderá dizer que, pelo menos temporariamente, deixamos de nos interessar mentalmente ou de estar activos em alguma coisa particular em que tenhamos estado ocupados ou interessados, estado em que ficamos "inconscientes," que suponho que no sentido do vosso idioma ou experiência ou terminologia referirão como "sono."

Nós não vamos para a cama, no entanto, ao mesmo tempo, somos capazes de nos afastar mentalmente de algo em que tenhamos estado imersos, e gozar de um período de tempo, suponho, embora o tempo não seja o mesmo e num certo sentido não tenha existência, mas suponho que essa "inconsciência" não seja nada de misterioso. Creio que aqui a vida é tão cheia e repleta de interesses e comportar tanta coisa em que nos podemos envolver que nunca podemos chegar a esgotar esses interesses, do mesmo modo que, num certo sentido, não nos conseguimos exaurir. Esse é um aspecto subjacente de todo este negócio, poderíamos dizer, que aqui é mais esclarecido devido ao conhecimento que possuímos, porquanto, quando pensamos na imensidão da vida e quando pensamos no facto do tempo não ter existência para nós, então começamos a compreender que todo este negócio da vida eterna se torna, em certa medida, compreensível.

Quer dizer, quando no vosso lado pensam, por exemplo, naqueles que chegam a pensar que a vida eterna soa a algo assustador, no sentido de prosseguirem sem parar. Mas é claro que se aceitássemos isso nos velhos moldes, então a ideia afeiçoar-se-á intolerável e não quereriam viver indefinidamente. E por poderem cair numa maçada. Mas aqui, por se verificar sempre algo novo e entusiasmante a experimentar, e novos rostos e gente a conhecer, e almas mais avançadas, ao passarmos, poder-se-á dizer, se preferirem tal terminologia, de um país para um outro, há sempre uma experiência nova. . .

Eira: Ouvi-te dizer, outro dia, que estiveste com alguém que não vias desde 1625.

Douglas: Pois foi, mas é claro que entendes, por muita vez to ter dito no passado, aqui encontramo-nos com gente que conhecemos numa vida passada ou numa encarnação prévia. . . por exemplo, eu estive com Shakespeare e estive com Bacon, e sou capaz de resolver o problema que envolve a sua vida, e dizer que não foi Bacon quem escreveu as peças, e que foi definitivamente Shakespeare quem as escreveu . Mas precisas recordar que com efeito Shakespeare as escreveu e captou

um monte de velhas tramas, e escreveu muito; mas parte das verdadeiras posições ou verdadeiras palavras foram alteradas por ele (Bacon?) Na verdade ele foi, o que num certo sentido se poderá chamar de pirata, mas ao mesmo tempo ele trouxe-lhes frescura e originalidade, e desenvolveu personagens nas suas peças que tinham sido criadas previamente, em certos casos cem anos antes ou isso. . .

Eira: Pois. . . eram obras mediúnicas. . .

Douglas: Ele era extremamente sensitivo e claro que recebia inspiração. Mas na minha ideia não resta dúvida - e estou seguro que isso está cem por cento correcto - que ele escreveu essas peças só que muitas delas eram antigas peças de teatro, muitas das quais na verdade eram provenientes de fontes estrangeiras, que presumivelmente lhe terão chegado por via de viajantes provenientes de França e de Itália. Claro que a sua lenda não é lá muito boa, mas ele teve alguém que em certa medida colaborou com ele nas traduções. Mas essa é uma longa história que um dia destes se tivermos oportunidade. . .

Eira: Tu tiveste alguma conversa com ele, não?

Douglas: Ah, tive; mais uma vez, as pessoas dirão: "O teu marido diz que teve uma conversa com o Shakespeare, é formidável, mas como haveremos de o saber; como poderá ele prová-lo?" Pois bem, suponho que de certa forma não possamos prová-lo no vosso lado plenamente e de modo satisfatório às pessoas, mas todo este tema tenha um aspecto que eu acho fascinante, porquanto se tivessem a oportunidade de aqui vir com mais frequência e debater as coisas, e não só comigo mas conversar com outros. . . Tanto quanto me é dado entender não há razão para que o Shakespeare ou o Bacon ou seja quem for – quer dizer, se quiserem, e não se esquecerem de o fazer – poderão vir aqui e conversar e debater toda a sorte de coisas. . . As pessoas não entendem as formidáveis oportunidades que este tema proporciona. Na verdade poder-se-ia dizer que só se arranhará a superfície. . .

Eira: Sim, consigo entender. . .

Douglas: Voltando ao. . . mundano, embora num certo sentido se possa dizer que seja mundano, mas sinto-me tão entusiasmado com relação ao livro. Quando foi que disseste que o publicariam?

Eira: Lá para a Primavera.

Douglas: Do ano que vem? Deus meu, falta tanto. . .

Eira: Mas por fim acetaram o título, e tu tinhas dito que num livro, um bom título e uma boa capa são importantes. O título de que actualmente disponho é "Capítulos da Experiência," mas lá a senhora não pareceu ficar particularmente. . .

Douglas: Que é que sentes em relação a isso?

Eira: Eu pensei em "Além da Escola da Terra," mas soa tão longo, não? Se tiveres alguma ideia simplesmente usa-se. . .

Douglas: Que tal "Os Muitos Capítulos da Vida"? Acho que andamos a arrastar o título, e no entanto. . .

Eira: Às vezes vejo que as coisas se embrulham; não és tu o responsável por isso?

Douglas: Sim, sou. . .

Eira: Eu vi-o, quando aqui estive na sessão, vi um laço de luz com algo escrito, só que não consigo apanhá-lo. É tão aborrecido. . .

Douglas: Bom, acho que por vezes vês com uma maior clareza embora possas admitir que por vezes seja o teu subconsciente, mas é claro que aqui vens muito durante o teu sono. Gostaria de saber se te recordas muito disso.

Eira: Não muito, mas por vezes sim. Decerto que na manhã seguinte me sinto muito mais em forma se sentir que estive contigo, e suponho que trago algum poder do teu lado. . .

Douglas: Com certeza que sim. Sabes, tu estás ainda mais próximo do que chegas a perceber. Não sei o que sentes, se queres fazer um outro livro ou se te sentes inclinada a esperar, por ainda restar espaço, ainda há mais que te tenho a dar, mas claro que o problema agora está em chegares a Londres para. . .

Eira: Pois, eu pensei que seria suposto fazer alguma coisa por via de inspiração, no campo da escrita. . .

Douglas: Não vejo razão para que não o faças por estar certo de o podermos fazer nessa direcção. Porque não? Tu recebes muito da minha parte. A questão está em que tu continuas a duvidar da coisa toda.

Eira: Sim, sim, mas tenho muito a fazer em relação a este livro, assim que o tiverem aceite, o que não quer dizer (. . .)

Douglas: Pela experiência que tive, assim que o livro é aceite será inteiramente com os editores. Não te estás a referir a ler as provas. . . Eles têm quem o faça. Todo editor tem revisores.

Eira: Ah, têm? Eu pensava que tinha que fazer isso.

Douglas: Têm, sim. Penso que se quiseres fazer um exame, caso tenhas interesse nisso. . .

Eira: Ou proceder a algumas alterações.

Douglas: Tais como?

Eira: Bom, evitar que se torne repetitivo. Mas talvez tu enfatizes. . .

Douglas: Bom, por vezes preciso enfatizar, porque como sabes algumas pessoas. . .

Eira: Sim. . . por ser um assunto muito verídico; é o que se sente depois de lermos o livro. É absolutamente verdade. Soa familiar.

Douglas: Eu acho que vai vender bem, não vejo por que não venha. Quando regressas a Londres?

Eira: Ah-ah. Não sei, Devia partir. . .

Douglas: Devias voltar a Londres pouco tempo após o livro ser publicado, porque isso irá ocorrer no ano que vem, estás a ver?

Eira: Ainda assim é uma pena, não? Eu adoro o País de Gales, mas devo dizer essa é uma bela indiciação. Gostas do meu quarto, não? Tem um panorama espectacular. . .

Douglas: Muito. É muito sossegado e silencioso. Tem, sim. Mas isso em si mesmo é muita (. . .) e na essência são muito boas condições. Mas devias manter a tua escrita e não deixar que desapareça. . . Suponho que nem sempre seja possível definir a melhor altura, mas é o melhor a fazer.

Eira: Pois, em que altura do dia que tu gostarias. . .?

Douglas: A altura do dia que me melhor se te adequar. Quer dizer, se me fosse dado saber quando fosse, claro que eu saberia quando vir junto a ti. Mas se combinássemos uma hora qualquer em que te sentasses, uma vez por dia, ou uma vez de três em três dias, poderia vir trazer-te impressões e inspirar-te. Emb ora

uma vez mais, sabendo o que a inspiração representa, bem que poderia acontecer que viesse a trabalhar contigo (. . .) e o mais provável fosse que, o mais certo seria que nesse instante eu te estivesse a passar impressões. Talvez por uma altura fixa não ser sempre a coisa mais sensata a fazer, por te levar a sentir "Eu tenho eu fazer isto," e depois inconscientemente poderes ser afectada.

Eira: Como estará o meu irmão a dar-se aí? Está a dar-se bem?

Douglas: Está, está a dar-se bem.

Eira: Ele foi o último a chegar ao teu lado.

Douglas: Isso foi bem verdade. . .

Eira: Bem, ele esteve doente durante muito tempo em resultado da guerra. . .

Douglas: Sim, eu sei, mas eu disse-te que vi o teu irmão (. . .) no fim. Mas ele falou contigo, não? Claro que ele gostava que te transmitisse que te ama (. . .) e à tua mãe e pai também. . .

Eira: Muito obrigado.

Douglas: Encontrei-me com tanta gente aqui, mas é uma coisa extraordinária, sabes, quer por me encontrar tão imerso naquilo que estou a fazer, que embora ocasionalmente veja pessoas que tenha conhecido ao longo dos anos, acho que estou rodeado de tanta gente associada ao passado, a um passado de encarnações em séculos anteriores, gente que esteva bastante ligada e envolvida com as nossas vidas. . . Essa é uma coisa que as pessoas em sempre percebem. Por vezes assumimos relações pessoais e falamos sobre a importância da família. Materialmente é importante, enquanto vivemos num mundo material de facto devem ser; mas uma vez aqui os relacionamentos mais profundos não são necessariamente os relacionamentos subordinados à família mas relacionamentos de realização e consecução mental e espiritual, sabes.

É uma coisa extraordinária, e no entanto o nosso nascimento num mundo material e num corpo material em qualquer dos casos é num certo sentido mais um acidente do que um desígnio de qualquer modo. E não importa tanto quem nos tenha parido, mas a evolução e o desenvolvimento do espírito que importa. Isto é tão verdadeiro mas muita gente não o percebe. Claro que se tivermos algum envolvimento profundo ou apego a um membro da família (. . .) então permanecerá assim, invariavelmente devido a serem almas antigas e terem estado muito associados numa encarnação ou encarnações anteriores. Isto é tão importante. . . as pessoas não percebem que vocês não escolhem as relações, vocês não escolhem

quem venha a ser os vossos pais ou raramente o fazem de qualquer modo. Importa compreender isso, creio eu. O nascimento num certo sentido e na maioria dos casos não constitui mais que um acidente, embora haja almas que optam por retornar e por entrar em e através de um certo canal, por causa do elo do passado. Mas isto comporta muitas facetas e todo este assunto constitui tema concreto e entusiasmante.

Há tanto por dizer ou que podia ser dito acerca da comunicação e de encarnações anteriores, tanto que com franqueza jamais podemos esperar conseguir tudo, e tenho tanto mais a aprender, sabes, o que cede muito mais material; parece que passaram eras e eras do vosso tempo desde a última vez que falei. Não parece possível.

Eira: Pois, cinco anos, querido. Mas eu pressinto-te, às vezes, ao acordar.

Douglas: Eu quero que percebas que cada dia que passa eu estou muito próximo de ti, e que estou muito entusiasmado, evidentemente, com o livro, e sem dúvida que quando chegares a saber conforme certamente chegarás durante o ano que vem, terás maiores despertares. . .

Eira: (Ri) Sim, isso seria adorável querido.

Douglas: Preciso ir. Mas tem sido. . .

Eira: Maravilhoso!

Douglas: . . .numa palavra (. . .) dar-te um enorme abraço e um beijo com todo o meu amor, por estar mais que feliz com o livro. Eu sei, eu sei que irá ser um sucesso. Quanto ao título, bom isso será algo que deverá resultar de um acordo com. . .

Eira: Eu acho que te saíste na perfeição, querido. . .

Douglas: "Os Muitos Capítulos da Vida."

Eira: Esse título soa bem.

Douglas: É bom, soa bem; é um bom título e soa intrigante. "Os Muitos Capítulos da Vida." Adeus, querida.

(13041962)

SOBRE A REALIDADE DO CRISTO, QUE TANTO MAIS REAL SE TORNARÁ (EM NÓS) CONTANTO NÃO CONSTITUA EXCLUSIVO MAS UM SÍMBOLO, E NOS ABRIRMOS À NOSSA HUMANIDADE

Douglas: Segundo sua senhoria (Referindo-se a Mickey) eu sou o transmissor principal. (Riso) Na verdade tem toda a razão. É claro que tenho por aqui muita gente mas raramente têm oportunidade de falar.

Eira: Suponho que estejam num cumprimento de onda diferente. . .

Douglas: Na realidade, a questão toda está em que, numa ocasião como esta, invariavelmente são diversos ps tipos de pessoas que são atraídas, pessoas que naturalmente, caso pudessem, entrariam em contacto com os seus, mas sempre estão a par de quem tem todo o negócio a seu cargo e mantêm a casa em segundo lugar. Por afinal de contas ser justo.

Se ao menos as pessoas do teu lado pudessem perceber o número de almas que se esforça e tem ânsia por estabelecer contacto e com os amigos na Terra; se ao menos elas percebessem o quão próximo por vezes os entes queridos estão delas, se entendessem esta verdade isso faria toda a diferença. Mas quanto mais penso nisso, quanto mais sei e percebo que apenas essa verdade do universo fosse aceite, se todas as pessoas o compreendessem, estou bem certo de que o mundo alterar-se-ia mais.

Penso que gostarás de saber que a tua mãe aqui se encontra hoje. . .

Eira: Ah, fico tão satisfeita. . .

Douglas: . . .e que te envia todo o afecto e bênçãos. Creio que está para se celebrar um aniversário qualquer.

Eira: Há um que se está a aproximar e outro que passou. . .

Douglas: Há um em Março e outro em Maio, e outro em Junho e outro ainda em Agosto. . .

Eira: Querido, tens o teu pai aí contigo, não?

Douglas: Porque dizes isso?

Eira: Por apresentares o teu ligeiro sotaque Escocês.

Douglas: É uma coisa extraordinária, essa. Perguntava-me se o não terias notado antes. . .

Eira: Notei. . .

Douglas: Quanto pela primeira vez te falei não tinha consciência de qualquer sotaque, mas agora que o meu pai aqui se encontra aqui bem ao meu lado a dar-me aquela força de que precisei ao comunicar contigo, tomo consciência de estar a tomar da sua parte algo que que sem dúvida vai até ti, em certa medida, na minha voz.

Eira: Pois foi, notei em duas ocasiões. . .

Douglas: É extraordinário como. . . pois é, mas entendes, toda a questão está em que, e as pessoas no teu lado jamais compreenderão isto, pelo menos duvido que percebam, que toda a vida é, num certo sentido, fluída. Com isso quero dizer que o mundo mental em que nós existimos e vós existis constitui uma coisa fluída. Vocês falam dos vossos corpos físicos e falam sobre a vossa independência, falam de ser entidades separadas e tudo isso, o que até certo ponto é verdadeiro. Mas vocês estão unicamente a arranhar o verniz.

O ser real e a personalidade real é a mental. E isso em si mesmo, embora até certo ponto apresente a sua individualidade separada, e se reproduza por meio do corpo físico quando estão na Terra, não altera o facto de num certo sentido ser uma coisa fluída na medida em que todos nos achamos abertos a receber: impressões, pensamentos, da parte daqueles que nos rodeiam. . . Por outras palavras, em essência (e num certo sentido) somos fluídos, dado que os nossos pensamentos não são exactamente um só, exactamente, por diferirmos obviamente no pensar e na interpretação que fazemos das coisas, mas a questão está em que recebemos a toda a hora como um aparelho sem fios.

O indivíduo é uma estação receptora, e captamos aqui e acolá toda a sorte de coisa na atmosfera. Somos todos parte integrante uns dos outros. Quando as pessoas, a humanidade perceber que somos parte uns dos outros, que fazemos todos parte de um universo formidável no verdadeiro sentido do termo ou palavra, que somos todos independentes e dependentes uns dos outros, é uma coisa extraordinária.

Por exemplo, estou a falar contigo, à medida que falo contigo por intermédio da minha voz chegam-te toda a sorte de pensamentos, não só sobre mim próprio e a minha própria experiência, mas de outras almas que se encontram por aqui a

impingir-se e a interpretar toda a sorte de coisas. Eu não passo por assim dizer, do padrinho, apenas a estação receptora para muita gente.

Se as pessoas ao menos percebessem que ao comunicarmos não transmitimos unicamente os nossos próprios pensamentos, ideias e experiências, e nem sequer só a nossa própria evidência, mas que ao mesmo tempo podemos e fazemo-lo de forma plena e consciente, e outras vezes quase inconscientemente, e recebemos e emitimos tal como um sinal que é emitido a toda a hora.

Quando a humanidade perceber o quanto são dependentes uns dos outros, como... embora possam reter ou desenvolver o carácter e a personalidade de um indivíduo, o que é óptimo e claro é a razão para estarmos na Terra, ao mesmo tempo somos todos parte e parcela uns dos outros, todos nos desenvolvemos num certo sentido a partir das experiências das outras pessoas - não só das nossas mas das dos outros. É por isso que importa tanto enquanto estamos na Terra perceber que somos, em todos os sentidos, parte da raça humana, no sentido de recebermos e emitirmos o tempo todo.

É por isso, por exemplo, que não obstante uma pessoa poder ser apavorante, precisam recordar que de alguma forma fazem parte dessa pessoa e que essa pessoa faz parte de vós. Independentemente do quão grande possa ser vista ou do quão baixo ela tenha descido. Cabe efectivamente a todo indivíduo esforçar-se por fazer e por tornar possível, caso o consiga, a redenção do indivíduo, por sermos responsáveis uns pelos outros.

Eira: Gostaria de saber se poderias fazer algum comentário acerca da mensagem de Ishtar, conforme o entendes com a vantagem do ponto de vista de que gozas.

Douglas: Obviamente, as vitais e muito importantes, e na verdade poder-se-á dizer, as verdadeiras mensagens de Ishtar constam da ressurreição...

Eira: Ai sim?

Douglas: Obviamente! Vocês encontram isso simbolizado em Cristo, e eu enfatizaria o termo "simbolizado," o que poderá não agradar a muita gente mas é verdade. O símbolo da ressurreição é muito mais importante do que qualquer outro aspecto da vida do Cristo. Se ele não tivesse regressado dos mortos e não tivesse surgido aos seus discípulos e a outros, poderia não ter existido nenhuma fé cristã, poderia não ter resultado qualquer realização da sua mensagem e da intenção da sua existência e vida. De facto tudo se resume ao facto da ressurreição. Esse é o ponto crucial e vital de toda a sua doutrina, de toda a sua vida.

Eira: Sim, e o facto de consistir numa lei natural, por evidentemente passarmos todos por isso.

Douglas: Claro que é uma lei natural. Mas ao mesmo tempo, embora seja uma lei natural, o facto de ele ser capaz de. . . o que o mundo terreno imagina ou concebe. . . que ele ser capaz de cancelar ou ultrapassar a lei natural. A questão, entendes, está em que nós sabemos e vós sabeis que o que o santo Cristo alcançou se circunscrevia à lei natural, e que é por causa da lei natural que. . . a vasta maioria das pessoas na terra, até mesmo as de inclinação religiosa, presumem que Cristo tenha ultrapassado e superado a lei natural, e consequentemente o que não entendem ou referem é o milagre - que evidentemente não é milagre algum, por não existir coisa alguma quanto milagre.

Milagre é somente algo que não entendem ou não compreendem e a que por conseguinte chamam de milagre. Mas o que não entendem é que os círculos dos milagres se circunscrevem aos limites, ao alcance, da lei natural. Isso, creio eu, é de importância vital que seja compreendido. Que o Cristo não foi exclusivo nisso. Muitos pensam que ele tenha sido único e tenha superado a morte. . . Mas todo ser humano que alguma vez tenha existido sempre supera a morte. Não há nada de único nisso. Um número incontável de milhões de pessoas, e não necessariamente gente do círculo espiritualista, ou seja aqueles que tenham comunicado com outros por intermédio de médiuns, por não me estar propriamente a referir a isso.

O que estou a tentar transmitir é que um número incontável de gente que regressou dos mortos, foi vista por pessoas que não são espiritualistas, não têm inclinação espiritualista e que de facto aborreceriam toda a ideia. Por outras palavras, milhares de pessoas foram vistas em diferentes alturas e em diferentes locais, antes e de pois da passagem do Cristo. O regresso de Cristo não foi de jeito nenhum único - facto que a Igreja, claro está, se esforça por endossar como exclusivo.

Tu sabes e eu sei e a maioria das pessoas sabe, embora descartem a teoria e a ideia de que muito outros casos foram tão bem autenticados, as chamadas aparições de fantasmas em diferentes locais e em diferentes alturas, vistas não por uma só pessoas mas por vezes por diversas pessoas ao mesmo tempo, por pessoas íntegras, pessoas sem qualquer motivo pessoal, pessoas que nem sequer acreditavam nesse tipo de coisa, e que constataram e que experimentaram essas coisas. Não tem nada de singular e não subentende a subjugação da lei natural, mas tem lugar no quadro da lei natural.

Entende. . . quando as pessoas conseguirem perceber e aceitar o Cristo no verdadeiro sentido, e livrar-se de todo esse "mistério," dessa pompa mitológica colocada ao seu redor que o obscureceram. . . Cristo foi humano, entendes? Cristo

foi uma realidade no sentido de que todo ser humano constitui uma realidade. Ele nasceu de uma maneira natural e esteve, desde a infância, (não resta dúvida) muito em harmonia e sintonia com as coisas do espírito; ele foi muito conduzido e persuadido pelo espírito. E ele era demasiado consciente do poder do espírito e possuía todas as faculdades e dons espirituais. Não existe nada de anormal nem nada de miraculoso.

Quando se conseguirem livrar dessa concepção miraculosa, dessa ideia miraculosa do Cristo e perceber o quão humano e real ele era, o maravilhoso personagem que ele constituía - no sentido material assim como no espiritual. . . Quando conseguirem ver o Cristo de modo apropriado e com clareza, sem todo o contrassenso, muito do qual tem sido erigido (escrito) ao redor dele. . . Ele tornar-se-á numa realidade e tornar-se-á alguém que se poderá ver e entender e sentir uma relação, e ver que ele é humano. E poder-se-á então esforçar por ser como ele, e eventualmente fazer as coisas que ele dizia que devíamos fazer.

Todo este negócio de o colocar nesse pedestal peculiar - e não desejo que pensem que o esteja a rebaixar seja de que forma for - mas o que estou a tentar referir é que, quando aceitarem a humanidade e a realidade do Cristo, no sentido material assim como no sentido espiritual, ele tornar-se-á numa realidade e poderão segui-lo e poderão tornar-se como ele, pelo menos. Ele disse que maiores coisas fariam e se tornariam se obedecessem ao seu Pai. Se ele fosse Deus encarnado acham ainda que por um instante que ele faria coisas mais grandiosas do que Deus? Por que é isso que isso implica.

Eira: Poderemos usar o nome de Jesus de Nazaré para designar o Cristo? Não fará mal? Porque existiram tantos Cristos. . .

Douglas: Não acho que realmente tenha importância, não acho que importe nem uma vírgula que se refiram a Cristo como Jesus Cristo ou Jesus de Nazaré.

Eira: Isso não nos levará a concentrar nos horrores da cruz, como na Sexta-feira Santa.

Douglas: Não, não. Claro que não. Tanto disso. . . Em qualquer dos casos, certamente, o senso comum diz-nos que toda a vida do Cristo seguiu a lei natural. Quer dizer, se uma pessoa realmente se constitui num Cristo, não quero dizer que ele se tenha definido como tal, mas que se ajustem num certo sentido. . . mas em certa medida claro que contribuiria para o que se seguiu, e obviamente foi um homem de uma enorme coragem e de uma grande integridade, um homem que acreditava na missão que tinha, um homem que pouco se importava com as coisas materiais e que por conseguinte menosprezou a sua vida. . . Consequentemente, aquilo que se seguiu à crucificação estava destinado a suceder. Se não tivesse

havido a crucificação ter-se-ia dado por uma morte por outra via qualquer, mas como essa forma correspondia à prática desses tempos, por razões políticas. . . Eles encaravam o Cristo como uma espécie de prisioneiro político. . . mas poucas são as pessoas que percebem isso. Toda a situação que envolveu o Cristo foi uma situação que se opunha à autoridade. Ele não poderia agir de forma contrária na missão que tinha, e as coisas que proferiu. . . Qualquer um que se defina ou seja criado pelos seus seguidores estaria destinado a chegar a esse tipo de final. Foi tudo dentro da lei natural, entendes? Todo o seu trabalho foi enquadrado na lei natural.

Cristo não veio formar qualquer religião. Acho que as pessoas precisam ter isso firmemente implantado na mente. É óbvio que Cristo não veio para formar qualquer religião. É o homem quem a cria, embora conheçamos o resultado que teve ao longo dos séculos, embora tenha que dizer que muito bem também resultou dela. . .

Eira: Pois, por podermos perder Jesus de vista, de outra forma, sem a Igreja e o seu exemplo. . .

Douglas: Eu sei que isto poderá soar temível mas muita, muita gente foi foi apreendida, e Cristo não foi de forma nenhuma o único. Não quero dizer que Cristo não fosse o maior, na medida em que alcançou mais, por ser óbvio que ele estava mais em sintonia, mais em harmonia com o caminho do espírito, e foi inclusive capaz de demonstrar o caminho do espírito. E claro que teve almas que o seguiram e que deram continuidade ao passos dados por ele. Creio que seja o facto dos seus discípulos, e outros, o terem seguido e tenham dado continuidade a isso, e tenham sofrido em consequência - o que estava destinado a acontecer. . . todo esse. . . corpo religioso está repleto. . . os primeiros discípulos eram completa e absolutamente diferentes dos cristãos dos vossos dias. Eram gente que possuía uma fé espantosa, e que se empenhava, com todas as fibras do seu ser, por se tornar como Cristo, conforme ele disse que eles deveriam tornar-se. E eles realizavam o que o mundo hoje designa como “milagres.” Isso não se encontra registado mas os primeiros cristãos organizavam o que vocês chamam de “sessões” em comunicação. . .

As igrejas que se perderam há séculos, quando a Igreja se tornou poderosa, materialista - de facto houve um período em que se tornou mais materialista do que espiritual, quando aqueles que presidiam ao poder da Igreja exigiam e taxavam as pessoas e se apossava de dinheiros e de propriedades – e hoje vocês encontram remanescentes disso, evidentemente. A Igreja é poderosa no sentido material, de facto a Igreja no passado deteve poder advindo de títulos e de acções, em particular a Igreja Católica, que detém muito mais poder material do que espiritual.

Mas o Cristo, entendes, não se interessava pelo poder material, nem com prédio nem propriedades, nem com o acúmulo de riquezas e de vastos tesouros. Isso é tão contrário ao que Cristo pregou, entendes?!

Eira: O teu guia, querido, esse homem maravilhoso, estará solidário com tudo. . .?

Douglas: Claro que ele sabe disso. Entende minha querida, o senso comum. . . seja por onde for que queiras examinar isto, decerto. . . mesmo aqueles que se acham imiscuídos na Igreja, se eles pensarem bem e com sinceridade nestas questões, deverão chegar à conclusão de que é errado acumular e amontoar riquezas materiais, por ser de tal modo contrário ao Cristo e à sua doutrina. Podíamos prosseguir sem parar, só nesta questão.

SOBRE O REINO ANIMAL

Quanto aos animais; não queremos dar a entender que os animais, ou qualquer forma de vida sequer, se encontrem num plano de vida inferior, mas precisamos declarar o facto de que um certo aspecto do reino animal decerto ainda não atingiu o nível da raça humana, mas os animais que temos connosco são os animais de estimação. Ao longo de gerações eles foram muito mais humanizados, embora este não seja o melhor termo a empregar. Os animais são de longe muito mais inteligentes do que aquilo que lhes creditamos; embora não sejam capazes de falar connosco, eles têm consciência do que pensamos. Mais uma vez entra aqui o aspecto da fluidez do aspecto mental da vida, que o mundo tanto ignora. . .

A questão está em que o animal, o cão ou o gato de estimação, até mesmo o canário, eles têm consciência dos nossos pensamentos. Não quero dizer que tenham consciência no sentido de entenderem o que tentamos transmitir, mas sabem instintivamente, se quisermos (mais uma vez emprego o termo "instintivamente," embora não seja o termo que pretendo empregar). Eles têm consciência de nós, do nosso pensar e do nosso sentir. . . e estão solidários, e muito mais desenvolvidos, digamos, do que por exemplo uma vaca ou um búfalo ou leão.

Esses em grande medida vivem afastados do género humano, e mais na selva e em ambientes naturais, sem contacto com os seres humanos, e de facto no temor dos seres humanos. Consequentemente eles não progrediram no mesmo sentido, pelo que tais animais não sobrevivem enquanto animais mas como algo, como aquele algo dinâmico que tem lugar, uma vez mais, no plano mental, durante um certo tempo existe, e torna-se possível, e na realidade é assim, que esses animais vivam no seu plano mental durante um tempo, que forma um domínio inteiramente à parte.

Eira: Os animais que são abatidos em função da sua carne, que é que acontece ao seu corpo etéreo?

Douglas: O seu corpo etéreo desintegra-se. Eles não assumem qualquer forma de vida conforme nós a entendemos. Mas a questão está em que essa coisa chamada "vida" por falta de um termo melhor, é algo que é indestrutível. Mas que é que como corpo psíquico ou espiritual, não tem existência no domínio animal inferior, mas a vida, a vitalidade, ainda tem existência, numa outra forma. A energia, digamos, da primavera, o botão de rosa que floresce, só é influenciada pelo tempo no sentido material. A questão está em que a essência da árvore, mesmo quando a árvore murcha e morre, ou assim parece, ainda, numa medida qualquer, contribui para a vida, numa outra forma. Nada se perde, entendes? Tudo quanto palpita de vida jamais se pode perder mas prossegue; retorna porventura numa outra forma, no sentido material, e subsequentemente fenece e retorna de novo numa outra forma, e talvez eventualmente venha a emergir numa outra forma de vida que venha a perpetuar-se ao longo do tempo.

É difícil de explicar isto, mas a pessoa humana atravessou muitíssimos estágios da evolução. A certa altura não adoptava qualquer forma, mas naturalmente começou por assumir essa forma gradualmente; gradualmente começou a assumir forma e contornos, e começou a adoptar para si algo que poderão agora reconhecer como humano. Mas isso levou milhões e milhões e milhões de anos. Quando as pessoas falam do fim do mundo, em particular essa porção da população de tendência religiosa, e referem que o fim venha em determinada data - tudo isso é de tal modo fantástico e ridículo, por nós sabermos que o mundo, não só este mundo em que vocês vivem, mas outros mundos de que vocês desenvolveram o vosso conhecimento, situados fora do vosso mundo, eles são indestrutíveis, por não se poder destruir algo que é impossível destruir e é imutável e deve prosseguir. Essa é a verdadeira lei do universo.

Eira: Voltando à questão dos animais, querido; tu encontras esses mesmos animais domésticos na mesma terceira e quarta esferas ou mesmo próximo à Terra?

Douglas: Eu acho que essas esferas, a terceira e a quarta o que suponho deva ser... preciso dizer que seja dum tipo de natureza similar, caso contrário não compreenderão nada do que estou a dizer, mas as linhas de demarcação dessas esferas misturam-se. Mas o reino animal, dependendo do individuo evidentemente. . . bom, depende desse animal ser velho... não quero dizer uma alma antiga, mas o que estou a tentar transmitir é que até mesmo os animais podem ser muito velhos na medida de ter muitas encarnações. E alguns podem ser de tal modo humanizados - é dessa forma que o posso colocar, embora pareça muito bizarro, que prosseguem (me bora na forma animal). A questão está (quem dera que conseguisse transmitir a ideia) em que nós vivemos num mundo mental espiritual

em que os animais de linhagem, o cão por exemplo, vem para aqui, e devido a que nós, enquanto indivíduos, não mais nos vejamos restritos pelas condições materiais, e começamos a perceber mais esta força do pensamento e este poder do pensamento e esta transferência do pensamento e este mundo da mente e do espírito, o animal ele simplesmente tem conhecimento disso quando o ser humano não - o que é uma coisa extraordinária. . .

Apesar do homem ter progredido em muitos aspectos, o animal em certos sentidos tem mais consciência da realidade do mundo mental e do mundo espiritual do que o ser humano. Por exemplo, um animal, um cão ou um gato, é capaz de ver por meios clarividentes (conforme vocês dizem) os espíritos. Esse animal é mais sensitivo e conseguem escutar sons além do vosso alcance. O animal em muitos aspectos é mais consciente, entendes, do que o ser humano.

Por conseguinte, quando um animal para aqui vem, esse animal vem assumir um estado do ser que em certa medida não lhe é tão estranho, e ele é capaz de transmitir pensamentos de modo que consigamos saber o que o animal está a pensar. E o animal sabe ainda com uma maior clareza o que pensamos, por aqui vivermos num mundo do pensamento em que as palavras não são necessárias e somos capazes de comunicar pelo pensamento; por conseguinte, encontramo-nos muito mais em sintonia com o animal e eles estão mais em sintonia connosco de modo que podemos conversar. Que tal achas isto? É uma condição mental.

(11167)

SOBRE ENCARNAÇÕES ANTERIORES

Douglas: É verdade que num certo sentido me tornei um pouco mais. . . digamos, num espírito aberto, mais compreensivo nos últimos dias da minha vida, mas ainda me apeguei à fé Cristã, por pensar que a fé Cristã. . . o conhecimento cristão (conforme prefiro chamar-lhe) quando correctamente compreendido e aplicado seja uma coisa estupenda, seja a verdadeira coisa. Não tenho a concepção tacanha que muita gente tem; alterei as perspectivas que tinha sobre determinados aspectos mas é à verdade fundamental do cristianismo que me agarro.

Eira: Pois, pois, naturalmente. Terás descoberto algum novo elo nas encarnações que tiveste, querido?

Douglas: Ah, certamente que descobri. Onde me encontro, suponho que isso sempre esteve tudo aqui, mas precisamos recapturar muito disso. Mas não resta dúvida de que tive uma encarnação no tempo de Cristo. . . Eu era um simples. . . o que chamariam de camponês, e encontrava-me envelhecido por essa altura. E eu fui um dos muitos milhares de pessoas que testemunharam a crucificação, e devo

admitir. . . mas precisas ter em mente, evidentemente, que a crucificação, e muitas outras coisas eram bastante comuns, pelo que talvez não o tenha aceite exactamente da mesma maneira. . . mas porque não haveria eu de o aceitar se o testemunhei? Quando se nasce e se é criado numa certa condição de vida na realidade é-se condicionado na aceitação de muitas coisas como mais válidas. Preciso concordar que é uma coisa assustadora só de pensar, mas eu fui um dos muitos que se intrigava, com respeito ao Cristo.

Toda a gente que esteve interessada. . . por outras palavras, que tenha sentido interesse, em certa medida, com respeito ao Cristo, nunca esteve convencida nessa era, no seu tempo, de que ele fosse Deus. . . quer dizer, era aceite pelo que ele alegava ser, ou pelo que outros alegavam que ele fosse, por sua vez, mais correctamente dito. Não foi tanto o que ele alegava ser mas o que os outros alegavam que ele fosse que o levou. . .

Eira: Sim, isso é bem verdade, querido.

Douglas: . . .Mas para nós ele era um homem comum, embora um homem esclarecido e um homem extraordinário, e de certa forma um homem. . . não a temer porventura, mas quando não se compreende uma pessoa criam-se certos preconceitos e alimenta-se certos receios. E algumas das coisas que se diz que ele alcançou, na realidade algumas pessoas diziam que ele era uma espécie de mago; era extraordinário o efeito que por diferentes vias ele exercia nas pessoas. Eu não era contra nem a favor, mas achava todo aquele negócio da crucificação, que no seu caso foi temível. . .

Eira: A que nacionalidade pertencias, querido? A uma árabe, suponho, não?

Douglas: Bom. . . Árabe? Não, eu não era árabe. Eu era Judeu.

Eira: Ah, Judeu, entendo. Mas é claro. . .

Douglas: Eu era apenas um camponês comum, na medida em que naquele local. . . suponho, era um homem que, nas crenças religiosas que tinha era tão estrito quanto qualquer um e aceitava sem questionar, conforme todos fazíamos, mais ou menos, e esse Cristo era um homem que com toda a franqueza, embora não compreendêssemos inteiramente, porquanto havia certas coisas que eram ditas, certas alegações que eram feitas pelos seus discípulos. . .

De facto, o homem em si mesmo era bastante diferente, creio bem, do que é habitualmente retractado. . . Quer dizer, do que me foi contado e daquilo de que eu próprio me lembro, ele era um homem de comportamento e aparência impressionantes, certamente nada dos retractos que se vê tão comummente na

Terra, retractos de uma espécie de homem fraco, tipo de pessoa quase efeminado. Era de facto uma pessoa vigoroso, (. . .) de aparência judia; nem um bocado idêntico à descrição das imagens dos livros ilustrados. Era em definitivo, do meu ponto de vista, um homem de profundas convicções religiosas e dotado de uma forte e poderosa personalidade, e com toda a franqueza era um homem que num certo sentido. . . não direi que fosse de temer, por ser estúpido que se tema um homem, mas que tinha algo de atraente em si por possuir uma personalidade forte.

Creio que toda a questão está em que grande parte a distorção era política, tanto quanto religiosa, razão por que acho que parte do povo judeu o seguia (. . .) não para se redimir no sentido espiritual (. . .) mas para conseguir liberdade do jugo Romano (. . .) Para a época ele representava um líder, e creio que seja bastante óbvio que os Romanos o temiam e o viam como um homem que estava a criar uma perturbação política. Não pensem nem por um instante que fosse pelo aspecto religioso (. . .) mas por pensarem que as pessoas que se amontoavam ao seu redor pudessem vir a formar alguma organização política poderosa, e se continuassem a permiti-lo acreditavam que os pudesse vir a arruinar.

Eira: (. . .) Alguém afirmou que com o tempo poderemos vir a ter provas mais positivas acerca da reencarnação; achas que seja possível?

Douglas: Acho que seja exequível. Claro que acho que sempre venha a ser muito difícil de provar. Por exemplo, poder-se-á usar a minha comunicação como prova da minha identidade, mas se perguntarem por referências e eventos passados que nos tenham pertencido ou à nossa família poder-se-á provar que se sobreviveu à chamada morte, mas provar uma vida que tenhamos tido na terra há séculos atrás, não se consegue realmente provar isso.

Eira: Eu sei; quando foi que aqueles livros que tu escreveste foram queimados, querido, no mosteiro? Poderemos ser capazes de encontrar vestígios disso? Bom, se o conseguires algures no futuro, querido, dar-mo-ás a saber?

Douglas: É possível, embora não saiba bem como. . . Suponho que se se puder provar que certos manuscritos que possamos ter escrito, por exemplo, ainda existam, e que ninguém tenha descoberto, poderemos apontar essa descoberta como uma prova, não? Não sei. No meu caso não consigo (. . .) existência de tal coisa. No mosteiro em que me encontrava deu-se um grande incêndio, e muita coisa foi destruída.

Eira: Pois foi. Essa foi uma encarnação interessante. Eu quero ler sobre isso. Bom, querido, poderás revelar-me mais alguma coisa acerca do teu presente, do teu lar e arredores, mais em detalhe? Do teu modo de vida? Do teu dia-a-dia, embora

evidentemente saiba que não tens dias. Gostava tanto de apurar isso com maior detalhe.

Douglas: Tens que perceber que este nosso mundo é um mundo muito real; não pensem que seja um mundo etéreo ou uma coisa insípida, mas é um mundo sólido por tudo nele e ao nosso redor ser sólido e real, e o nosso corpo, para todos os efeitos ser sólido, assim como as condições em que vivemos. Não existe nada de etéreo na medida em que sejamos transparentes ou algo do género. Nós somos bastante sólidos e o corpo espiritual, ou físico ou como quiseres, é igualmente físico na medida em que, conforme te revelei, com respeito a isso existem edifícios. E estas coisas não surgem por pensarmos nelas, por as desejarmos.

É verdade que fundamentalmente tudo é criado pelo poder do pensamento e pelo desejo das coisas necessárias, mas estas coisas não sucedem simplesmente por pensarmos nelas, temos gente habilitada para os desenhar e construir, existem substâncias derivadas da "matéria da terra," eu emprego o termo "matéria da terra" ou condição em que vivemos. Nós temos solidez, entendes, temos substâncias que são usadas para a construção dos edifícios que os arquitectos concebem, que apresentam variadíssimos estilos, de acordo com as perspectivas e ideais dos indivíduos. É por isso que em determinadas esferas temos uma arquitectura muito típica (. . .) muito de aparência muito gracioso.

Com efeito, nos estágios mais evoluídos da existência provavelmente os edifícios são todos possivelmente do tipo Grego. Vastos edifícios, vastos salões, vastas bibliotecas que albergam enormes quantidades de livros, por exemplo, embora uma vez mais, à medida que progredimos descobrimos que não é necessário ler. Por exemplo, aqui podemos ler, caso o queiramos, mas a questão está em que se progredirmos descobrimos que num certo sentido não necessitamos ler; podemos reaver, em especial no caso da música, da atmosfera, toda a espécie de pensamentos. E se na Terra tivermos sido um autor, teremos tido oportunidade de ler muitos e bons livros.

Livros que em si mesmo se tornam clássicos, cujos personagens, em virtude da infusão, poderemos dizer, proporcionada não só pela personalidade dos autores e pela imaginação, como os personagens por si sós adquirem uma forma - não direi que se tornem criaturas vivas - não me interpretes mal - mas adquirem uma forma de vida, devido à espantosa força do pensamento que é depositada neles por parte de milhares e milhares de leitores (. . .) força do pensamento que lhes dá vida e os anima. E conseguimos visualizar grande parte. . . Entende, quando lemos aqui ou quando nos familiarizamos com um trabalho, quer seja uma peça de música ou um livro, damos-lhe uma forma de vida própria, que num certo sentido é nossa, por a depositarmos nele, do mesmo modo que colhemos algo dele.

E torna-se-nos possível expor num vasto auditório aqui, e isso integra trabalhos de grandes compositores, no entanto no caso dos músicos torna-se necessário que sejam vistos, embora haja grandes orquestras em certas esferas ou planos, que (. . .) grandes trabalhos orquestrais. E torna-se possível, pelo próprio poder da força do pensamento do indivíduo que compõem a música fazer a atmosfera vibrar por essas forças do pensamento. E nós podemos tomar entrar nisso e tomar parte disso e tomar consciência disso, e ouvir o seu som sem necessidade de orquestra ou de músicos e de instrumentos.

Eira: Pois é, difere muito de nós, evidentemente. Que arquitectura arranjaste para a tua casa?

Douglas: Bom, a minha é bastante pequena, pelo que suponho que se poderá chamar-lhe mais um tipo de casa Georgiana. O jardim é pequeno mas agradável. Possui muitas flores, e há um homem, por quem tenho a maior consideração, que cuida do jardim, e que se encanta com o jardim. Mas claro que, uma vez mais, não envolve o mesmo tipo de trabalho que é necessário num jardim na Terra. Não existem as estações do ano no mesmo sentido que estão habituados a conceber, e as flores desabrocham continuamente, e isso envolve muitas das flores e evidentemente muitas que vocês nunca viram na Terra. Mas uma pessoa não cuida do mesmo modo do jardim. Não é o caso de, por não envolver o trabalho que concebeis no sentido material, elas não dêem nada que fazer. As coisas não crescem inteiramente sem esforço.

Por outras palavras, é preciso dedicar-lhe tempo e mentalidade, por parte do indivíduo que o adora e zela por ele. Mas não é uma coisa física mas mental. E não existem ervas daninhas, embora haja jardins que têm ervas daninhas, mas essas ervas daninhas são causadas pelas próprias pessoas. Por exemplo, um dos sinais seguros de uma alma não evoluída aqui, é o facto de viver num ambiente limitado, o que não é necessariamente desagradável entendes? E que até pode ser bastante rústico. . . A pessoa até pode ter um jardim só que cheio de ervas, mas essas ervas são, num certo sentido, os pensamentos que nunca tenham chegado a evoluir ou a desenvolver-se nas linhas adequadas. Uma pessoa que não progrida embora se rodeie de um lar milenar poderá porventura rodear-se de um jardim que não tenha beleza, por ela própria não ter beleza.

Assim como vivemos e assim como pensamos assim somos - e assim criamos, e num certo sentido criamos uma condição no jardim, por exemplo, que não corresponde ao que bem poderia ser; e na realidade muitas flores, que por vezes são os pensamentos das pessoas que se esforçam, poder-se-á mesmo dizer, por ser belos, mas que por causa de uma certa falta de beleza na sua natureza ou de um certo defeito, poder-se-á dizer, gera-se uma certa quantidade de ervas ou mato, muito do que que iniba a beleza que possa existir. Por outras palavras, isso é um

indicador seguro do carácter e natureza de uma pessoa. Uma das condições em que isso pode revelar-se em particular é num jardim. Mas é um estado condicional.

Eira: Estarás próximo da cidade ou estarás mais numa parte do campo?

Douglas: Não de nenhuma cidade enquanto tal, mas suponho que se lhe poderá chamar um género de aldeia. Mas uma vez mais voltamos a esta coisa da comparação da Terra. Existem comunidades de almas, e houve uma altura em que vivi num edifício da comunidade, num vasto edifício, em que existiam muitos povos e em que todos vivíamos numa espécie de estado comunal que até era agradável, mas agora tenho esta pequena mas agradável. . . que suponho acharás que seja um tipo de réplica de uma casa de tamanho médio no estilo georgiano. É muito atraente e agradável e estou certo de que gostarias dela, embora eu saiba que gostes por aqui teres estado embora infelizmente não te recordes no estado de vigília.

. . .Quando falamos de cidades e de aldeias, naturalmente pensamos nas cidades e aldeias da Inglaterra ou de outro sítio qualquer, e há cidades, claro está, que se encontram mais próximas nos planos junto à terra, e que em todos os sentidos são similares, que na verdade se poderá dizer que possuem muita vida. Mas à medida que progredimos e entramos numa esfera diferente da progressão, por cuja criação somos em parte responsáveis, embora os outros também possam representar essa parte, entendes; mas a questão está em que vivemos numa comunidade que constitui uma cidade, ou que pode constituir, se quisermos, uma cidade. Mas todos os ornamentos da vida de uma cidade, como transportes, não temos necessidade disso (. . .) é o pensamento.

E não temos tempo. . . O tempo é permanentemente agradável, e no entanto não se vê qualquer sol. Encontramo-nos na luz e existe luz, e uma luz belíssima, só que suave e agradável, e pouca ou nenhuma sombra existe. Isto poderás achar que seja muito difícil de apreciar um mundo em que não existam sombras, e na realidade alguns comentaram que sem sombras não se pode ter beleza, e que se precisa ter sombra. Só que não existe qualquer sombra no mesmo sentido em que vocês a entendem do mesmo modo que não existe sol algum que se erga e se ponha, etc. No entanto existe um género de visão crepuscular que nos provoca uma espécie de mudança, se quisermos, que condiz com o período de tempo em que podemos repousar, coisa que por vezes fazemos.

Mas sombras enquanto tal é coisa que não existe. Mas (. . .) resoluta, brilhante, existe a suavidade e a beleza da luz, que é tão encantadora e agradável. Mas não existe nenhuma obscuridade nem da opressão com que vocês se deparam, nem mudanças da atmosfera, do modo que o entendem. No entanto nunca nos

cansamos disso por ser sempre agradável e sentirmos calidez; no entanto não existe calor enquanto tal.

Torna-se difícil explicar como vivemos num mundo, que em muitos aspectos é tão inteiramente diferente do vosso, e em alguns aspectos, de acordo com o padrão com que vivem, evidentemente, é tão parecido. . . Entende, os planos próximos à Terra podem estar, sem dúvida nenhuma, sujeitos às influências da atmosfera que circunda a Terra, do mesmo modo que vocês são influenciados pela atmosfera. Assim, se estivermos em certas esferas próximo à Terra, e eu já estive em certas esferas que têm dia e noite, por estarem sujeitas à lua e às estrelas. Mas essas são esferas que se acham realmente tão próximo da Terra que podem mesmo ser comparadas à Terra. E na realidade, em alguns aspectos constituem mesmo réplicas da Terra e onde vemos gente de todas as nacionalidades a viver em comunidades sob condições bastante vulgares, não diferentes das da Terra.

Mas essas são esferas que são o mesmo que a Terra, porque se não formos mais longe, e não evoluirmos, se não nos espiritualizarmos mais, digamos, então evidentemente nós próprios contribuímos para o nosso ambiente e descobrimos estar num ambiente alterado, mas é claro que tenho problemas em descreve-lo, por as palavras não conseguirem. . .

Mas precisas ter em mente que, assim como temos uma natureza humana também temos aves e muitos animais que vocês associam à vida, no vosso lado, embora evidentemente certas formas animais não mais existam aqui, por se encontrarem na infância, por não serem como que desenvolvidos, pelo que não têm vida no mesmo sentido aqui, e praticamente deixam de existir. Os animais que mais se tiverem aproximado dos humanos e que tenham tomado parte no esforço ou vida humana, esses existem. Por exemplo, os animais de estimação; mas uma vez mais não são só os animais domésticos que existem, de jeito nenhum, por haver muitos animais que à sua maneira são muito desenvolvidos e que têm grandes sentimentos e emoção, e uma grande compreensão mesmo quando na Terra. Por vezes não creditamos ao mundo animal (. . .)

Eira: Claro. Que animais tens presentemente? Sei que tinhas referido dois ou três cães.

Douglas: Sim, e vários gatos e papagaios, pássaros (. . .) no estado natural. Mas constitui verdadeiramente uma grande alegria ter pássaros isso aqui, e é maravilhoso. Claro que também o pode ser na terra. Mas eu adoro cor. . . cheios de cor, cores magníficas, muitas das quais nem existem na Terra. Por vezes deveria tentar fazer uma descrição mais detalhada, mas torna-se extremamente difícil.

Eira: Uma descrição da cor ou da natureza?

Douglas: De tudo. Mas gostaria de ter oportunidade, embora soe muito mundano, de te desejar um ano novo muito feliz e cheio de paz. . .

Eira: Obrigado, querido.

(12766)

SOBRE O CONCEITO DE ALMA-GRUPO
E A MULTIDIMENSIONALIDADE DO SER

Eira: Conta-me acerca da encarnação que tiveste no Egipto antigo. A primeira de que te consegues recordar, conforme acho que foi o que disseste que contarias. Quando foi que ficaste a conhecer essas encarnações?

Douglas: Bom, vem muito naturalmente, mas depois depende da pessoa, da ansiedade que ela tenha por identificar e experimentar, do quanto deseje conhecer acerca de si mesma e do passado. As primeiras impressões que se obtém quando para aqui se vem são sempre de um grande entusiasmo e de uma vida nova, e passam por fazer amizades, encontrar-nos com velhos conhecidos, relações, etc., pelo que não se pensa muito sobre nós próprios, no sentido de vidas passadas, presumindo mesmo que se saiba alguma coisa que seja acerca da possibilidade de vidas passadas, por a maioria das pessoas só se interessarem pela vida que tiverem vivido. E muito pouca gente chega a perceber que possa existir coisa tal quanto encarnação ou reencarnação. Por isso, a vasta maioria das pessoas leva imenso tempo, antes de começar a aprofundar ou a compreender as possibilidades do presente e do passado.

De facto, a vasta maioria das pessoas dá-se por satisfeita e contenta-se em. . . suponho que deva dizer ficar estática. Mas não é senão quando começamos a compreender mais a fundo esta vida que começamos a perceber que o passado tem importância e que provavelmente tivemos muitas existências e assim que começamos a encontrar-nos com gente aqui que reclama conhecer-nos e que recorda experiências passadas que tiveram connosco, e como teremos conhecido esta ou aquela pessoa, e passado por esta ou aquela experiência. . .

De facto, todas as nossas vidas acham-se entrelaçadas, conforme agora percebo, evidentemente. Mas algo que nunca cheguei a perceber é que fazemos todos parte de uma ALMA-GRUPO. Embora sejamos indivíduos, e retenhamos a nossa individualidade e personalidade, é algo por que se evolui, poder-se-á dizer, ao longo de séculos da experiência. Não nos tornamos de repente. . . tornamo-nos somente por meio da tentativa e do erro, da experiência, etc. . . e só começamos a assimilar ou a perceber a sua verdadeira potência e aquilo que realmente

representa, o que realmente alcançamos, quando formos capazes de nos ver em retrospecto a nós próprios, entendes?

Eu creio que a vasta maioria presume que a nossa vida seja o que se ache circunscrito entre o berço e a sepultura, quando evidentemente é apenas uma vida de uma série de vidas, em que assumimos diferentes corpos e diferentes condições, em diferentes períodos de tempo, em que tivemos oportunidade de experimentarmos muitas coisas, tudo quanto ajuda a edificar a verdadeira personalidade e carácter do indivíduo.

Somos todos, obviamente, o produto de experiências, não só das nossas próprias como também dos outros, por nunca podermos viver para nós próprios, e a menos que percebamos isso e que não somos unidades autônomas, como gostamos de pensar que somos, na terra, mas aquilo de que não temos consciência é que somos o produto de todo tipo de mentes e de todo o tipo de influências e de todo tipo de experiências, e que seria impossível assimilar tudo numa vida e num corpo. Por conseguinte, tivemos muitas, muitas vidas em que fomos homem e mulher, ou em que possivelmente teremos sido uma criança que terá morrido em tenra idade. . .

De facto é altamente importante perceber que é somente quando tivermos obtido inúmeras experiências que realmente poderemos começar a ver-nos como um indivíduo plenamente desenvolvido. Mas a questão está em que a minha anterior encarnação - e isso só me chegou gradualmente, por supor que se ache tão afastado e tão distanciado no tempo, e tanto quanto me é dado saber, essa não terá sido a minha primeira encarnação mas apenas uma que tive muito cedo, num período muito recuado do tempo no Egipto, numa das primeiras dinastias, em que eu era um sacerdote. Eu gostaria de tentar colocar isto numa perspectiva apropriada, por ser tão importante. . .

Desde o começo, mas certamente tanto quanto o consigo recordar ou trazer à memória, eu sempre fui um buscador da verdade. Sempre fui alguém que tinha ânsia por conhecer e descobrir a realidade da vida, eu sempre quis conhecer os segredos da vida, sempre quis saber o que nos faz mexer. Consigo perceber agora que sempre me senti atraído pela religião, que sempre estive mais ou menos ligado à religião por alguma forma. O que não quer dizer necessariamente que eu tenha sido uma pessoa religiosa, por existir uma vasta diferença entre ser uma pessoa religiosa no pleno sentido do termo e sentir interesse ou mesmo inclinação para a religião. Isto pode parecer paradoxal mas é verdade. . .

Eira: Eras um sacerdote do culto de Amon-Rá, ou. . .?

Douglas: Eu era sacerdote no templo de Carnak, e suponho que tenha sido onde fui iniciado, na minha infância - segundo o que me foi dito, não que o recorde por

experiência própria - acha-se tão afastado no tempo que nem uma imagem disso tenho, mas corresponde ao que me foi contado. E eu fui um sacerdote no templo de Carnak, o que retrocede no tempo aí uns três ou quatro mil anos antes de Cristo. E eu era na realidade, não sei se irás a entender isto mas tentarei pô-lo pelo melhor que conseguir.

Eu era um filho ilegítimo de um dos Faraós, que evidentemente tinha muitas concubinas, o que suponho que na época fosse algo amplamente aceite; de qualquer modo, eu era um dos muitos filhos e fui colocado no templo quando era muito novo, aí por volta dos dez ou doze anos, onde era cantor. Eu possuía voz, uma voz de criança porém uma boa voz, e ensinaram-me as harmonias melódicas da música, e eventualmente tornei-me num serviçal, ou seja alguém que servia no altar, e eu era uma das muitas crianças que presumivelmente iam nas procissões e que contribuía para todas as cerimónias associadas ao templo.

Quando cresci, fui iniciado e conduzido ao sacerdócio, e eventualmente tornei-me num sacerdote. Nessa encarnação vivi até uma idade muito avançada, e também detinha um enorme poder, porquanto tendo estado no sacerdócio durante tanto tempo, e no depósito. . .

Eira: De que faraó se tratava, querido? Porventura não te lembrarás. . .

Douglas: Não, eu lembro-me. Pelo menos não me recordo mas foi-me dito (. . .)

Eira: Ah, esse foi um reinado maravilhoso. . .

Douglas: Sim, esse foi um reinado interessante, mas um reinado que atravessou muitas guerras. Mas o pior período foi quando. . . não se pode comparar a um período de paz, mas esse foi um largo período em que se travaram muitas guerras em terras de maior e de menor monta. E parte do meu trabalho passava por visitar os exércitos levando réplicas dos deuses e carregando o séquito de servos e sacerdotes e toda a comitiva de gente ligada aos rituais ou cerimónias, porque embora não fosse propriamente compreendido, o sacerdócio era muito poderoso, muito mais poderoso do que aquilo que as pessoas presentemente percebem, e por necessidade certas secções do sacerdócio estavam ligadas ao que chamam de exércitos.

Eles não combatiam necessariamente de jeito nenhum, mas transmitiam força espiritual, a chamada força moral, aos soldados, em especial aqueles que tinham a seu cargo vastos números de homens. E eu visitei muitos lugares, e fui até à Assíria e a muitos outros lugares que os tempos obliteraram por completo.

Existiam muitas raças, raças entrelaçadas. E na raça efectiva dos Egípcios existiam muitas secções e variantes, segundo aquilo que consigo colher, no seu período de infância, era uma raça numérica (. . .) Mas evidentemente, pelo que consegui colher eu estive quer muito ligado à religião ou muito oposto à religião, o que te poderá soar meio estranho. Aí poderás fazer uma ideia de mim como da oposição, mas a questão está em que eu sempre estive na religião cristã – quer bastante a favor, quer muito contra. Por outras palavras, é suposto eu ter estado nela desde tempos imemoriais desde que fui um indivíduo. Sempre fui muito curioso por conhecer tudo acerca da religião e do que está por detrás dela, e da vida depois da morte e da comunicação, e de facto nos tempos Egípcios era parte muito importante da cerimónia. Não era a cerimónia pública, estou agora a falar da privada e pessoal.

Eira: Faziam sessões, mais ou menos?

Douglas: Um tipo de sessões, sim, em que curiosamente usávamos crianças, jovens garotos, como médiuns, o que se devia quer ao facto da pureza da mente quer à falta de experiência no mundo exterior, assim como por de facto descobrirmos que muitos fenómenos ocorrem que envolvem os catraios, como os fenómenos poltergeist, etc. Os catraios, em especial em determinadas idades, envolvem determinada coisa que é muito propícia a fenómenos físicos. E era coisa comum jovens garotos ser usados enquanto instrumentos. E eu tive algumas experiências nesse sentido. Mas claro que, na Roma antiga, onde eu tive uma outra experiência numa altura posterior, eu fui muito mais o contrário, de facto eu fui muito contra a religião. Isso evidentemente constitui uma guerra constante, se quisermos, ou uma batalha constante em nós próprios numa busca.

Mas claro que jamais poderemos assimilar o conhecimento se só conhecermos um dos aspectos da coisa. E o que isso tem de extraordinário é que temos que experimentar coisas diversificadas, por muitas maneiras diferentes. Precisamos estar a toda a hora, não direi em guerra nem com (. . .) mas precisamos sempre estar a buscar e a pesquisar, por vezes em oposição; porque por vezes a oposição conduz-nos a um novo aspecto do conhecimento. É por isso que digo que é estúpido que as pessoas aceitem algo às cegas de que não têm necessariamente uma prova, ou aceitem literalmente sem procurar dessecá-lo e analisá-lo ou criticá-lo, ou suscitar uma nova ideia. Por a verdade estar constantemente em mudança; com isto não quero dizer que ainda não seja a verdade, mas a questão está em que apresenta sempre um aspecto novo, há sempre algo novo a aprender e a ganhar, alguma nova experiência a descobrir, etc.

Eira: Bom, obviamente que, se foste um sacerdote, eu não estive contigo nessa encarnação particular.

Douglas: Nessa encarnação não estiveste comigo, evidentemente, por os sacerdotes não se casarem. O que não afectava, claro está, o facto de eles terem relações. A questão está em que podemos recuar a outras experiências minhas em que eu estive muito na oposição à religião. Mas de um jeito estranho, embora nesse período de encarnação Romano do tempo de Nero e dos primeiros cristãos, eu não era contra os cristãos, mas não era crente no cristianismo. E decerto que em certa medida me ressentia da infiltração que esse pensamento conseguia nos assuntos de Roma e em particular na política, por ter começado a influenciar a política, por mais que isso agora possa parecer estranho.

Havia um vasto número de gente altamente situada que tinha aceite o cristianismo, embora não o declarassem às claras nesse. Eu perdi um ou dois amigos muito chegados, nessa época, por causa das doutrinas cristãs, por eles terem mudado o estilo de vida e a maneira de pensar, o que abriu uma brecha entre nós. Nesse período de tempo eu era uma pessoa muito ligada às artes da guerra nesse período de tempo e de facto tinha um elevado posto nos exércitos de Roma.

Na mudança de que falo, em Roma, eu aposentei-me por estar demasiado velho para ser soldado, e tive uma Vila muito bela que mandei construir que foi o nosso lar, e nessa altura tu eras minha mulher. Tanto quanto sei sempre estivemos juntos e sempre nos conhecemos. . . E tivemos cinco filhos. Nós presumimos ou pensamos, na Terra, que seja a base do relacionamento. Este negócio do relacionamento é algo que creio precisamos esclarecer. Quer dizer, nós falamos de uma vida em que casamos e tivemos filhos e evidentemente laços de parentesco estreitos. Mas precisamos lembrar-nos que ao longo de um período de dois mil anos deram-se muitas mudanças em nós próprios, e o laço que era tão forte no sentido familiar, no sentido material, mudou.

O que não quer dizer que ainda não tenhamos laços e afectos e amor, pois o amor aumenta, só que com o aumento do amor e o aumento dos afectos sobrevém um novo conhecimento e uma nova realização, a de que somos tanto mais parte um do outro que o relacionamento físico ou os aspectos físicos da relação não mais têm o mesmo sentido, como no caso de esposa, filho, filha. . . Após um tão longo período de tempo aqui não mais ocorrem no mesmo sentido e não têm o mesmo sentido. Eles são importantes, mas temos uma sabedoria maior, uma maior percepção que não tem nada que ver com o relacionamento físico de homem ou mulher ou filho, filha ou marido ou esposa. É uma visão mais vasta da mente e do espírito que nos une.

Eira: Isso é formidável, querido. . .

Douglas: Há tanta gente. . . por exemplo, eu conheci gente que me disse: “Eu tive três maridos. Quando passar para o vosso lado, com qual passarei a estar?” É muito

provável que venha a ficar com qualquer um deles, ou com nenhum. Ou bem que poderá vir a ficar com um deles, ou venha a viver num sentido comunitário. Mas divorciam-se do aspecto físico do relacionamento e colocam tudo no plano mental e espiritual e aí percebem que as qualidades dos diversos indivíduos são o factor importante, e não o facto de amarem mais este ou aquele. O amor é algo que é fluído. E quanto mais amor tiverem mais ele aumenta, e mais ele distribui e mais abrange, mais aproxima todos os envolvidos. Precisam tentar evitar, tanto quanto possível, nesta grandiosa concepção das coisas, nesta realização maior das coisas, que o amor, que é o factor predominante que se encontra por detrás de toda a vida, e que é de tal modo abrangente que só pode ser verdadeiramente realizado e compreendido quando deixar de ser demasiado pessoal, do ponto de vista da possessividade, etc. . .

Penso que é importante perceber que, por exemplo, que desde que tu e eu viremos a ficar juntos, quando aqui estivermos, será num muito mais elevado plano mental e espiritual evidentemente, e que em consequência da tua vinda, tu serás apresentada e conhecerás muita gente que está há muito associada a nós; e começarás a visualizar as coisas de uma forma mais clara e a apreciar as coisas de forma mais completa, de modo que te tornarás parte deste grande todo. Por já termos visto anteriormente que todo o espírito é UM só espírito, e que embora existam indivíduos na medida em que temos uma personalidade individual, carácter, etc., que representa um acúmulo ao longo de séculos de aprendizado e de experiência, seja como for, fazemos todos parte uns dos outros.

O progresso dos meus amigos é num certo sentido o meu progresso; quanto mais eu progredir mais tu progredirás, por causa do amor e do afecto que tenho por ti e da força que te trago, que te possibilitam que te chegues mais e assimiles, conforme assimilarás assim que aqui chegares, ainda mais do que provavelmente poderias ter assimilado caso não estivéssemos juntos ou, por exemplo, nunca nos tivéssemos conhecido.

Por vezes as vidas das pessoas são unidas ao longo de muitas encarnações, e tornam-se verdadeiramente num espírito no sentido mais completo, entendes? Assim que nos conseguirmos livrar do EU SOU individual, e em vez disso nos considerarmos parte de um grande todo completo. . . ou por outras palavras, tomarmos consciência de que somos parte de um plano divino, do Espírito Divino. . . é sobre essa unidade da mente que muita gente, creio bem, tece inúmeras teses e ideias concernentes a si mesmos e à religião em particular.

Refiro-me a esta ideia da religião que as pessoas têm quando aceitam a religião ou qualquer credo ou dogma que seja, de serem indivíduos e de virem a ser completamente salvos ou a tornar-se íntegros, e que venham de novo a existir numa forma de vida em que venham a representar uma parte muito importante,

sem dúvida. . . mas elas não parecem valorizar que a única maneira de encontrar a verdadeira ideia seja perdendo-a. Por outras palavras, não é ser salvos nesse sentido da matéria, mas que vocês possuem dentro de vós a capacidade de se salvarem por intermédio de um desejo da verdade, de um desejo de conhecimento, por intermédio da aceitação - e contudo ao mesmo tempo, também em certos casos por meio da rejeição.

As pessoas não valorizam nem compreendem plenamente que para se avaliar o branco precisamos do negro e não uma escassa condição de cinzento. Por outras palavras, todas as nossas vidas são unidas na medida em que fazemos todos parte e parcela uns dos outros, e que quando uma pessoa cai, então as outras pessoas envolvidas poderão alçar-se a uma elevada condição. Elas reduzem-se, por assim dizer, de bom grado, para ajudar uma menor. Por outras palavras é somente perdendo-nos que nos encontramos; somente pela percepção de que somos aquilo que somos por causa dos outros, e por causa dos pensamentos e influências dos outros. Por outras palavras, nós não nos podemos elevar ou alcançar ou ser algo até que num certo sentido nos esqueçamos de nós e amemos, e aceitemos que de facto todos fazemos parte da grande Fraternidade do Homem, que fazemos todos parte do Grande Plano, fazemos todos parte do Espírito de Deus.

Somos todos do mesmo espírito que se manifesta sob diferentes aparências, se preferirmos, em diferentes períodos de tempo e em diferentes corpos e em circunstâncias diferentes. Mas é o mesmo espírito que anima toda a vida, e é essa unidade do espírito que torna todas as coisas tangíveis e concebíveis, todas as coisas possíveis. E decerto que é esse Espírito Divino que leva cada um de nós a percebermos um potencial e uma possibilidade. Não devemos perder de vista o facto de que embora sejamos indivíduos, não podemos ascender sem que os outros também ascendam, e que eles nos ajudam e nós a eles, e que nessa ajuda esteja a resposta para todos os problemas e para todas as confusões. Não devemos considerar nunca que possuamos todas as respostas e que, em nós próprios não consigamos fazer nada até que nos esqueçamos de nós próprios por assim dizer, no amor e no verdadeiro eu-próprio.

Eu aprendi tanto durante o tempo em que aqui tenho estado. . . A religião devidamente compreendida e devidamente aplicada no seu sentido pleno, no sentido correcto, constitui a resposta, mas não no sentido tacanho nem no sentido em que muita gente desejará que enveredem, que muita vez pode acarretar desespero e confusão. Penso que devemos manter a mente sempre livra para aceitar ou rejeitar, e não para ficar atada nem agrilhoada

Toda a minha bênção e amor, e adeus.

Eira: Sim, obrigado, querido.

SOBRE O PECADO DA IGREJA

(21061962)

Douglas: . . .Não te incomodes, querida, não te incomodes. Possivelmente não conheço algumas das almas que venham por se situarem num passado remoto em associação contigo e comigo. (NT: Alusão que faz à conversa que Eira estava a ter com Mickey, o controlo do médium) De modo que, das almas que vêm, o único companheiro que de modo quase ocasional, poder-se-ia dizer, que tu conheceste. . . Há uma coisa extraordinária, como as pessoas deste lado, que num certo sentido não têm qualquer pretensão ou ligação com gente particular que possa ter interesse pelo assunto, tem a oportunidade de surgir, na esperança de que qualquer mensagem (ou mensagens) possam ser passadas a amigos ou familiares seus. . . Entende, existe realmente tão pouca gente que se sinta suficientemente interessada por se dedicar seriamente ao assunto e investigá-lo; há todo o tipo de gente que é atraída com a ideia e a esperança de obter um tipo qualquer de mensagem da parte de uma alma ou outra, pessoa essa, ou pessoas, que não se interessarão em empreender qualquer tentativa de comunicar, estás a entender?

Eira: Sim, entendo a questão.

Douglas: De qualquer modo, embora haja montes de gente. . . de facto por vezes, se pudesses ver tudo ao redor, em ocasiões como esta há centenas de pessoas, a maioria das quais de facto não tem qualquer ligação mas que tem interesse e sente ansia em relação à possibilidade de poderem ter uma oportunidade de poderem obter uma chance algures numa data futura de conseguir mensagens dos seus entes queridos. Sentem interesse por tanto quererem dar aos seus as boas notícias de que estão conscientes e felizes e de que não há necessidade de se afligirem e transtornarem com eles.

Não creio que as pessoas do vosso lado percebam o quão cruel é, num certo sentido, que cerrem a porta. . . assim que o funeral termina, embora frequentemente pensem nos seus amados, mas pela parte que lhes toca, é tudo. Por eles os terem abandonado fisicamente, não tem qualquer significado que os acusem e julguem, com a possibilidade de porventura os reencontrarem um belo dia, quando eles próprios passarem, caso existe um pós-vida.

Num certo sentido, será possivelmente por isso que eu mudei de uma forma tremenda a perspectiva que tinha sobre a Igreja, por na minha maneira de pensar, o maior pecado da Igreja está no facto de cerrar a porta, não só àqueles que pertencem à própria Igreja mas a quase todo o mundo, no que concerne a vida depois da morte. Eles não acreditam na vida após a morte e de um dia entrarem em contacto com os seus entes amados, e acham que seja errado comunicar - de facto eles erguem todas as barreiras. . . a própria base da crença religiosa consiste no

facto da vida depois da morte, mas quando chegamos a algo de concreto e de sólido e de real com respeito a isso, eles não fazem absolutamente nada, de facto fazem tudo quanto podem para impedir as pessoas de investigar e de procurar descobrir.

É tão irritante - eu não costumo ficar furioso - mas preciso admitir que alterei por completo toda a atitude e perspectiva que tinha em relação à Igreja e à sua doutrina.

Eira: Pois, eu compreendo-te muito bem; creio que muita gente. . .

Douglas: Se tu não fosses uma pessoa inteligente e dotada de ideias próprias, jamais terias feito qualquer tentativa de comunicar comigo. . .

Eira: Eu encontrei o livro de Arthur Findlay, sabes, há muitos anos atrás, e isso representou o começo da minha busca.

Douglas: Creio que foi depois disso, mas creio que se pertencesses à Igreja Cristã Ortodoxa e estivesses ligada a ela por anos de educação, jamais gozarias desta oportunidade.

Eira: Exactamente, querido.

Douglas: É por isso que culpo a Igreja, por negar a verdade, por se afirmar como uma barreira relativamente à verdade, apesar dos formidáveis ensinamentos do Cristo e de outras almas grandiosas. Ela cerra a porta e diz às pessoas que é errado investigar e dá toda a espécie de desculpas fundamentalmente para deter o próprio poder que exerce e detém. Não me posso furtar a pensar agora com mais clareza do que alguma vez o fiz na terra, em tantos incidentes e tantas experiências que tive com a Igreja, com membros da Igreja. Percebo agora mais e mais como se meteram no caminho do progresso.

Eira: É claro que existe a Associação de Igrejas de Pesquisas Psíquicas, querido. . .

Douglas: Esses estão a dar a volta. . .

Eira: Ah, sim, são muitos, e muitos (. . .) em Londres, despertaram para este facto. . .

Douglas: Quando me recordo nos anos da minha mocidade, quando penso de volta nos dias em que vivi neste mesmo distrito, não muito longe daqui, e percebo quantas pessoas foram oprimidas, no reinado da Vitória e na era de Eduardo, por exemplo, real e fundamentalmente oprimidas pela Igreja, mas as pessoas não o percebem. A verdade é que há não muito tempo os garotos trepavam às chaminés e (. . .) Na realidade podemos prosseguir sem parar, as igrejas vêm a suprimir isso há séculos. Agora as pessoas procuram romper as correntes e tomar um certo folgo. . .

Eira: Pois, é uma maneira adorável de colocar a coisa, querido. . .

Douglas: É verdade; têm vindo a respirar o mesmo ar fétido há séculos, pelo que agora têm necessidade de inalar algum ar fresco nos pulmões e começar a respirar com liberdade (Eira ri) existências mais sensatas e salutares.

Eira: Bem, querido, quando tiveres acabado de falar (. . .) não penso fazer-te nenhuma pergunta (. . .) Deixo-o inteiramente a teu cargo.

Douglas: Não me passa pela cabeça nem por um instante. . . (Eira interrompe)

Eira: Ah, não, és muito amável. Eu perturbo-te. . .

Douglas: A única coisa está em que. . . a questão toda está em que eu entrei numa linha de raciocínio e, se subitamente surgires com perguntas isso rompê-la-á. . .

Eira: Eu compreendo-te bem.

Douglas: Não basta, acredita-me, tentar superá-lo; tenho tanto a superar que quero transmitir com clareza tudo, que um pequeno congestionamento que não precisa passar necessariamente pelas perguntas que me faças porque qualquer nota de interferência que venha mesmo do nosso lado, de uma tentação de entre milhares de pessoas que sejam atraídas a um local como este, que por vezes se encontram próximo à terra, e possivelmente mais aptos a estabelecer contacto ou a impingir-se de alguma forma, pode romper o laço. . .

Eira: Pois, tu referiste certa vez que até o pequeno cachorro te incomodava, há muito tempo.

Douglas: Os animais, é claro. . . as pessoas não o percebem, é claro, mas os animais são muito, muito psíquicos. Muito mais psíquicos com efeito do que os seres humanos porque, ao não possuírem o poder de falar, eles possuem este sentido de conhecimento instintivo e intuitivo aquilo que estiver a ser dito ou o que estiver a ocorrer. E vêm numa faixa de vibração muito mais elevada. Eles visualizam e vêm coisas que nenhum ser humano consegue ver. . .

Eira: Pois, eu percebo isso.

Douglas. Os cavalos são coisas muito psíquicas. . .

Eira: Ai são?

Douglas: Não, querida, quando eu cavalgava não conseguia evitar. . . suponho que num certo sentido não devia, mas nós sabemos do passado, mas eu aprendi com tantos incidentes e tantas coisas que ocorreram na minha própria vida, talvez por altura. . . mas estou certo de que na altura não o compreendia bem, não o associava o psiquismo dos cães, mas percebo agora que eu o era em mim próprio (psíquico) sem que o percebesse.

Eira: Pois. Consigo imaginá-lo, e depois o elevado nível de ancestralidade poderá ter fomentado isso.

Douglas: Lembro-me de uma vez, oh, foi há tantos anos, numa noite, um rapaz do campo numa carruagem puxada por um cavalo, subitamente o cavalo estancou e não avançava (. . .) e o cavalo ergueu-se e fez um barulho terrível, e o rapaz saltou para cima para ver se conseguia continuar. Algumas semanas mais tarde nesse mesmo local uma beldade qualquer tinha sido morta. Estou certo de que o cavalo pressentiu e viu uma aparição.

Eira: Sim. Isso passou-se na Escócia? Interessante.

Douglas: Passou. Eu era muito novo. Lembro-me de que nesses dias eu costumava usar carroça puxada por pónei e por cavalos, para o meu pai e para a família. Quando penso de volta nesses dias o meu pai conta-me coisas interessantes que nos dias dele eram do conhecimento comum. Sabes, não resta dúvida de que quanto mais estivermos ligados à natureza, mais vivermos nos campos e arredores, a menos que estejamos associados à vida sofisticada, mais sensíveis se tornam para com estas coisas.

Eira: Ah, pois, sem dúvida.

Douglas: Creio que os médiuns se sairiam muito melhor se fosse prático viverem no campo rodeados de árvores e pássaros; toda a atmosfera do campo é mais condutiva a este tipo de coisa da vida inteira. Na realidade acho espantoso que os médiuns obtenham os resultados que obtêm sob as condições em que precisam situá-los actualmente.

Sabes, por vezes estou muito calmo e tranquilo e muito perto de ti. De facto, se pegasses em papel e lápis estou certo de que conseguiria escrever pela tua própria mão.

Eira: Pois, já tentei isso muitas vezes mas, mas penso que seja melhor conseguir este pequeno. . .

Douglas: Estou de acordo contigo em que seja melhor por possivelmente ser muito mais convincente para ti r por ir mais directo à questão, por ser mais pessoal e por ser mais definido. Suponho que seja por isso que por vezes penso escrever-te uma carta.

Eira: Ah, seria interessante, querido. Eu lembro-me disso. . .

Douglas: A questão está em que poderias tocá-lo e dizer: ". . .maquinações que certas pessoas fazem. . ."

Eira: Isso teria lugar na tua própria escrita?

Douglas: . . .a propósito agrada-me a fotografia que mandaste copiar. Ficou muito bem.

Eira: Pois. . .

Douglas: Quando respondes “pois”. . .

Eira: Bom eu estava a pensar a qual te referirás, se à que foi alargada a partir da pequena do instantâneo ou se te referes à que está inclinada contra. . .

Douglas: Refiro-me à pequena que obtiveste do instantâneo. Na altura pensavas que gostarias dela num formato maior mas duvidavas que saísse tão bem. . .

Eira: Ah, saiu muito bem, saiu sim. Será essa que preferes como a tua fotografia, para o álbum? Só para que caso. . .

Douglas: Não é necessariamente uma por que tenha preferência, por poder não. . . mas como ficou bem suponho que deve figurar no álbum. Não, deixo isso inteiramente a teu cargo, porque num certo sentido não tem tanta importância.

Eira: Não, penso que possivelmente mandarei fazer um retracto psíquico mais tarde. . .

Douglas: Um retracto psíquico. . .

Eira: Sim. Por um desses artistas, Frank Leha. . . O outro indivíduo era muito bom. Ele desenvolveu vários esboços. . . como é que se chamava, McDonald. . .? Não. . . Esqueci. Vamos tentar o Frank Leah, sim?

Douglas: Se for a tempo. Uh?

Eira: Oh, porquê, querido?

Douglas: . . .parece-me a mim que ele já morreu.

Eira: Não.

Douglas: Infelizmente sucedeu muito de súbito, aliás é estranho que menciones o nome desse homem por eu ter ouvido alguém outro dia ("outro dia") quando estive com alguém que o conhece muito bem, que me disse que pensava que não permaneceria no teu lado muito mais tempo. Da facto especificou que a qualquer hora o provável é que viesse a sofrer um ataque de convulsões de qualquer ordem, pelo que (. . .) assim que tenhas oportunidade de o obteres através dele.

Eira: Ah, não. Ele é um homem maravilhoso. . .

Douglas: (. . .) Por vezes agrada-me, penso que seja muito bom vir e conversar contigo sobre assuntos que poderás achar serem do interesse comum, mas às vezes é agradável conversar naturalmente sobre as coisas, além de achar que seja natural (. . .) as outras pessoas e a perceber o quão natural tudo isso é de qualquer modo.

Eira: Sim, não estás de todo imerso nas belezas da tua própria região.

Douglas: Não, sinto-me muito feliz e muito calmo por aqui estar, deus meu (. . .) pelo vosso pequeno mundo e interesso-me pelas coisas que acontecem ao teu

redor e contigo. (. . .) Mas por vezes desejaria que arranjasses outro sítio melhor para viveres.

Eira: Ah, pois. Tu disseste que irias encontrar alguém. . .

Douglas: Bom, eu espero que sim, mais tarde, por não pensar que as escadas sejam muito altas (Eira dá uma risada) Não estou muito satisfeito em que tenhas que viver de modo tão apertado lá onde estás a habitar.

Eira: Pois é, na verdade ainda não tinha pensado dessa maneira.

Douglas: Quero dizer, eu não quero que faças aquilo que não quiseres fazer, mas parece-me a mim. . . não quero usar o termo "empobrecido," mas parece-me demasiado restrito. . .

Eira: Ah, sim, sim. Bom, espero que me arranjem a passar para Londres. . .

Douglas: (Fala ao mesmo tempo)

Eira: Não!

Douglas: Porque é que vives dessa maneira?

Eira: Bom, estou a viver com amigos com quem costumavas estar, e. . .

Douglas: E eu agradeço isso, mas. . .

Eira: Não consigo fazer o Escocês-Americano interessar-se por estas coisas, o sr. Wallace, querido. Ele não se revela antagónico mas eu queria que ele viesse ouvir as tuas gravações, mas creio que ele não vem.

Douglas: Porque é que pensas isso? Achas que seja preconceituoso?

Eira: De facto acho que seria demasiado bom para ser verdade.

Douglas: Ele não está interessado. Agora, tu evitas responder-me acerca do apartamento, não?

Eira: Sim, porquê?

Douglas: Não sei. . .

Eira: A questão está em que estou preparada para me mudar, entendes. . .

Douglas: A questão está em saber: És feliz lá?

Eira: Ah, sou, mas eu estou a tentar ir para o campo, mais próximo de Londres. Uma médium disse-me que disseras que me arranjarias alguma coisa algures ao sul de Londres.

Douglas: Tudo quanto espero é que não seja em (. . .) nada diferente em mente. Com toda a franqueza não sei bem se queres um apartamento ou uma casa ou uma bangalô. . . Do que é que realmente gostavas?

Eira: Ah, penso que seja um apartamento mesmo.

Douglas: Não queres ter muito que fazer, pois não querida?

Eira: Bom, eu já tenho muito que fazer com este trabalho, querido. Isto dá muito que fazer. . .

Douglas: Estava a pensar do ponto de vista doméstico. . .

Eira: Porque deverei gastar o meu tempo a cozinhar e tudo o mais quando as coisas até são comidas cruas? (Ri)

Douglas: Estava a gracejar contigo. . . Com que então estás feliz. . .

Eira: Exacto.

Douglas: E com relação à máquina de escrever?

Eira: Bom, estou a tentar aprender a escrever.

Douglas: Eu espero que venhas a escrever tudo isto à máquina.

Eira: Encontrei alguém, querido. . .

Douglas: Isso vai ser uma tarefa e tanto, não? Precisas aprender essa coisa já. . .

Eira: Gravei cada palavra do disseste que passaste. Quinze dias após o teu falecimento. Agora só tenho que o organizar.

Douglas: Eu acho que devias tratar de publicar este livro cedo.

Eira: Sim. Há tanta coisa de que falar, querido. . .

Douglas: É verdade, temos muita coisa de que falar. Na verdade podemos continuar e escrever muitos livros. Onde é que vais almoçar hoje?

Eira: Em Belgrave Square. Há uma pequena sessão de grupo e eu espero poder igualmente entrar. E depois, às cinco horas vai falar uma entidade numa sessão de transe que eu sempre apreciei e que acho tão estimulante. Ouviste falar dele?

Douglas: Ouvi.

Eira: Às cinco horas espero que que lá estejas.

Douglas: Eu estarei. Eles não estão a passar mensagens, estão?

Eira: Ah, não, são só umas maravilhosas horas de diálogo. E ele é um brilhante orador e na verdade tem uma dose de riso. (Pausa) Parece que ele se retirou Sr. Flint

Flint: Assim parece. Foi muito interessante, esta manhã.

(. . .)

Eira: Caramba, nem sequer o Mickey veio despedir-se!

Douglas: Parece que a trajetória nos foi cortada. Peço desculpa por isto.

Eira: Ai sim, querido? Que trajetória? A trajetória psíquica?

Douglas: Sim. Não tem importância. Foi agradável conversar contigo e da próxima vez tentarei falar sobre coisas de interesse para o livro. Envio-te todo o meu amor.

Eira: Sim, querido, espero encontrar-me aqui de segunda-feira a uma semana.

Douglas: Óptimo. Muitas vezes é melhor para mim. Adeus querida.

Eira: Adeus amor.

ECUMENISMO (NOVA ORDEM MUNDIAL) OU LIBERDADE DA CRENÇA?

A RELIGIÃO É NECESSÁRIA, MAS O HOMEM PRECISA ESPIRITUALIZAR-SE

(27021962)

Eira: Bom, deixa cá ver. . . Achas que em alguma data futura todas as religiões do mundo se venham, porventura, a reunir, e venham a abraçar mais ou menos o que cada uma tem de básico?

Douglas: Francamente, não. Esta poderá parecer uma resposta muito estranha, mas não creio que as religiões enquanto tais se possam unir mas acho que as pessoas podem unir-se, e que venham a descartar uma enorme quantidade da experiência e conhecimento de crenças, por o senso comum, a experiência e o conhecimento com que se depararão, as forçarão a dar esse passo.

Eu acho que quanto mais cedo se tornarem sábios espiritualmente, mais descartarão, automaticamente, muitos dos velhos credos e dogmas e ideias e conceitos esgotados. Acho que é isso que se deve esperar.

Quando mencionas isso das religiões e dos credos se reunirem. . . Não! As pessoas? Sim! E consequentemente, à medida que se tornarem mais num só, e o seu conhecimento aumentar, e o seu empreendimento espiritual produzir todo um estado de espírito completamente diferente, claro que elas se livrarão de todo. . .

Eira: Obrigado, querido, essa é uma perspectiva muito melhor, não? Porém, um tipo de contacto científico entre os dois mundos. . .

Douglas: Isso, claro está, há-de chegar. Eu estou absolutamente convencido que aquilo que venha a unir as pessoas é o facto da própria ciência eventualmente venha a tornar possível a comunicação entre o nosso mundo e o vosso. Tropeçará de forma acidental com algo, estou certo, algo de que não estarão à espera nem a antecipar, que abrirá a porta, em termos científicos, para o nosso mundo. Toda esta ânsia que têm pelo espaço exterior, que possivelmente muita gente pensa ser um perda absoluta de dinheiro e de tempo, na verdade não o é. Embora as pessoas

possam envolvidas não o antecipem, eu acho que ao irem ao espaço exterior eles vão descobrir tantas coisas - que então sucederão, que é o que temos tentado dizer-lhes há tanto tempo - e gradualmente surgirá prova de tal natureza que se tornará geralmente aceite, compreendido e aplicado na vida, além de eu também achar que as investigações que empreendem no espaço venham as pessoas da terra a unir-se por meio da percepção da futilidade da guerra, penso que venham a dispensar o armamento e que as nações venham a unir-se mais e as barreiras venham a ser derrubadas.

Por isso, acho que esta era do espaço vem abrir oportunidades fabulosas, e penso que eventualmente se tornará na salvação do mundo. Não quero dizer que seja coisa que venha a ocorrer nas próximas semanas ou meses, por poder levar outros vinte ou trinta anos. É difícil dizer quanto tempo isso possivelmente venha a levar, mas o que isso tem de espantoso é que já - embora possivelmente ainda não tenham saído disso com uma compreensão total - já obtiveram indicações claras no espaço exterior ed algo que poderia ser semelhante àquilo que vocês designam por "espiritualismo," embora não queira dizer que tenham visto entidades nem que tenham estado em contacto com elas, mas eles começaram a perceber que muito do que tem sido ensinado nesta matéria é aplicável, e muito mais cientificamente compreensível.

Não acho que médiuns venham a ser completamente postos de parte. . . lá por a ciência abrir mais amplamente a porta, os instrumentos que vocês conhecem como médiuns se venham a tornar fora de moda ou desnecessários, por o elemento humano, a mente, o indivíduo, sempre estará em jogo, quer sejam os cientistas com as suas investigações ou no sentido mais espiritual. O que estou a tentar dizer é que da ciência virá uma ciência espiritual e não tanto uma ciência material. Dar-se-á um grande alargamento dos horizontes, e aqueles que actualmente aplicam a ciência no sentido mais materialista, tornar-se-ão em consequência do conhecimento e do alargamento do conhecimento, espiritualmente votados à ciência. E é disso que vocês necessitam no vosso mundo; necessitam unir as raças humanas, precisam de uma ciência espiritual, por na minha opinião, a maioria das religiões são religiões que, embora englobem verdades básicas, infelizmente na sua maioria (não são todas) em maior ou menor grau são materialistas.

O homem é uma construção de si próprio; ele criou por assim dizer a sua própria ideia em relação a estas coisas e consequentemente o homem tornou-se bastante materialista naquilo que passou a aceitar religiosamente. Embora aceite coisas de natureza espiritual, ele pouca ou nenhuma tem da prova dessas coisas; ele cria crenças e dogmas que confundem até mesmo a pequena quantidade de verdade que tenha chegado à terra. Por outras palavras, o próprio homem tornou a verdade espiritual numa coisa material, por a concepção estar completamente errada.

O homem precisa da religião. Mas parece-me que sem ela o homem ver-se-á perdido. Existe um incontável número de pessoas que não seguem a religião no

sentido de uma determinada igreja, embora possam ler a Bíblia, etc., mas em si mesmo a coisa é de tal modo inerente que particularmente em tempos de dificuldades e de aflição, mesmo que não seja particularmente religioso (nesses moldes) ele começará a pensar em maior profundidade em relação a ela. A verdade fundamental sai incólume, mas as concepções e as ideias que o homem tem se acham todas erradas. Essa ideia da religião servir quase como uma espécie de apólice de seguro, e de que se contribuírem para ela retirarão dividendos é completamente errada. Por outras palavras, se forem regularmente à Igreja e aceitarem determinadas coisas que se espere aceitem, ou uma igreja qualquer, quando para aqui vierem fiquem bem não passa de uma enorme falácia.

Eira: Pois, acho que pouca gente acreditaria nisso hoje em dia.

Douglas: Sabes, eu cheguei à conclusão de que o homem poderá estar certo num sentido; se lhe for dado um caminho ele poderá ser ajudado ao longo desse caminho. E é-nos permitido, e naturalmente que adoramos ajudar as pessoas, mas a questão toda está em que o homem ainda precisará firmar-se nos seus próprios pés; ninguém o poderá fazer por ele; ninguém os poderá salvar. O caminho da salvação está em vós próprios. Além disso, de que tipo de salvação se trataria, se tivessem que depender de mais alguém? precisar sofrer e desistir de tudo em função de. . . as pessoas não o admitem, sentem-se entediadas.

Com isto não pretendo negar a questão fundamental da verdade, mas afasto-me e tenho todos os motivos para perceber que o homem fez do que foi verdadeiramente uma revelação espiritual pura uma concepção tão material. Vocês precisam perceber que a vida tem sido dada a experimentar ao homem, a fim de se desenvolver, para obter conhecimento e experiência por que desenvolva as suas faculdades espirituais.

Mas a maioria das pessoas no vosso mundo desenvolvem os dons materiais mas nada fazem com relação aos seus dons espirituais, que possui de forma inerente em si mesmo. Vocês nascem com um corpo físico, que cresce e se desenvolve, assim como o conhecimento. Mas a questão está em que muito poucos chegam a perceber que possuem um corpo espiritual, que possuem faculdades espirituais e possibilidades espirituais. E a maioria das pessoas, desde o berço até à sepultura, nada sabem acerca do seu ser espiritual. E a Igreja tão pouco o ensina.

SOBRE PROJECÇÃO FORA DO CORPO

E O DESENVOLVIMENTO CONSEGUIDO NAS ESFERAS

(100774)

Douglas: De que forma se está a sair a presente publicação, está a sair-se bem?

Eira: Imagino que sim, já que estou a receber um volume avultado de cartas da parte de pessoas que escrevem a agradecer-te, que me pedem para te agradecer por tudo quanto revelaste.

Douglas: Óptimo! Se algumas pessoas estiverem a receber ajuda, e de alguma forma estiverem a ser animadas. . . Depois de tudo quanto foi dito e feito. . . Afinal existem tantas publicações escritas sobre o tema psíquico e espiritualista que suponho que publicar um outro livro nos dias que correm deve representar qualquer coisa.

Mas suponho que as pessoas leem uns livros e com o tempo sentem-se saturadas. Mas acho que haja lugar para um livro por que choramos baba e ranho, acerca da vida após a morte. Creio que alguns desses livros. . . não me recordo quanto tempo já têm, talvez uns anos, mas acho que li alguns, mas não fiquei muito impressionado.

A questão está em que acho que temos que nos resumir ao facto básico de que, quando se trata de tentar transmitir a partir deste lado aspectos da vida com que estamos familiarizados mas vocês não, temos de alguma forma que o resumir ao nível material para que possa ser entendido ou compreendido de todo. Por outras palavras, precisamos resumi-lo num sentido a imagens, conforme suponho que seja a expressão que corre, a um sentido material, de modo que possam dispor de um esboço ou de um aspecto qualquer do que procuramos transmitir. Mas existem tantos aspectos da nossa vida que, com toda a franqueza, não consigo possivelmente conceber que possa dar a entender ou transmitir por qualquer modo que possam nem sequer compreendam, entendes? A nossa vida acha-se tão em determinados sentidos remota da vida material, que não temos hipótese de a descrever.

Eira: Pois, eu compreendo isso. Tu já transmites muito. bom, terás algum assunto especial a tratar, querido?

Douglas: Penso que provavelmente seria melhor que me fizesses perguntas cujas respostas, se as puder dar, tragam de volta ao nível material da consciência uma compreensão, perguntas que possivelmente muita gente possa colocar.

Eira: Pois. Estava a pensar nestas experiência de projecção fora do corpo porque passamos. Eu passei algumas ocasiões excitantes em que o meu corpo ficou rígido,

e questiono se não poderíamos falar sobre esse aspecto, com é que isso é alcançado.

Douglas: Bom, essa não é uma pergunta de difícil resposta. Claro que acho que muita gente passa por essas experiências de projecção fora do corpo, embora muitas outras pessoas não as tenham; claro que muito depende do indivíduo. Quando uma pessoa em certa medida - tal como no teu próprio caso - progride ao longo do caminho da realização; por outras palavras, tu estudaste o tema e tens estado de forma intermitente comigo, abriste a tua consciência à realidade destas coisas, e por conseguinte, devido à meditação que praticas, devido à consciência que tens de uma força externa, e também à realização que obtiveste de que a vida é um processo contínuo, ao perceberes conforme tu percebes que o espírito do indivíduo se encontra apenas temporariamente alojado no caixão da carne; percebendo conforme tu percebes esses factos, então claro que pela tua própria natureza e inclinação e experiência e conhecimento, libertas-te (conforme suponho que a palavra deva ser) do mundano e do material, não só durante as horas de vigília mas muito mais durante as horas do chamado sono material.

Assim que obtiveres plena consciência e perceberes que tu própria, a realidade, o teu Eu, aquilo que te tornaste ao longo de porventura séculos do tempo terreno da experiência enquanto indivíduo, enquanto personalidade, enquanto ser espiritual - por teres assimilado tanto - isso pela sua própria natureza, é muito mais fácil de fazer no estado de sono, ser capaz de abandonar o corpo material, de se separarem temporariamente e projectar-se nos níveis astrais, nesses outros reinos da realização espiritual, que não se acham tão afastados assim da terra. Não queria que pensasses que com esta observação que fiz do astral esteja a referir estados de existência não evoluídos. O que temos que perceber é que existem muitíssimos estados de existência, muitas condições de vida a que uma pessoa pode aspirar e penetrar.

Claro que se estiverem aprisionados - como na realidade devem estar enquanto estiverem na matéria, presos a coisas e problemas materiais, durante a vossa rotina diária da vida - até certo ponto esse será um aspecto inibidor, mas entende, tu tens sido capaz - embora possivelmente não tenhas podido compreendê-lo em pleno - mas tens sido capaz de te libertares o teu verdadeiro Eu, em grande medida, desses aspectos materiais da vida no teu estado de sono, ou seja, quando o teu corpo fica a repousar, tu - o teu verdadeiro Eu, torna-se capaz de se afastar temporariamente da memória, se quisermos, ou dos laços mentais ou contacto com o físico e o cérebro. Habilitas-te a entrar na realização do pensamento de uma nova experiência no que geralmente é designado por planos astrais.

Bom; esses planos, que se acham interligados, se quisermos, pelo menos alguns planos acham-se entrelaçados com a vida material, são habitados por indivíduos que, porventura se terão libertado do corpo físico muito recentemente pela morte. São pessoas que ainda estão por assim dizer mentalmente agarradas, em parte,

senão mesmo completamente pelo menos em parte, a velhas recordações de coisas passadas, no sentido material; por vezes vêm do astral em visita à velha morada e vêm visitar os amigos e parentes. Encontram-se, se quisermos, num estado de limbo, embora não esteja certo de ser a melhor palavra a usar. Claro que me estou a referir ao estado mental da existência que se encontra estreitamente entrelaçado com a material.

Bom, quando deixam o material, vocês penetram num estado do ser que constitui uma realidade da vida de indivíduos que terão, não porventura completamente abdicado do aspecto material do pensamento e por conseguinte esse mundo em que têm existência é, até certo ponto, criado pelas forças do seu pensamento e devido às perspectivas que tinham, determinados aspectos da vida que de uma forma estranha não constituem exactamente réplicas materiais, mas em determinada medida encontram-se - em certos casos - num estado confuso de existência, que resulta da combinação da nova ideia ou forma de vida produzida pelas acções ou forças do pensamento, mas também se acham entrelaçados com velhas ideias e velhas coisas que não terão sacudido por completo.

Agora; não quero que presumas, com aquilo que te estou a dizer, que quando deixes o corpo físico permaneças o tempo todo, nesses planos particulares de que falo. . .

Eira: Ah, espero bem que não.

Douglas: Não, quero transmitir-te estas coisas a ver se percebes que todas as condições de vida - quer se trate de condições de vida altamente evoluídas ou de condições de vida próximas à terra, ou que acham-se bastante interligadas, poder-se-á dizer, com a terra – não são locais separados mas encontram-se todos misturados. . . Isto é uma coisa que muita gente obviamente não compreende. O que precisamos ter em mente é que toda a progressão individual constitui uma condição que, pela sua própria natureza, constitui um processo lento. Uma pessoa não toma subitamente consciência dos domínios elevados da realização ou do conhecimento espiritual; ela não se torna de repente plenamente ciente de quaisquer dos múltiplos aspectos da vida amplamente afastados da vida, nem tão pouco pela sua própria natureza se tornam – como o mundo porventura o refere – perfeitas.

Nós somos uma mistura – todos nós – de tantas experiências, de tantas ideias e pensamentos, nós assumimos toda a sorte de ideias e por vezes de condições de vida que pela sua própria natureza se acham entrelaçadas. Por exemplo, no meu próprio ambiente, a que tu por vezes vens, eu posso atravessar todas as fases diferentes da existência. Posso alcançar, ainda que temporariamente, diversas condições de vida, e tornar-me temporariamente parte, se quisermos, dessa particular condição. E também posso assumir – mas isto deverá chocar-te – posso

assumir até certo ponto uma aparência exterior, que não passará de um envoltório temporário.

Vocês, por exemplo, no mundo material, dispõem do vosso corpo físico, e as pessoas reconhecem-nos pelo aspecto físico que exibem. À medida que atingem uma certa idade também o corpo começa a envelhecer e entra em declínio, no entanto vós próprios enquanto indivíduo, ser espiritual que está gradualmente a evoluir, eventualmente obviamente, "batem a bota" e o corpo deixa de existir: mas o que quero dizer é que eu, neste meu lado, e outros como eu, que evoluíram por diversos estágios da existência, conhecemos um corpo espiritual no domínio elevado de que nos tornamos parte, para onde migramos, se quisermos, podemos, ao entrarmos noutras esferas, em particular próximo à terra, assumir temporariamente aspectos dos velhos corpos que tivermos tido.

As pessoas sempre presumem que não passamos de uma pessoa individual – o que num certo sentido não deixa de ser correcto – só que aquilo que torna uma pessoa num indivíduo, passível de ser reconhecível pelos outros, é o conglomerado, se quisermos, toda a sorte de ideias, teorias, condições e experiências e ventos por que passamos em diversas vidas – não só neste mundo material, estou a referir-me igualmente às vidas espirituais, e às experiências astrais. O que podemos enfiar na cabeça é que somos um conglomerado de todo o tipo de pensamentos e ideias, experiências, conhecimento, teorias, algumas das quais gradualmente expandimos ou descartamos por não mais serem de qualquer valia para nós.

Algumas das primeiras coisas que tive que aprender quando passei do vosso mundo para este foram certas ideias e teorias, clichés suponho bem, toda a sorte de coisas que eu me tinha apegado subconsciente ou inconsciente ou mesmo conscientemente, precisamos despir-nos antes de podermos progredir. Toda a sorte de ideias e pensamentos intensos que não têm qualquer peso, qualquer propósito, qualquer sentido aqui. Aquilo que te estou a tentar apresentar em poucas palavras para o efeito é que, quando penetramos nos domínios do espírito, quando o vosso corpo material fica a repousar e vós próprios vos alojais temporariamente no corpo astral ou no vosso corpo psíquico ou corpo espiritual, se preferirem chamar-lhe isso, embora estes termos individuais num certo sentido sejam uma e a mesma coisa, vocês entram num estado temporário de existência da consciência de certas condições da vida, e tomam parte nelas.

Por vezes, sob determinadas condições, tu és capaz de vir directamente até mim na minha própria esfera, mas há outras alturas em eu entro no astral. . .

Eira: Pois. . . eu habitualmente volto aqui a cavalo. . .

Douglas: Bom, isso é compreensível porque. . . aquilo que não percebes, e não suponho que quem quer que seja. . . mesmo aqueles que tenham muita experiência e identifiquem essas coisas conseguem perceber que somos nada mais nada menos do que aquilo que pensamos. E assim como pensamos, assim somos, e

surpreendemo-nos com as condições de vida em que nos vemos, quer seja na vida material onde nos encontramos na terra, ou nas condições astrais, que até certo ponto reflectem os pensamentos e as acções materiais, ou mesmo nos mais rarefeitos estados de existência. E também precisas ter em mente que podem entrar em toda a sorte de condições e que sereis temporariamente afectados por essas vibrações, por essas condições e por esses pensamentos.

E depois, claro que também precisamos ter em mente conforme eu disse antes que somos um conglomerado de toda sorte e feitio de experiências, o que poderá cobrir muitas, muitas gerações de tempo terreno. Quando aceitamos a teoria, esta teoria moderna da causa e efeito de que alguns de nós – não direi todos – tenhamos vivido na terra antes, e de que teremos tido vidas tão reais e tão naturais para nós quanto a existência material, que no teu caso ainda estás a viver e constitui uma realidade, também podemos temporariamente admitir, ou entrar em recordações passadas de casos e pessoas e coisas, e podemos reencenar se assim o desejarmos, temporariamente, por aquilo que foi ainda existe – nada se perdeu.

Existem registos – não sei como explicar isto, mas existem registos que podemos sintonizar de uma forma mental, pelo que podemos recordar eventos passados e acatar memórias dessas coisas. E se desejarmos podemos tomar parte nelas, assim como podemos representá-las por imagens e ter plena consciência delas. E é mais do que possível (acho que seja verdade dizer isto) mas muita da gente que tem experiências estão apenas a tocar o que suponho possam chamar os registos que se encontram na atmosfera da vida, que pertencem ao próprio, memórias essas em que podem penetrar temporariamente, e fazê-lo de tal forma a poderem reconstruí-las.

Nada se perde, entendes? E a questão está em que tu e eu tivemos muitas existências, e eu estou plenamente certo de que embora tu não as possas recapturar ou recordar, estou certo de que tu e eu vivemos na terra não só uma vez mas muitas. E numa ocasião, vivemos no tempo dos cruzados. E nesses tempos, tu e eu estávamos estreitamente ligados e eu era um homem de uma certa substância e posição, e eu fui a cavalo, conforme outros nesse tempo, até à Terra Santa.

Claro que agora em certos casos consigo ver que éramos muito mal orientados, mas mesmo assim temos que aceitar a questão de que por essa ocasião em particular, com o conhecimento ou falta de conhecimento que tínhamos, na maioria dos casos eramos, em grande medida, muito sinceros. A questão está em que porventura tu também recapturaste recordações que por vezes são capazes de infiltrar na tua consciência certas coisas que ocorreram há séculos atrás. Tu tens essa imagem mas quando vieres para aqui tornar-se-te-á possível (e já aconteceu) que pela capacidade que eu tenho de te projectar a recordação e a experiência de coisas, não somente no passado, mas por vezes coisas que ainda estão por vir ou que tu designarias por futuro.

Quando o homem conseguir assimilar a percepção de que o tempo não existe, de que o tempo é a maior ilusão, e de que aquilo que é passado ainda se acha presente, e o que ainda está por vir também existe, embora ainda não tenha atingido o seu tempo, se me for permitido usar essa expressão. . . e isso não se aplica somente ao material, quero dizer, existe essa teoria que foi avançada com relação ao tempo, com base no que se escreveram muitos livros, num sentido material, mas o tempo constitui uma ilusão, na medida em que realmente não conseguem defini-lo, nem conseguem dizer, o começo está aqui ou isto é o fim. Não existe qualquer começo nem fim, mas uma questão de tomarmos consciência de certos aspectos de nós próprios e da vida e da experiência, num determinado ponto.

Não quer dizer que pelo facto de terem nascido não existissem, e certamente não quer dizer que quando morrerem deixem de existir enquanto alma, por existirem. Vocês são como são, e num certo sentido nada alterará isso, porque virão a tornar-se progressivamente mais iluminados, cada vez mais conscientes espiritualmente, alcançarão um progresso cada vez maior, serão mais e mais capazes de alcançar e de fazer coisas que a determinada altura no tempo jamais teriam pensado ser possível. . .

Eira: Mas, querido, quando todos esses corpos ou humores (. . .) alcançaremos paz?

Douglas: Poder-se-á dizer, em que consiste a paz? Isso é um termo, e as pessoas gostam de pensar que a paz seja um estado de espírito que de uma forma estranha pode ser de tal modo considerada que há alturas em que poderemos dizer que estejamos em paz; quando nos sentimos tranquilos. Mas geralmente isso representa um momento no tempo ou uma experiência no tempo em que nada de consequente sucede – não realizam coisa nenhuma, nem fazem nada, nem vão ao encontro de coisa nenhuma. Muitas são as expressões que são criadas que de facto não possuem qualquer realidade, e eu estou a tentar falar de coisas factuais. Que será a paz? A ideia que uma pessoa possa ter da paz pode não ser a que outro tenha.

Mas a questão está em que "paz" é um termo muito mal aplicado. As pessoas falam de paz de espírito. . . que será a paz de espírito? Alguém dirá que é quando tudo se afeiçoa de tal modo quiescente, quando tudo se nos afigura conforme desejamos que seja e não temos nada que nos irrite ou incomode, quando não temos pelo que lutar ou nos esforçar e quase se contentam em não existir. A mim isso parece ser a explicação do que seja a paz. Claro que não refiro o significado que certa gente usa, quero dizer, quando se fala das dificuldades do mundo, da guerra e da paz. Daqueles que estejam em guerra, quer seja de palavras ou armamento, quer subentenda destruição e infelicidade, tudo isso é ausência de paz. Mas isso obviamente é algo muito diferente, é algo que desejamos erradicar. Desejamos que o homem compreenda que em si mesmo existe a possibilidade de uma mudança por maio da qual possa viver junto em harmonia.

Mas não me estava a referir que isso seja necessariamente paz. A mim, em certa medida a paz afigura-se-me como uma ilusão. Num certo sentido vocês nunca deixam de desejar algo mais, algo melhor, ou por uma maior percepção do sentido e do propósito. . .

Eira: Mas, e o Nirvana? Nunca alcançaremos esse estado chamado Nirvana?

Douglas: Sim, mas vês. . . realmente não sei como explicar isto mas. . . vejamos, existem milhões de pessoas, por exemplo, em determinadas esferas da existência que habitam juntos em perfeita harmonia, amor e compreensão, que vivem perfeitamente contentes, pelo que vocês dirão que habitam na paz. Não vou discutir isso é claro, eles vivem em paz, mas a questão está em que só atingiram um determinado aspecto ou questão de evolução ou desenvolvimento no tempo. Porque lé chega um tempo, independentemente do quando ou onde, em que o indivíduo, ou o espírito se quisermos, começa a procurar um pouco mais longe, começa a perambular à procura de algo ainda mais elevada que possa atingir.

Assim que uma pessoa, ou um grupo de pessoas se sentir satisfeito, na plena acepção do termo, então fica estagnada. Não sei se isto fará sentido ou se compreenderás isto mas, pela sua própria natureza a vida significa mudança, movimento, acção. A vida jamais pode chegar a ficar completamente imóvel. A vida pela sua própria natureza, a própria força animadora que está por detrás de toda a vida é movimento, mudança, é algo que é vital por detrás de toda a vida. A vida toda é esse tipo de animação.

E quando vocês têm animação, então estão constantemente. . . talvez sem que o entendam em pleno, a tentar alcançar, a esforçar-se, seja onde for. . . Poderão dizer: "(. . .) se encontram num grande estado de felicidade." É claro que se encontram, e permanecerão nesse estado de felicidade até que se sintam instigados ou necessitados ou desejosos de se expandir ou de ir um pouco mais longe na rota do progresso. Por toda a vida precisar ser progressão, precisar ser mudança – porventura muito lenta, muito subtil, e podendo levar eternidades, conforme vocês compreendem o tempo.

Quando falamos de eternidade, um termo que na verdade nos deixa a mente desorientada, por ninguém compreender a eternidade, e eu supor que se tentarem sentar-se e interessar-se pela ideia da eternidade, não o compreendam e provavelmente acabem por sentir assustados e insatisfeitos com a ideia, porque. . . quero dizer, nos velhos tempos quando costumava-mos ler a Bíblia, e os termos e expressões Bíblicas, e toda a sorte de livros que costumávamos ler, de filosofia e não sei mais o quê, quando topávamos com a ideia de que os bons se reuniriam com Deus e os arcanjos por toda a eternidade. . . quero dizer, é algo que com toda a franqueza, não se consegue compreender. E eu sei que num certo sentido não é assim. Por outras palavras, a vida eterna, prosseguir para sempre, deve obviamente pela sua própria natureza significar constante revisão, constante

mudança, flutuação, movimento, seguir nesta ou naquela direcção, ou o que possa ser, porque. . . Não podemos estagnar, não podemos ficar estáticos, ou caso contrário não poderíamos existir.

Isto é algo que eu penso que, embora procure desesperadamente explicá-lo, estou consciente de não conseguir ser muito bem-sucedido, porém, sei o seguinte: temos que viver nalguma forma de existência ou em algum estado de espírito onde, por eternidades venhamos a ser identicamente os mesmos e vivamos a mesma rotina - conforme o diria, para o colocar no sentido material – a mesma velha rotina dia-a-dia, deitar-se e acordar, deitar-se e acordar, independentemente do quão possam sentir em intensidade a felicidade que isso traga, deverá chegar uma altura ou um tempo em que começaria a revoltar-nos e sentiríamos que não seríamos tão felizes quanto tivéssemos sido.

Não estou a dizer que seja exactamente assim aqui, por estar a tentar reduzi-lo ao nível material. Quando as pessoas comentam: "Ai, eu receio a morte e não quero morrer e quero ficar indefinidamente na Terra, "quem quereria tal coisa? Poderás imaginar a que se assemelharia uma existência de um milhar de anos num plano material como o vosso, com todas as suas mudanças? A questão está em que precisamos sofrer mudança; não podemos estacionar, precisamos mudar.

Esse negócio de renascer na terra, e de entrar num corpo físico novo, que num sentido é somente um caixão destinado à expressão da alma individual, mas a questão está em que é isso que torna a vida uma realidade, e a torna uma coisa que em si mesma é compreensível. Por estarem constantemente a experimentar coisas novas e mudança e a conhecer outras pessoas, por vezes pessoas que conhecemos de uma encarnação anterior, e pessoas que possivelmente não tenhamos conhecido antes mas que também se tenham tornado importantes na nossa vida.

Mas quando as pessoas conseguem ver com a clareza da visão que o corpo físico, e o corpo astral se preferirem, não passam de conchas, envoltórios exteriores, ou mecanismos se quisermos, para a expressão e manifestação do espírito, e que quanto maior avanço tivermos, menos importante (num certo sentido) são esses corpos. São meros instrumentos por intermédio dos quais somos capazes de nos pormos em contacto (até certo ponto) com outros afins, possuidores de perspectivas idênticas. Quero dizer, eu vim até aqui junto a ti, e manifestei-me em grande medida, na medida do possível, percebendo o problema e a dificuldade que isto em grande medida implica, por ter estado em grande medida materialmente. . .

Eira: Pareces sempre pareceste persuadir os gatos, querido. Eu arranjei um gato preto que parece estar (. . .) permanentemente. . .

Douglas: Pois, eu faço isso de vez em quando, mas entendes, eu não quero que te vás embora a achar que, pelo que eu disse, não estejamos a viver num mundo que não seja tão real para nós quanto o vosso o é para vós; e que não tenhamos um corpo igualmente real para nós, porque é evidente que vivemos num mundo real e

possuímos corpos que são sólidos – na condição em que vivemos. Mas toda a questão está em que precisam compreender gradualmente, por possivelmente não ser possível nem fácil, nesta altura, compreenderes o facto de que nós somos seres espirituais que utilizam corpos particulares, se quisermos, que temporariamente se prestam ao propósito da vida me que nos encontramos nesta altura – embora possa utilizar o termo "tempo" que todavia acho difícil aplicar, por representar uma expressão confusa aqui, sempre que expressamos o termo tempo aqui, por não estarmos sujeitos ao tempo da mesma forma que vós.

Enquanto vocês estão sujeitos aos dias, às semanas, aos meses e aos anos, e às flutuações entre umas e outras coisas, nós só somos influenciados pelas forças do pensamento das experiências que reunimos, que até certo ponto formam a nossa personalidade e o nosso carácter, e evoluímos gradualmente pelo conhecimento das experiências – múltiplas, um incontável número de milhões de experiências, se quisermos, obtidas junto de todo tipo de gente e de fontes.

E conforme disse antes, nós podemos reentrar no velho eu que fomos num certo período, quer seja um certo período no tempo da existência e recordação terrena ou de vidas passadas. Mas também podemos voltar a penetrar em certos aspectos do ser que tenhamos "encarnado" num determinado plano da evolução neste lado. . .

Eira: Soa terrivelmente complicado.

Douglas: Mas isso deve-se ao facto de não ao conseguir explicar. Isso é o que eu acho que nunca chegamos a conseguir, explicar algo que é puramente espiritual neste contexto numa linguagem material.

Eira: Tenho que pensar nisso. . .

Douglas: Sabes, o que ninguém parece perceber é que existem milhares – e não só dois ou três. Bem sei que ouvem dizer que existem sete esferas nos planos astrais, a primeira esfera e a segunda esfera. . . Mas o que não compreendem é que existem milhares de estados de espírito ou condições do ser. De acordo com a evolução gradual do indivíduo e com um certo nível de consciência e de percepção e experiência, e todos esses mundos se encontram entrelaçados ou se misturam, e a evolução gradual do desenvolvimento de uns para os outros é tão subtil que mal chegamos a perceber as mudanças que ocorrem. E é isso que sucede num sentido menor ou num sentido diferente fisicamente quando se encontram num corpo material.

Eira: Poderei perguntar como estará o meu pequeno irmão que passou há uns meses atrás, o Sidney?

Douglas: Claro que ele se encontra num afortunado estado de existência junto dos seus. Eu vejo-o ocasionalmente. . .

Eira: Eu envio-lhe a ternura que sinto por ele todos os dias.

Douglas. Mas tu sabes. . . como te hei-de explicar estas coisas? Se tu ao menos pudesses perceber o quão próximo todos nos encontramos de ti, e que penetramos na recordação das coisas passadas, e na recordação de nós próprios conforme tu nos conheceste; somos tão capazes de penetrar nessas experiências e nesses eventos passados. . . Vê bem, quando venho até ti, volto num certo sentido mentalmente, se quiseres, e volto no velho nível, mas também, esforçando-me ao mesmo tempo por repassar aqui e ali sempre que possível, certas experiências, certas recordações, coisas de que muito pouco ou nenhum conhecimento tens, pertencentes talvez a um passado terreno de há séculos atrás, e também lembranças de coisas inerentes à minha vida aqui. Quando para aqui vieres isto será tão real para ti quanto o era quando vives no estado de vigília do teu corpo material. A tua vida e a minha vida encontram-se entrelaçadas. As pessoas não percebem que existem agrupamentos de alma. . .

Eira: Sim, tu falaste disso. . .

Douglas: Um agrupamento-alma pode consistir em centenas e centenas de pessoas, todas entrelaçadas em diferentes períodos do tempo, que se tornam parte do grupo. Elas invariavelmente trabalham em conjunto e vivem juntos e possuem um método de trabalho, em particular quando diz respeito à tentativa de ajuda um mundo material. Nós vemos as tragédias do mundo material em que vocês vivem, e nós vemos essas coisas com uma clareza que vocês não percebem. Nós vemos tudo o que acontece nele, que é o que o próprio homem produziu.

As pessoas nem sempre compreendem isso e frequentemente ouvimos as pessoas no vosso mundo bradar contra Deus quando alguma coisa corre mal: "Porque terá Deus permitido isto? Porque permitirá Deus aquilo?" Mas Deus - para fazer uso do termo - concedeu ao homem livre-arbítrio; o homem cria todas as situações em que se encontra. O homem cria as guerras, cria o ódio, a malícia, a intolerância, a enfermidade e a doença, e ao longo de gerações - e não necessariamente um geração - uma geração pode criar ou semear as sementes que a outra colherá. E infelizmente tem que sofrer.

Eira: Espero que o (. . .) traga esse avanço científico da. . . disseste da Rússia?

Douglas: Bom, acreditamos. . . pelo que consegui apurar, pela gente de mentalidade científica, em particular aquela que trabalha em conjunto com gente do vosso lado onde possível, influenciando-a mentalmente e pela força do pensamento, esperamos que isso venha a passar. E por estranho que pareça, tanto quanto fomos capazes de apurar, no momento os Russos estão muito mais interessados e muito mais à procura e estão a por esse motivo estão a receber ajuda. Mas claro que não aceitam que isto seja uma coisa religiosa, por nada ter que ver com a religião.

eira: No meu estado de sono eu visitei esse local tão ilustre para o mundo, e era tão realista. A URSS durará muito? (. . .)

Douglas: Pois, mas tu possuis, devido à aptidão que tens, a faculdade de num certo período de tempo te libertares. Isso é importante, as pessoas libertarem-se temporariamente, do mundano e do material. Ao se libertarem, em particular no seu estado de sono, são capazes de entrar em horizontes que se encontram amplamente afastadas do material, onde veem e experimentam e encontram toda a sorte de gente que se esforça por trazer alguma ajuda e serviço à humanidade.

Num certo sentido tu representas uma ponte, e este é um importante factor, e não apenas o livro, ou outro qualquer que possa vir a ser escrito entre nós. A questão está em que tu enquanto indivíduo estás a ser usada por formas de que nem tu própria tens plena consciência. Quero dizer, isto sucede; podes pensar que pouco está a ser feito e que muito pouco se tem alcançado, e possivelmente num certo sentido isso poderá ser verdade, mas tu não consegues ver aquilo que nós vemos. E nós vemos-te a ti e a outros como tu, como um elo de importância vital em relação à corrente, corrente essa que estamos a criar ao longo de um período do tempo terreno.

E quando esta corrente for fortalecida, chegará a ter uma tal resistência, que as pessoas no vosso mundo serão capazes de compreender um pouco mais, e a resistência da corrente puxá-las-á para mais perto dos domínios do espírito, e então será animada por ela. Não deves (. . .) nem deves criar essa tensão em ti própria. Alturas haverá em que é compreensível que aches que muito pouco é alcançado, mas muito está a ser feito, e tu também viajas pelo astral e recebes muita ajuda e orientação e distracção; encontramo-nos mais próximo agora do que em alguma outra altura, e gradualmente visualizarás e verás e compreenderás mais do que alguma vez terás pensado ser possível. É tudo um processo gradual. Não te deves deixar deprimir. . .

Eira: Ah, não, eu não estou deprimida. Só mais uma coisa com respeito à Lucy, querido. Poderás dizer-me aqui onde pensas que ela esteja? Disseste que ela não está morta.

Douglas: Eu estou convencido de que ela se encontra no estrangeiro.

Eira: No estrangeiro?!Queres dizer, neste país ou. . .?

Douglas. Não. Estou convencido de que ela. . . penso que. . .

Eira: Não se encontra em Inglaterra?

Douglas: Estou convencido de que é certo ela não estar aqui. Sabes, não estou certo mas talvez vos esteja no sangue presumir que ela tenha sido assassinada, mas não é assim; estou convencido disso, não que exista alguma prova que o suporte. Creio

que ela quis dar o fora, que ela quis desaparecer. E creio que ela teria ideias e ambições que possivelmente nunca discutiu com ninguém.

Eira: Terá alguma coisa que ver com a Igreja de (. . .)?

Douglas: Não. estou certo de que ela pouco ou nada teve que ver com a Igreja no sentido de ir nalgum retiro nem nada disso.

Eira: Decerto que se deixou enamorar bastante pela Igreja Católica Romana. Bom, seja como for, querido, esta foi uma conversa magnífica. . .

Douglas: Quando eu souber em definitivo, quando puder apontar, quando te puder dar uma prova evidente, quando puder dar-te detalhes, eu dou-te.

Eira: Sim, escreve. Eu vejo frases e consigo ler. . .

Douglas: Mas estou convencido de que ela não se encontra deste lado da vida. Estou certo de que não. E ainda acho que não ouvirão notícias dela. Bom, mas preciso ir. Dou-te o meu amor, Adeus querida. Não te preocupes.

Eira: Adeus, querido.

CRISTO FOI UM GRANDE MÉDIUM

(250573)

Mickey: Eu não sei se vocês vêm aqui conversar connosco ou conversar uns com os outros.

Audiência: Ah, céus! (Riso geral)

Michey: Estava só a entrar convosco. . .! Mas vocês precisam rir porque as pessoas falam falam, falam e não compreendem. Estive aqui no outro dia uma série de gente mas nunca do jeito que costumava ser. . . Como se interessasse. Não tem importância. Só queria dizer que precisamente de um certo modo é compreensível, mas até certo ponto não falam mas ficam tensas durante os trabalhos, o que não ajuda. É melhor estar descontraído. Bom, não demasiado concentrados, por isso também não ser propriamente ajuda nenhuma.

Como estás, tia. . . (Voltando-se para Eira Conacher) por saber que os teus livros vão ser publicados. . .

Eira: Vai, sim. . .

Michey: Mas não sairão senão dentro de uns dias, não é?

Eira: Amanhã!

Mickey: Amanhã?! Bem que o tio Conacher foi fiel ao que disse. (Riso geral) Fiquei surpreendido por não teres desenhado a capa do teu livro por seres artista, não és?

Eira: Isso foi interessante, Mickey, por que isso me foi pedido, mas não me ocorreu nada que fosse adequado pelo que. . .

Mickey: De qualquer forma, estou certo de que ele irá gostar, pois afinal não é ele que diz que é o interior e não o exterior que importa. . .?

Eira: Claro que sim.

Mickey: Mas claro que eu suponho que o exterior é importante, porque afinal é o que vende o livro. A decoração é feita de linhas retas, não?

Eira: É sim, para dar uma certa ideia de comprimento de ondas. Achei mais do que apropriado, Mickey. Por indicar o que o Douglas irradia a partir do seu cérebro. Ah, ele agora não possui cérebro nenhum, mas mente, não é?

Mickey: É, suponho que sim. Mas muita gente não entende. Quero dizer, acham que não podem pensar a menos que disponham de um cérebro. Bom, precisam ter um cérebro no corpo físico, mas uma vez aqui têm uma. . . como é que lhe hei–de chamar. . .? Não é um cérebro conforme vocês entendem o cérebro, mas uma estação receptora, suponho. É como se fosse capazes de ter percepção e consciência das coisas, mas não precisam ter um cérebro para o reter ou usar como instrumento. . . ora, mas é difícil explicar às pessoas. Há coisas que não chegamos a conseguir explicar adequadamente.

Eira: Pois, mas isso parece-me interessante.

Mickey: Com que então, sempre publicaste aquela foto do homem de negro e sem o chapéu? (Audiência: Ah, não, meu caro. . .) (Riso geral) Eu vi várias fotos e vi uma em que ele estava de chapéu.

Mickey: Sim, eu disse isso aos editores, mas eles preferiram aquela em que ele está sem chapéu, Mickey. Entende, temos que deixar a definição disso a seu cargo. . .

Mickey: Suponho que sim, claro. Mas acho que podiam ter usado uma fotografia minha no fundo da capa. (Riso).

Eira: Ah, Mickey não podia estar mais de acordo!

Mickey: É uma pena que seja demasiado tarde, agora. Eles deviam ter colocado a foto um pouco mais abaixo para eu poder entrar nela, não?

Eira: Não que realmente importe, só estou a dizer, mas teria sido muito mais interessante para as pessoas. . . mas também poderiam não saber de quem se tratava. . .

Eira: Pois é, tenho que concordar. Lamento.

Mickey: Mas acho que não faz mal. . . quero dizer, a foto. Eu pensei que aquela (. . .) mas não sei. . .

Eira: Sim, lembro-me de teres dito isso, mas. . .

Mickey: Sabes, mas tu tens o direito a isso (. . .) Mas não importa, conquanto o livro saia e as pessoas o leiam e lhes traga um incremento e as oriente e tudo isso. Quero dizer, a ideia passa por lhes elevar o íntimo. Creio que o irá conseguir de forma notável.

Eira: Eu também creio que sim.

Mickey: O Douglas sabia que isso ser publicado, ele mencionou isso.

Eira: Pois, ele não veio uma noite destas e disse: "Aquilo do livro está resolvido!" (Falam ao mesmo tempo) Claro que se visses o Douglas agora, ele tem um aspecto tão novo!

Eira: Estou certa que sim. Ele não tem o cabelo comprido, aos cachos?

Mickey: Não. Não tem o cabelo comprido, mas tem-no mais comprido que o normal.

Eira: Eu só perguntei por andar a ver os espíritos um bocado, e ter pensado que ele estivesse a usar o cabelo comprido.

Mickey: Ele é um caso.

Douglas: Que é que é um caso?

Eira: Tu! (Ri) Olá querido.

Douglas: Olá, minha querida. Bom, finalmente! Por fim conseguimos que o livro fosse publicado. Levou um tempo considerável, mas caramba como me encontro feliz. Estou tão satisfeito por isso, e sei que tu também, naturalmente, e estou certo de que o livro venha a fazer um tremendo de um bem e que venha a despertar um tremendo interesse nas pessoas, por toda a parte. Estou certo de que virá a ser um enorme sucesso e não me surpreenderá se vier a ter várias edições. Tenho muita esperança de que (. . .)

Eira: Pois, tu disseste isso faz tempo, lembras-te?

Douglas: Agora precisamos acalmar e tentar conseguir dar um seguimento. Levou tempo mas saíste-te às mil maravilhas, ceio que realmente conseguiste um óptimo trabalho.

Eira: Bom, tentei fazer um trabalho de preparação.

Douglas: Bom, tu precisavas de o preparar e de ter tudo em ordem e esquadrinhar tudo para tornar o assunto escorreito de um capítulo para o seguinte. Eu acho que te saíste muito bem. Elogio-te por isso, minha querida.

Eira. Ah, isso é muito agradável, querido. Tu conseguiste alguma cópia desse lado? Ou não lê os nossos livros?

Douglas: Tenho. . . Não, eu tenho uma cópia. Aqui podemos reproduzir tudo quanto desejemos, ou que sintamos ser necessário ou útil ou importante de uma forma ou de outra, para nós. Creio que te terei dito no passado que dispomos de vastas bibliotecas aqui, com todo o género de livro que diga respeito a todos os aspectos da vida e do empreendimento humano. E decerto que acho que devemos tentar fazer mais, se conseguirmos, juntos, já que temos material suficiente para um outro livro. . .

Eira: Pois, por vida da voz directa. . .

Douglas: Ah, sim, acho que sim, porque, com toda a franqueza, e com todo o respeito, estou efectivamente agradecido a ti e a todos quantos ao longo dos anos ajudaram à comunicação. Mas quando chego assim, realmente sinto estar em contacto directo. Outros métodos possuem mérito e valem como uma tremenda ajuda nas fases iniciais da investigação, mas ser capaz de vir e falar directamente deste modo é muito mais satisfatório, por garantir uma maior oportunidade de uma menor interferência, ou de os pensamentos os outros se misturarem, ou da mente subconsciente do médium se intrometer no caminho. Tanto quanto sei, este é o método mais directo, pelo que o considero muito mais satisfatório. E estou certo de que tu também. . .

Bom, minha querida, tu entendes, outras influências dos velhos tempos, de quando costumava visitar outros médiuns, e só Deus sabe o quanto lhes fiquei grato, e ainda estou, mas tínhamos que tentar o melhor que pudéssemos para lhes transmitir mentalmente os nossos pensamentos, que desejássemos transmitir, e por vezes eles eram captados com razoável fidelidade e transmitidos, mas frequentemente imprimiam-lhes a sua própria interpretação, a ideia que faziam do pensamentos que os penetrava. Por vezes chegavam mesmos a alterar, inconscientemente, o contexto de uma frase, e davam uma interpretação diferente daquilo que eu tentava transmitir-lhes. O problema está nisso. Não acho que alguma vez possamos erradicar por completo o médium da comunicação.

Mas com este método, por nos encontrarmos de fora, pois na medida em que o podemos afirmar o médium exerce muito pouca influência nisso, e não afecta consciente ou inconscientemente o fenómeno. Este é, de longe, o método mais satisfatório. A questão está em que sabem que queremos falar convosco por via desta caixa de voz artificial, o que em si mesmo é algo que leva um certo tempo a habituarem-se, por nos estágios iniciais não ser fácil.

Acho que é por isso que quando muita gente aqui vem por uma primeira vez tem uma enorme dificuldade em conseguir enunciar a sua voz com clareza e de forma distinta, além de ser capaz de transmitir um aspecto qualquer da sua personalidade. É como tentar fazer diversas coisas ao mesmo tempo; precisamos ter em mente aquilo que queremos transmitir, e nos estágios iniciais evidentemente precisamos tentar recapturar recordações de eventos passados de

quando estávamos na terra, que possamos apresentar como prova da nossa identidade. Temos que manipular este mecanismo e como que entrar nele de tal forma que nos tornamos realmente parte dele.

Se não conhecermos o método, se realmente não conseguirmos assumir o controlo, aí obtemos essa confusão e dificuldade. Mas na realidade é muito difícil, no início. Mas assim que ganhamos mão na coisa, assim que nos familiarizarmos com ela e nos ajustarmos e ela, e assentamos ideias com relação a ela não nos permitimos cair na ansiedade nem presos a emoção. Isso é uma outra coisa que quando as pessoas aqui chegam por uma primeira vez apresentam - muita emoção, muita excitação, mas isso é o que justamente torna mais difícil falar de forma distinta e de nos atermos à maneira de pensar que tínhamos e ao que queremos dizer, etc. Nas fases iniciais é muito complexo.

Eira: Suspeito que isso se deva ao facto de teres sido um bom orador. (A esta altura Leslie começa a tossir, e Douglas deixa de acompanhar o que a viúva diz. Eira dirige uma pergunta a Douglas mas Leslie, pensando que lhe está a ser dirigida, responde que "não" e pede desculpa. Curiosamente Douglas ao mesmo tempo também pede desculpa por ter deixado de acompanhar o que ela perguntava.)

Douglas; Que foi que disseste?

Eira: Dizia que na terra também foste um bom orador e sempre soubeste articular as ideias, pelo que suponho que isso deverá ter contado, não?

Douglas: É claro, estás a entender. É muito difícil pôr em palavras aquilo que desejamos dizer. Quando te falo, é como se por uma forma estranha qualquer não é somente aquilo que te estou a dizer, o que tu estás a receber, todos os outros pensamentos se encontram como que na atmosfera, o que parecerá estranho de dizer, mas quando conversamos e quanto nos esforçamos por vir a vós, toda a atmosfera se encontra prenhe (conforme o termo indicado a empregar) de pensamentos pertencentes a todo o tipo de coisa, em particular coisas que digam respeito ao aspecto particular da vida aqui.

Por outras palavras, aquilo que tento fazer é tentar aclarar as ideias, tentar ter tudo como que em ordem, ater-me a uma conversação normal enquanto ao mesmo tempo falo contigo sobre coisas que sinto que de certo modo sejam importantes ou pelo menos reveladoras, na medida em que cabe no meu poder transmitir por palavras coisas que pertencem à vida que aqui levo, que afinal, depois de tudo dito e feito, se acha bastante distanciada no material. Embora em muitos aspectos não tenhamos forma de expressar a vida que aqui levamos.

Eira: (Pergunta sobre o tipo de trabalho com que se ocupa).

Douglas; Bom, faço diversas coisas. Sou um professor. Penso que a melhor maneira de o explicar é dizendo que visito diversos planos, ou esferas, onde milhares de almas vêm viver, em diferentes níveis de consciência, mas quero deixar bem claro

que muitas dessas almas se dão por muito contentes com o ambiente em que vivem e se sentem completamente contentes com o seu modo de vida e com o que têm a experimentar nelas e ao seu redor. Muito raramente nos deparamos com gente que se sinta estressada ou profundamente infeliz; isso acontece de longe a longe, embora o tempo não tenha existência da mesma forma para nós. Mas seja como for temos uma certa consciência do tempo, e como que entramos num novo ambiente.

Muita vez, devo dizer, encontro-me num nível inferior ao que mereço, com a ideia de infiltrar nessa gente algo inerente à vida que tenhamos experimentado, que esteja para além do seu conhecimento ou experiência normal. Por outras palavras, como que despertar-lhes o desejo de mais conhecimento ou de mais experiência. Mas que evidentemente também com o intuito de ficar a saber, não só falar (talvez seja o termo adequado) embora quando refiro "o discurso" não me refira ao que tu compreendes ao falar contigo.

Nós podemos transmitir, através da força dos nossos pensamentos, por intermédio da reunião da experiência que queremos transmitir às pessoas, fazendo vibrar (suponho que a palavra correcta seja esta) a atmosfera existente aqui - e existe uma atmosfera, embora não idêntica à que vocês aí têm, mas é uma coisa real para nós - e somos capazes de transmitir, por diversos comprimentos de onda (uma vez mais, é a única forma porque o posso pôr) não só aquilo que estamos a pensar, o que estamos a sentir ou a expressar, mas também o podemos expressar por imagens. . .

Nós somos capazes de transmitir imagens-pensamento, pelo que, quando transmitimos alguma coisa, digamos, quando tento transmitir às pessoas algum aspecto da minha vida e as próprias condições em que nós existimos, as experiências por que passamos, também as podemos retractar por imagens de uma forma que enquanto ouvem as nossas ideias - porque elas ouvem sob a forma de ondas sonoras, elas escutam as nossas vozes, quer tenham consciência ou não das forças do pensamento que tentamos criar ou enunciar, elas também conseguem ver através da forma de imagens, na atmosfera, aquilo que tentamos retractar. E assemelha-se muito - quase - ao aparelho de televisão, embora essa não seja bem uma descrição exacta, mas. . .

Quando consideramos que se podem sentar numa sala e ligá-lo, e aí à vossa frente no ecrã conseguem visualizar, conseguem ver imagens em cor, de algo que esteja a suceder à distância, tudo isso se encontra na atmosfera; as pessoas não compreendem isso, o que constitui um problema. Se compreendessem mais estas coisas do vosso lado, assim como, em certa medida nos planos próximos da terra onde também não têm consciência de determinadas coisas, entendes. As pessoas não se tornam subitamente conscientes nem têm percepção de muitas das outras coisas que agora são coisa comum, para mim. Para muitos, começar a expandir a visão, o conhecimento e a experiência que têm, e assimilar uma experiência

suficiente é "processo" que leva muito tempo, que a torne credível e compreensível. . . Embora vocês no vosso mundo saibais que isso seja possível, sentar-vos numa sala e assistir ao que sucede a milhares de milhas de distância, tudo isso reside na atmosfera, e manter-se-á, por assim dizer, na atmosfera. E tudo quanto se encontre na atmosfera, poderá, até certa medida, ser captado e assim mesmo transmitido, por intermédio daquilo que poderão chamar de "transmissores."

Poderão dizer, se o preferirem, que nós sejamos, não só "aparelhos receptores," coisa que somos, mas somos igualmente capazes de emitir. . .

Eira: Pois é, tu não me enviaste aquelas imagens. . .?

Douglas: Num certo sentido estava a querer chegar a isso, por ser isso que eu tenho estado a fazer, entendes? Tu podes conseguir isso de uma forma bem-sucedido; as pessoas precisam estar em harmonia, ou por assim dizer em ligação, mas é claro que isso é algo que temos vindo a estar há muito tempo - há séculos, na verdade - em comunicação, juntos, pelo que eu sou capaz de "remeter" para ti imagens mentais inerentes a mim e à vida que aqui tenho, assim como a experiências. Quando te encontras em paz e não és perturbada por nada que te rodeie, és capaz de sintonizar, e eu sou capaz de emitir e tu recebes impressões e imagens mentais acerca de toda a sorte de coisas. . .

Eira: Sim, por vezes vejo-as na parede. . .

Douglas: É isso! Para mim é uma tragédia que vastos números de pessoas, milhões e milhões, não perceba o poder que as circunda na vida material da terra, que é gerado na atmosfera, por nós emitirmos todo o tipo de coisas, e claro que o mesmo num certo sentido. . . que verdade será dizer que as coisas estejam a ser emitidas a partir de estações de difusão que emitem ao longo do éter e da atmosfera toda a sorte de sons que podem ser captados por toda a sorte de instrumentos - e agora é claro que a televisão retracta bem isso. . . (Nesta passagem Leslie, Douglas e Eira voltam a falar ao mesmo tempo)

Eira: ah, e isso (. . .) pelo mundo todo ao mesmo tempo? Aos Domingos. . .

Douglas: . . .pensar que depois de todos estes anos a minha voz ainda vibre na vossa atmosfera e que as pessoas sejam capazes de escutar aquilo que digo, para alguns parecerá estranho e bizarro; alguns acreditarão enquanto outros não. Eu só acho que enviamos sementes, e que iremos enviar mais sementes, e que muitos se sentirão muito abençoados com isso, muito abençoados, por em certa medida erradicar muitas das falsidades e da estupidez do passado e as doutrinas que até certo ponto foram alteradas com o tempo. A única verdade fundamental da vida tem vindo a ser objecto de tal bagunça pelas teorias e ideias criadas pelos homens e por toda a sorte de coisas estranhas que têm sido induzidas ao longo dos séculos que. . . com toda a franqueza reduziram a realidade que está enterrada por baixo.

A verdade na realidade é, e há séculos que tem sido ignorada, poder-se-á quase dizer, é uma tragédia. . .

Eira: . . .por exemplo, eu acredito que a reencarnação fez parte da fé cristã, depois que foi estabelecida em Constantinopla em 556. . .

Douglas: Sim, a Igreja Primitiva enterrou-a. . . pois é claro, que não há dúvida quanto a isso. Com a passagem do tempo, surgiram diversos indivíduos que, pelas mais diversificadas razões pertinentes a eles próprios descartaram um monte de coisas e jogaram fora coisas que acharam que podiam vir a representar uma pedra no caminho à criação de uma organização poderosa, pelo que tornaram isso muito numa coisa fabricada pelo homem, receio dizer. A maioria dessa gente porventura terá pensado estar a fazer a coisa adequada que o mundo necessitava mas, se recuarmos no tempo e na história poderemos ver estas mudanças graduais e ocorrer, pelo que muita da evidência do que residia na sua beleza pristina e absoluta certeza e certeza quanto à realidade da vida porvir foi destruída ou submergiu. . .

Quando se considera o grandioso exemplo do Cristo em particular, percebe-se que aquilo que ele alcançou e fez, e a forma como ele próprio estabeleceu o caminho, que os homens ao longo dos séculos obscureceram até certa medida, a simplicidade, entendes. . . Toda a verdade é fundamentalmente simples, não é tão complexa quanto as pessoas parecem pensar, ou a tornaram. . . A total simplicidade e beleza e realidade do Cristo e da sua doutrina, o cainho que ele palmilhou e a forma como ele. . . "Eu Sou o caminho, a verdade e a vida. . ." não resta dúvida de que o Cristo compreendeu que se o seguirmos, se nos esforçarmos por conseguir conforme ele conseguiu, poderemos realizar como ele disse: "Coisas maiores que estas farão porque eu vou para o meu Pai. . ." que claramente implicam que as coisas que ele fez eram uma coisa normal e natural que qualquer um poderia empreender ou realizar se alcançasse a realização do poder do espírito interior.

Não resta a menor dúvida na minha mente que Cristo compreendeu essas coisas que constituíam funções normais e naturais nele, que ele era capaz de exibir e de demonstrar; não tenho a menor dúvida de que Cristo soube que o homem era fundamentalmente um ser espiritual dotado de poderes espirituais e de faculdades espirituais - em estado dormente, latente dentro de si - que ele poderia utilizar e expressar num sentido material igualmente, a fim de conceder o encorajamento e o esclarecimento e a certeza à humanidade. . .

São Paulo fala dos dons do espírito, do dom da profecia e da cura. . . Cristo fez todas essas coisas, e até mesmo à mulher junto ao poço ele revelou o seu passado; ele era capaz de ver no passado e no futuro e de conhecer até mesmo aquilo que estava oculto das pessoas no presente.

Eira: Sim, ele foi um médium maravilhoso. . .

Douglas: . . .ele foi fundamentalmente um grande médium, um grande instrumento, um instrumento por meio do qual a humanidade poderia ver a luz da verdade do espírito. Mas infelizmente, receio ter que dizer que ao longo dos séculos a Igreja obscureceu e ignorou estas coisas. Mas se a Igreja avivasse essas verdades, e demonstrasse - e isto importa realçar - se demonstrasse essas coisas, nas igrejas, as pessoas regressariam e obteriam a compreensão e a verdade de que tão desesperadamente precisam. Ninguém precisa temer a morte - já disse isto anteriormente - a morte é uma porta de acesso à vida, à vida eterna, para uma maior realização e compreensão do propósito e sentido do ser. Nós encontramo-nos o tempo todo mergulhados no Ser; jamais estagnamos ou ficamos inactivos, estamos sempre em movimento; a vida é mudança constante - é disso que se trata. . .

Eira: Espero que não estejas a trabalhar demasiado, querido, porque por vezes sinto que estás (. . .) mas quando ocasionalmente te vejo. . .

Douglas: Quando se está a trabalhar está-se contente, e se estivermos a fazer o tipo de trabalho que nos traga alegria ao coração - a noção de estarmos a servir, de estarmos a ajudar, de estarmos a elevar e a orientar, e em certos sentidos eu tenho estado a inspirar outros no sentido de buscarem e de descobrirem. A questão toda, minha querida, está em que todos nós, mais ou menos, de acordo com a nossa experiência, estamos de uma forma ou de outra a trabalhar pela melhoria da raça humana e da humanidade; cada um está a contribuir com o seu bocado, por assim dizer, de acordo com a luz de que dispõe.

Até mesmo aqueles que se encontram nos planos inferiores estão em busca, porventura sem que tenham sempre consciência do facto de estarem a buscar, no entanto têm uma percepção íntima da falta de algo e de que necessita daquela orientação mínima, daquela pequena inspiração, daquela pequena ajuda que nós podemos dar e que se estabelece por entre o caminho do verdadeiro progresso.

A humanidade toda anda à procura e em busca, e assi que começar a encontrar o verdadeiro caminho que começou a trilhar e começar a descobrir por si muitas das coisas que anteriormente se encontravam ocultas – é disso que se trata, e é por isso que eu aqui venho e por que outros vêm igualmente, por querermos guiar o mundo para a percepção do poder do espírito, que se encontra em estado dormente na humanidade. Traze-lo ao de cima, de forma que o homem possa expressar as coisas do espírito, enquanto ainda reside na carne, de modo que possamos mudar o vosso mundo e torna-lo mais ciente d vontade de deus e do propósito dos Seus filhos, e derrubar as barreiras que o homem criou ao longo dos séculos por meio de doutrinas idiotas, por meio do credo e do dogma que separa o homem do seu semelhante.

Nós queremos ver o mundo conduzido à iluminação e à verdade, de modo que o mundo se veja livre da tristeza e do sofrimento, e para que não exista infelicidade

nem doença, quer da mente quer do corpo, e para que o homem possa verdadeiramente viver em paz, na tranquilidade, na harmonia e no amor junto, numa verdadeira fraternidade, independentemente da cor, credo ou classe. Estas são as coisas que precisamos derrubar para que descubram o caminho que todos os homens possam trilhar com humildade e alegria, numa verdadeira fraternidade e felicidade, e partilhe e sirva em conjunto, e faça a vontade de Deus enquanto aqui na terra.

Esse é o nosso objectivo e tarefa, é por isso que aqui venho e milhares como eu – para prestar assistência e para elevar, para guiar a humanidade de volta ao caminho da verdade. Sabe que assim é. Só posso acrescentar que esse livro constitui um primeiro passo para nós, e que se Deus quiser haverão mais, por podermos e pelo menos devermos publicar um outro livro. Mas sabe que estes livros irão fazer sucesso. Eu sei que vão ser um sucesso, e sei que muitos virão a ser ajudados, pelo que poderemos dizer que teremos feito um excelente trabalho. Mas tu sabes que entre nós já conseguimos um excelente trabalho. . .

Eu fico-te agradecido, minha querida. Nós somos todos instrumentos, querida, e tu és tanto um instrumento quanto eu sou, e eu sou tanto um instrumento quanto o médium, o Mickey e todos os demais que se acham ligados neste padrão que estamos a criar. Sabes, por vezes assemelha-se a um quebra-cabeças, um bocado aqui, um bocado ali que se encaixa e gradualmente começamos a ver o quadro a tomar forma, e embora tenhamos um pouco mais que fazer entre nós para satisfazermos esse quadro e o tornarmos claro e distinto de forma que todos o consigam ver. Grande parte desse quadro já foi revelado mas muito ainda está por o ser feito para que o consigamos realizar - um outro livro pelo menos, antes que te venhas aqui juntar a mim. Eu sei que já assentaste a ideia disso e que estão determinadas coisas em andamento na tua mente. . .. mas seja como for, minha querida, preciso retirar-me.

Eira: Viste a minha mãe?

Douglas: Vi, e ela encontra-se bem e feliz.

Eira: E o meu irmão?

Douglas: Sim, e ele envia-te o seu amor e bênçãos. Lamento que quando aqui venho assim, ocupe o tempo todo, mas eles enviam-te o seu amor. Agora preciso ir. O meu amor e bênçãos. Estou encantado, e temos razões para nos sentirmos encantados. Um trabalho foi completado e outro está por vir; porém, no devido tempo será conseguido. Eu sei que te vais sentir muito alegre com o teu desejo. Deus te abençoe. Agora tenho que ir, adeus, querida. Adeus, Sr. Flint.

Eira: Adeus.

Flint: Adeus.

Douglas: Deus o abençoe (peço desculpa).

Flint: O quê? Ah, obrigado (Eira ri).

Mickey: Adeusinho!

Eira e Flint em uníssono: Adeus, Mickey.

Eira: Foi formidável, não?

Flint: Foi, hoje foi maravilhoso…

(4865)

REENCARNAÇÂO

4 de Agosto de 1965

Douglas: Olá querida. Esperei tanto por disto.

Eira: Ansiaste mesmo? Adorável! Também eu!

Douglas: O que apuraste em relação ao livro?

Eira: Oh querido de momento ainda não foi lançado. Está a ser revisto. Está para sair dentro de um mês, espero bem. Ainda não o completei muito bem.

Douglas: Estás a fazer uma revisão?

Eira: É isso. Trata-se de uma nova dactilografia. Temos que esperar que venha possivelmente a ser feita.

Douglas: De que vamos falar?

Eira: Bom, sentes-te suficientemente restabelecido para falarmos sobre reencarnação? Disseste certa vez que gostarias de o fazer.

Douglas: Bem, eu sinto-me suficientemente restabelecido mas suponho que o médium não se encontra muito bem, pelo que parece mais difícil, ou assim parece, de qualquer jeito. Mas darei o melhor de que for capaz. Detestaria desapontar-te, já que venho com o mesmo entusiasmo que tu, e com uma tremenda ânsia, e tento decidir sobre o que devo falar, mas é claro que sempre quero falar das coisas que tu queres falar.

A reencarnação é cá um tema tão vasto que levará muitas sessões. Creio que a coisa mais importante a perceber com respeito à reencarnação é o facto de ser algo que não é necessariamente essencial (…) Por outras palavras, nem toda a gente volta a encarnar, embora muita gente o faça. De facto, a vasta maioria. Mas é claro que precisaríamos recuar séculos e séculos no tempo e perceber que há muitas almas que encarnaram em diversas ocasiões e que agora não sentem necessidade de voltar a reincarnar. Mas é claro que precisamos aceitar o facto de que numa vida na

terra só se pode esperar, num certo sentido, arranhar superficialmente a experiência, e é muita vez necessário reentrar no mundo terreno para vivermos uma nova vida, e adoptarmos um novo aspecto e um novo corpo, um novo ser; na verdade muita vez do sexo oposto. Por vezes é essencial experimentarmos certos acontecimentos que podem somente ser experimentados sob determinadas condições, que anteriormente terão sido bastante difíceis quanto tivermos estado anteriormente na Terra.

Mas depois penso que precisamos ter em mente que há indivíduos que optam por retornar para empreender um trabalho especial. A maior parte dos velhos mestres e profetas são almas muito antigas que optaram por retornar para fazer um certo trabalho, numa certa era, e dar um certo exemplo ou mostrar o caminho que outros possam seguir.

Eira: Pois, mas é uma sorte que tanta gente que não aceita, querido, por exemplo, o nosso adorado Findlay, não pareça ter sido capaz de a abraçar.

Douglas: Não creio que, num certo sentido - embora possa parecer muito estranho – que realmente importe que tenha que haver gente com diferentes perspectivas e diferentes estruturas de experiência. E depois, é claro, há muita gente para quem a reencarnação é repugnante e que possivelmente, em muitos casos não tem necessidade de encarnar, não quer reincarnar. Estás a entender, a questão está em que há tantas almas na Terra que experimentaram muito em vidas pretéritas – de quanto evidentemente recordam pouco ou nada de todo, mais provavelmente nada em absoluto - e consequentemente não tiveram tempo, nessa encarnação, para passar pela experiência dessas coisas. Mas de certo modo isso é uma coisa boa. As pessoas dizem: "Se eu recordasse isto ou aquilo; se tivesse alguma evidência ou prova disso. . ." E parecem não recordar tudo quanto sabem. Mas a questão está em que, em muitos casos seria uma coisa má fazer um reconhecimento ou ter a recordação de vidas anteriores; isso representaria uma barreira em vez de um benefício.

Por exemplo, se recordasses certos aspectos da vida que tenham sido, no teu caso, negativos, do ponto de vista de teres feito isto ou aquilo que não devias ter feito, que te fosse prejudicial ao teu avanço espiritual. Se recordasses isso de modo demasiado vívido e tivesses conhecimento a mais sobre isso, na tua encarnação seguinte ficarias de guarda e evitarias artificialmente as coisas, poderemos dizer. Por outras palavras, quando uma coisa ocorre, precisa ocorrer a partir de nós próprios, do nosso íntimo. Se quiseres ser boa ou viver uma vida positiva, ou empreender certas coisas sensatas, se essas coisas brotarem do nosso íntimo e surgirem naturalmente, farás as coisas por achares que as deves fazer e que sejam a coisa certa a fazer, ou fazes essas coisas contra a tua vontade, ou fazes alguma coisa por pensares ser essencial que o faças, por numa encarnação prévia teres negligenciado esse aspecto da tua natureza. Por outras palavras, se fizeres alguma coisa motivada pelo medo, então isso não será bom em si mesmo; isso precisa

brotar naturalmente do mais íntimo da alma. Tu tens que querer fazer alguma coisa. . .

Eira: Pois. Essa é uma questão interessante em que eu nunca pensei. . .

As pessoas diriam: "Eu sei onde errei da última vez," e evitá-lo-iam. Pois bem, a questão está em que se soubessem onde tivessem errado ou se soubessem onde tinham falhado, e nesta encarnação ficassem de guarda, ou dissessem: "Não me devo meter nisto, ou não me devo meter naquilo, por ter sido nisso que errei da última vez," o provável ou o mais certo seria que fizessem algo por uma questão de medo e não o fariam naturalmente, isso não brotaria dos recessos da vossa alma de modo que tivessem vontade de fazer alguma coisa. Até que os homens vivam de acordo com a sua consciência interior, com a percepção interior que têm das coisas que são sensatas e boas; até que os homens desejem fazer o bem pelo bem e não por nenhum outra questão de temor ou receio, haverá problemas evidentemente, na maioria das religiões.

Muita da “bondade” brota, não tanto em função da bondade ou de quererem ser bons, mas do medo de fazerem o contrário, caso em que serão punidos, entendes? Esse é um dos aspectos falsos da religião ortodoxa.

Eira: Descobriste as tuas encarnações Atlantes ou Romanas, querido? Quando chegaste a ter conhecimento delas?

Douglas: Tive conhecimento delas há pouco tempo, mas cheguei a conhece-las com um pouco mais de detalhe. Mas a questão está em que há certas encarnações de que temos pouco conhecimento ou compreensão por em si mesmas representarem uma parte tão sem significado, tão sem importância. Há vidas, (suponho que possam ser chamadas vidas formativas ou experiências de formação na terra) que são muito básicas. . .

Em todo o caso, se recuarmos no tempo, e a forma de vida da época, temos que perceber que em certa medida éramos o produto de uma era. Mas mais uma vez, importa perceber que as pessoas são o produto de uma era. E o que é geralmente aceite como a coisa a fazer ou a perspectiva a ter na vida, nessa era, pode não se enquadrar necessariamente numa outra era, entendes? Há tanto a ter em consideração.

Por exemplo, de acordo com a era em que a pessoa viva, ela pode não ser uma pessoa tão má quanto possamos pensar em retrospecto, por ser o produto de uma era que pode ter sido, por exemplo, muito cruel e a crueldade ter sido uma coisa aceite. Quer dizer, isso dificilmente servirá de desculpa, mas a questão está em que há coisas que não acontecem na vossa vida actual, que eram lugar-comum há cem anos atrás. Hoje vocês não enforcam crianças, enquanto há cem anos atrás não era desconhecido que as crianças que roubassem fossem enforcadas. A questão está em que somos o produto da nossa era e do nosso tempo e do pensamento.

A força do pensamento de uma era é tão forte que decide toda a vida, decide a humanidade toda; e até que o homem progrida em massa - estás a ver, estou a falar do progresso individual do homem, o qual é necessariamente e vital, e há de ser o progresso individual do homem que há de formular o pensamento de toda a raça humana em massa, colectivamente. Mas a questão está em que uma era é de forma predominante tal como pensa; as pessoas dessa era são o produto das mentes da geração anterior, que foi a formação do seu próprio aprisionamento. Portanto, estamos todos, num certo sentido, num era ou num tempo de mudança, e num tempo de evolução.

E numa era, em que a vida individual de uma certa forma é essencial e necessária. E aprendemos, numa certa medida, quando cometemos erros terríveis e fracassamos, mas a questão está em que é muita vez necessário que o ser humano encarne numa nova encarnação, numa nova vida, numa nova era a fim de contribuir com algo que é muito necessário não só para si - ou evoluir ou desenvolver em si mesmo - mas contribuir para a era em que renasce.

Mas há exemplos, evidentemente, de grandes almas que de certa forma são carregadas aos ombros pelas pessoas desse tempo, grandes líderes ou grandes mestres, grandes profetas, grandes videntes - num ou noutro campo - que pode ser o das artes, ou da música; todas as almas grandiosas que o mundo encara como génios. Ou por exemplo, se não for esse o caso, exemplos em que as pessoas são consideradas como muito avançadas para o seu tempo, pessoas que talvez não sejam aceites nessa era, gente que parece não se enquadrar. Essas são almas antigas que optaram por regressar, ou que porventura em certos casos foram enviadas de volta. Mas ninguém realmente entra no mundo contra a vontade. Não acho que se possa dizer que se seja forçado a regressar. A maioria das pessoas deseja reentrar no mundo; elas sentem a necessidade de experiência, ou então sentem a necessidade de um trabalho específico.

Tudo é lei e ordem; tudo é lógico. O extraordinário é que as pessoas digam, por exemplo, em relação, ao espiritualismo, ou à comunicação, ou à reencarnação, ou ao que quer que seja que possa estar ligado ao psíquico ou ao espiritual, que não é lógico. A coisa mais lógica é esta compreensão espiritual. As pessoas agarram-se ao material pensando que isso seja o lógico, mas não é; é o mais ilógico.

Eira: Pois, eu entendo, querido (o médium começa a tossir ininterruptamente). Queria perguntar-te se a mente consciente retém memória de vidas passadas?

Douglas: Pode fazê-lo, porém, infelizmente isso envolve um enorme esforço, a pessoa recuperar memórias do passado. É muita vez algo em que – se a pessoa sentir interesse por tal coisa, evidentemente – a pessoa precisa forçar-se, é algo em que precisará empenhar-se fortemente em amontoar a nossa memória. . .

Eira: Bem, eu tenho as minhas maravilhosas tentativas em reencarnação, sabes, conseguidas a partir (. . .) que escassamente chegam a atingir cinco das minhas

anteriores vidas importantes. Poderemos conseguir detalhes claros quanto a datas? Mas eu de facto lembro-me um pouco da minha última encarnação, no século dezassete.

Douglas: Sim, penso que por vezes seja possível. Não é uma coisa generalizada. Penso que para certas pessoas aceder à fonte de provisão ou à fonte do conhecimento seja obviamente útil.

Eira: Em especial no século dezassete pareço ter características mediúnicas. Parece bem interessante, não?

Douglas: Mas uma vez mais, tu tens nesta, mas provavelmente tu não o percebes e nisso está o problema. . .

Eira: Bom, não no sentido do costume.

Douglas: Não és uma médium no sentido geralmente aceite mas tens uma tremenda inspiração, embora por vezes o ignores pensando que seja a imaginação. Grande parte do que poderias fazer não fazes - não digo que seja falta tua, por pensar que sejas, até certo ponto excessivamente cuidadosa a um grau incrível, o que de certo modo não é mau, mas a questão está em que tu podias anotar muitas impressões no papel, pensamentos e ideias que eu inculco na tua mente. . .

Eira: Teremos estado juntos em vidas anteriores?

Douglas: Tivemos duas encarnações no Egipto e uma na China antiga, e outra, que eu saiba, na Roma antiga. Além disso fomos, até certo ponto, influentes, no início do século dezoito - fins do dezassete e começo do dezoito - ao trazermos à existência uma nova compreensão dos ensinamentos do Cristo, mas isso, é claro, era difícil por ser uma época em que a religião ortodoxa era muito poderosa. Mas com efeito nessa altura dispusemos de uma interpretação e de uma compreensão da fé Cristã que tentamos incutir e imprimir e trazer à existência, mas foi, evidentemente, muito difícil. Porque sabes, numa certa altura tivemos uma ligação com a Holanda. . .

Eira: Pois, é claro. . . Penso que tenha sido no século dezoito em que eu, para poupar a minha cabeça, pareço ter adoptado a Igreja Romana, o que me deixa divertida.

Douglas: Sim, mas tu és, estás a ver, porque nessa era em que tivemos esse tipo de compreensão da verdadeira fé Cristã, as circunstâncias, que se tornaram muito difíceis, e se quiséssemos manter a cabeça, conforme deva dizer, se quiséssemos manter-nos vivos e mais tarde podermos chegar a fazer alguma coisa de valor, tínhamos que fingir superficialmente que aceitávamos a religião ortodoxa. Porém, receio que não tenhamos sido capazes de fazer tanto quanto esperáramos. Mas tu sabes, nós sempre fomos – na medida em que o descobri - possivelmente a coisa mais importante de todas - sempre tivemos interesse por descobrir a verdade, a

verdade religiosa. E não fico nem um pouco surpreendido por ter passado e despendido tanto do meu tempo e esforço, na minha última encarnação, com respeito a difundir o Cristianismo. Eu arrependo-me de não o ter difundido ou não aceite o que agora sei ser a verdade. . .

Eira: Pois, essa é uma questão estupenda, querido.

Douglas: Mas tu e eu, durante séculos, em todas as nossas encarnações, estivemos associados e ligados à religião. Sempre fomos buscadores. . .

Eira: Essa é uma questão espectacular, não é? Muito, mesmo. (. . .) não tens intenção de encarnar antes de eu passar para aí?

Douglas: Não, não creio que deva voltar a encarnar de novo. Penso que o trabalho com os laços que tinha tenha sido acabado. Estou certo de que não quero regressar e tenho a certeza de que tu não quererás. Quero avançar deste lado, há muita coisa que quero aprender e descobrir, e o que constitui a maior alegria aqui é esta incessante descoberta, esta constante descoberta e experiência de coisas novas. A vida jamais cessa de ser maravilhosa, e sempre há algo fresco e novo a compreender e a descobrir. Jamais tinha chegado a conhecer tal paz e sossego, tanta facilidade como a de que actualmente desfruto.

É uma paz maior do que a que alguma vez conheci. Mas o que quero que saibas acerca disto é que é uma alegria constante para mim. O facto de termos esta comunicação constitui a maior bênção. Se quiseres, mas estou certo de que o quererás, de futuro, eu concentrar-me-ei nas encarnações e entrarei em tantos detalhes quanto puder. Isso poderá tornar o livro mais interessante. Espero que devas esperar em escrever mais livros (Inaudível por falarem ambos ao mesmo tempo) mas da próxima espero que consigamos muito melhor. Remeto-te todo o meu amor. Preciso ir. Adeus querida.

7765

TODOS ENCONTRARÃO

A SUA CONDIÇÃO DE ACORDO COM A SUA LUZ

Douglas: Minha querida, de que vamos falar hoje?

Eira: Bom, queria que me desses uma palavra para o prefácio de autor de hoje; disseste que ias pensar nisso, no que podes dizer sobre ti próprio e quanto ao propósito do livro. É o início do livro que carece de uma palavra, creio bem.

Douglas: Ah, não. Referes-te a mim actualmente ou a mim conforme eu fui?

Eira: Pois é, disseste que seria possível dispensares um prefácio de autor, pelo que creio que. . .

Douglas: Um prefácio de autor. . . Pois, acho que seja a coisa habitual que um autor tenha a fazer: apresentar um prefácio para o seu livro. Sinto que estou a colocar nas mãos de inúmeros leitores, segundo espero, um livro que pelo menos lhes dará a oportunidade de apreciar e de perceber, até determinada medida, os aspectos da verdade conforme agora se me afiguram ao conhecimento - ou seja, que a verdade é verdadeiramente eterna; que a morte de forma nenhuma representa o fim. Na verdade podemos mesmo afirmar que a morte realmente representa a passagem para a vida, e que só começamos realmente a viver quando tivermos morrido.

A morte não é para ser temida, por representar o grande libertador; embora possamos sentir que o processo do morrer seja algo a recear, mesmo assim, a percepção que sobrevém quando tivermos passado essa entrada, a percepção de que a vida se acha verdadeiramente repleta de novos interesses, de novas ideias e de novos pensamentos, e que nos vemos cercados não só pelos nossos amigos e por aqueles a quem tivermos amado, mas por novos amigos que estão ansiosos por prestar assistência e orientar e por nos elevar.

Percebemos que a nossa própria mente está sempre aberta para uma nova luz, e que a iluminação do espírito é tal que ninguém, por mais baixo que tenha caído na terra, até mesmo para tal pessoa há uma enorme oportunidade de lutar para sair da escuridão e entrar nesta luz; que alma alguma está perdida e que esforço nenhum é desperdiçado; que são dadas novas oportunidades, novas esperanças e novas ideias, novos meios de expressão, expansivos. Que o amor conquista todas as coisas; ninguém precisa recear a morte por a morte constituir uma grande aventura; na verdade a morte é algo que deveríamos não recear, mas esperar ansiosamente, percebendo que realmente é o grande libertador dos males e dos cuidados da vida terrena.

Ao mesmo tempo deviam perceber que a existência terrena é necessária, é mesmo essencial. De facto não gostamos de ir à escola embora precisemos aprender as lições necessárias antes de podermos aceder ao grande mundo exterior do espírito. Torna-se-nos necessário que sejamos bons alunos. Contudo, ao mesmo tempo, creio que seja realista afirmar que embora por vezes negligenciemos os nossos estudos, e por vezes pareçamos ser os últimos da classe, apesar mesmo das maiores dúvidas subsiste a maior das esperanças, de que nenhum momento do tempo se perde ou é desperdiçado, e que viremos a dispor e que de facto dispomos de toda a oportunidade que nos é estendida, e que em bora venha a ser necessário em certos casos regressar à escola por um breve período de tempo, a fim de colher uma lição ou lições em que possamos ter fracassado anteriormente, apesar disso no final todas as coisas alcançam a plena fruição.

Alguns de nós quando porventura tenhamos estado na terra, teremos tido mestres que por vezes nos terão ensinado coisas em toda a sua sinceridade que apesar de tudo se tenham provado erradas, categoria essa em que vejo que me posso colocar, por ter colhido lições que me foram transmitidas, não necessariamente por maus

mestres, mas diria antes, mal informados que eu, não sendo preconceituoso aceitei, como muita vez na vida aceitamos cegamente, conforme seria espectável que aceitássemos certas coisas que agora sei terem sido falsas. Ainda assim, percebo muito bem as dificuldades de quantos se vêm particularmente colocados em posições cimeiras, aqueles a quem porventura tenha sido dado um trabalho a empreender, que tenham tido a diligência para o fazer pelo melhor que podiam, e que aceitam qualquer coisa no sentido religioso, que agora sei serem carentes de verdade.

Mas isto não representa de modo nenhum uma crítica, porque tudo quanto digo, tudo quanto me esforço por fazer está patente, e o objectivo e o desejo que tenho é o de servir, e eu percebo que seja natural, na realidade ser expectante porquanto o que pudermos dar ao mundo sobre a verdade - conforme agora tenho conhecimento - que em parte tem sido rejeitado, ou não aceite devido a que pela sua própria natureza estar em oposição ao que é actualmente geralmente aceite como a verdade.

Mas jamais deveríamos perder de vista o facto de que a verdade é multifacetada e de que ninguém, nenhum indivíduo, nenhum grupo, nenhuma nação, nenhuma igreja detém o monopólio da verdade. A verdade assemelha-se a um diamante multifacetado contudo ao mesmo tempo, é de vital importância perceber que há muitos diamantes, muitas jóias que o homem não percebe, e que muitos desejam pôr de lado por não terem sentido nem contarem, não apresentarem qualquer propósito nem sentido, quando na verdade desde tempos imemoriais o homem tem vindo a esforçar-se por perfurar o véu e tem-se esforçado por descobrir a verdade, e a tenha procurando por toda a parte.

Têm existido almas grandiosas que foram inspiradas e guiadas e que legaram ao mundo aspectos da verdade, e que têm estado em sintonia ou comunhão com almas deste mundo, que têm sido inspiradas e a quem têm transmitido muito do que é bom. Os grandes mestres e profetas da antiguidade foram os precursores e muitas vezes foram eles que fundaram - em muitos casos de forma inconsciente na maior parte dos casos mesmo - novas religiões. Porquanto eu estou certo de que não terá sido intenção de alguns desses grandiosos profetas fundar nenhuma religião particular.

Eles receberam uma orientação divina, e transmitiram aos homens aquilo que receberam. Os homens edificaram ao redor dessas verdades organizações religiosas que se desenvolveram em denominações (comunidades religiosas) que com o tempo sofreram dissensões, e conheceram novos homens e novas gerações alteraram e mudaram e tanta vez obscureceram as verdades simples que tinham sido reveladas na antiguidade. Foi assim que chegaram a ter todas essas cisões e todas as divergências entre as várias organizações e povos, todas quanto professavam aceitar a mesma verdade e a mesma revelação.

Mas, se pudermos ao menos perceber que Cristo, em particular, veio ao mundo a fim de partilhar o caminho da justiça e da verdade, e a fim de abrir os olhos da humanidade para a realização da vontade e propósito de Deus, e que na sua própria vida se esforçou por conduzir o homem de volta à verdade, homem que, na sua insensatez e ignorância desejou cada vez mais milagres, e que, após ter recebido esses milagres, exigiu mais, milagres que ainda assim muitos litigiavam e não aceitavam. Mas mesmo aqueles mais crassos que aceitaram o mestre Jesus não tivessem podido ver muita vez o verdadeiro sentido e o verdadeiro propósito, frequentemente encaravam-no como um líder no sentido material - tanto quanto, senão mais mesmo no sentido espiritual.

Nós não percebemos, porventura, até que seja demasiado tarde, quão grandiosas são as oportunidades que nos são apresentadas na terra. Somente quando somos capazes de olhar para trás para o vosso mundo, conforme o fazemos desde este lado, que vemos as oportunidades perdidas, e vemos os erros tão frequentemente cometidos e as tolices, ignorância e o orgulho. E assim era no tempo de Cristo, que não conseguiu ver o verdadeiro sentido e o propósito da sua vida. Para eles, ele representava um grandioso poder que lhes fora dado que poderia ter sido usado para enormes avanços materiais, para um grande progresso material; para a superação, pensavam eles, do jugo imposto por Roma.

Porém sabemos muito bem que Cristo se preocupara mais, na verdade estava mais interessado no domínio do espírito e da vida eterna, e sabia que a morte constituía a passagem para ela e não a temia. No entanto não devemos nunca esquecer que ele fora humano, que fora um homem tal como qualquer outro, e não o que certa gente parece pensar que tenha sido - um espírito puro - porque ele foi um indivíduo físico que, em muitos aspectos sofreu os tormentos do corpo, não só por altura da sua morte mas durante a sua vida.

Penso que esquecemos demasiado a realidade do Cristo enquanto indivíduo, enquanto homem, mas precisamos ter em mente que é aí e somente aí que o poderemos entender em pleno e aproximar-nos dele na medida em que ele foi verdadeiramente aquilo que somos. Consequentemente, quando ele referiu "Coisas mais grandiosas farão os que cumprirem a vontade do meu Pai," o que na verdade queria dizer é que possuímos em nós, enquanto na terra, temos o poder de fazer as coisas do espírito.

Cristo conheceu o poder que reside dentro do homem, mas o homem encontra-se de tal modo cego para essas coisas do espírito que se abstém e receia e dúvida no temor que abriga. Porém, não há necessidade de recear quando se percebe que o poder do espírito sempre nos rodeia e reside em nós, e que nada se faz impossível ao espírito, e que na realidade nós somos seres espirituais, embora nos vejamos porventura em risco na terra, em particular por causa dos pensamentos materiais. Porém, na realidade somos filhos e filhas de Deus, e se o recordarmos, nada se nos afeiçoará impossível.

Os dias que se apresentam pela frente á Terra oferecem muitas oportunidades aos homens, se ao menos ele as aceitar e souber usar, e se aprender as lições da escola da vida a que é chamado. Mas não deve pensar que essa escola da vida seja tudo e um fim em si mesma, por não passar do estágio de crisálida que um dia sem dúvida romperá os vínculos que tem para se tornar numa borboleta de muitos matizes. Nós não duvidamos, por não termos necessidade de duvidar da realidade da vida, por esta ser verdadeiramente a vida, a vida eterna, o espírito eterno para quem todas as coisas são concebíveis e possíveis onde isso reina, e onde o poder é tal que todas as coisas que são boas são eternas.

Não duvidem nem receiem a morte, por a morte representar verdadeiramente a passagem pela qual entramos no estado de beatitude eterna, em bora não tenham que pensar, por causa destas cosias que eu disse, que este mundo seja necessariamente sempre conforme porventura gostaríamos que fosse - com o que quero dizer que o homem descobrirá para si próprio de acordo com a luz que tiver; e que irá ter que evoluir gradualmente de estado em estado e de condição para condição diferente, e que ele virá gradualmente a tornar-se mais e mais consciente e consciente das verdades eternas, e que a mudança é necessária - na verdade, não fora pela mudança que sofremos em nós próprios e na nossa natureza e no nosso alcance da nossa capacidade, não creio que a vida eterna pudesse existir por não podermos viver nem compreender uma eternidade em que todas as coisas fossem iguais e em que não houvesse mudança e em que repetíssemos sempre as mesmas coisas e fôssemos constantemente os mesmos.

Aquilo que estou a tentar transmitir é que todos os homens descobrirão a sua própria condição segundo a sua própria luz, mas que na realidade mudarão de grau em grau de acordo com esse avanço ou falta dele. Mas todos os homens são o Espírito. Nos planos espirituais a da vida espiritual todas as coisas são possíveis de acordo com cada um. Ninguém se perde, e há esperança para todos.

Aquilo que revelei no livro, alguns em muitos aspectos acharão difícil de perceber, apesar de ser verdade. Estou ciente de vir a encontrar a maior das oposições da facção em que deveria ser mais aceite, mas isso, bem o sei, é o curso. Mas infelizmente é verdade que até que as escamas lhes sejam retiradas dos olhos, o homem não pode chegar verdadeiramente a ver. E tantos se encontram cegos por todos os credos e dogmas que a verdade para eles se encontra obscurecida. Porém se se esforçarem por se libertar das cadeias da ortodoxia e se livrarem do preconceito, então verão a verdade, as coisas que são do espírito os elevarão a maiores alturas.

As minhas bênçãos vão no livro, as bênçãos que estendo a todos quantos o lerem, a todos quanto o aceitarem e a todos quantos caluniam, por haver quem não consiga ver, mas quantos vierem a ver e a perceber esta verdade, esses são os verdadeiramente abençoados e a esses eu digo que tenham bom coração e resistam, porque aquilo que não for para vós hoje, sê-lo-á amanhã.

Eira: Foi adorável e maravilhoso, querido. Muito obrigado.

Douglas: Terás que o cortar um pouco, reorganiza-lo um pouco, mas é o sentimento generalizado que tenho.

Eira: Pois, agradeço, está muitíssimo bom, querido.

Douglas: Espero que fique bem.